

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CAMPUS DE AQUIDAUANA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS CULTURAIS

JUSSARA LEÃO BALBUENO

UMA LEITURA DO CENÁRIO POLÍTICO BRASILEIRO DO ANO DE
2020 A PARTIR DE MEMES DE INTERNET: DIÁLOGOS E COTEJOS
SOB A LUZ DA HETEROCIÊNCIA DO CÍRCULO DE BAKHTIN

Aquidauana-MS

2022

JUSSARA LEÃO BALBUENO

**UMA LEITURA DO CENÁRIO POLÍTICO BRASILEIRO DO ANO DE
2020 A PARTIR DE MEMES DE INTERNET: DIÁLOGOS E COTEJOS
SOB A LUZ DA HETEROCIÊNCIA DO CÍRCULO DE BAKHTIN**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Culturais, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Aquidauana, como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos Culturais, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Patrícia Zaczuk Bassinello.

Aquidauana- MS

2022

JUSSARA LEÃO BALBUENO

**UMA LEITURA DO CENÁRIO POLÍTICO BRASILEIRO DO ANO DE 2020 A
PARTIR DE MEMES DE INTERNET: DIÁLOGOS E COTEJOS SOB A LUZ DA
HETEROCIÊNCIA DO CÍRCULO DE BAKHTIN**

BANCA EXAMINADORA

Presidente e orientadora: Prof^a. Dr^a. Patrícia Zaczuk Bassinello
PPGCult/UFMS

Arguidora: Prof^a. Dr^a. Camila Caracelli Scherma
PPGE/UFFS

Arguidor: Prof. Dr. Fábio da Silva Sousa
PPGCULT/UFMS

Aquidauana, 28 de setembro de 2022.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao meu amado filho Paulo Estevão, que com o seu sorriso resplandecente, deixou o meu coração alegre. Dedico carinhosamente também, aos coraçõezinhos sedentos por esperança, com os quais tive a alegria de conviver durante a minha vida como “tia” e “prof”.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer a Deus, a Jesus Cristo e a todos os miguês do mundo espiritual que me ajudaram a chegar até aqui, me inspirando e me ajudando a bloquear as energias negativas envoltas em alguns pontos que foram discutidos aqui neste trabalho.

Quero agradecer à minha amada mãezinha Roseli, que com sua presença serena me passou os maiores ensinamentos da vida, que me ensinou a ser paciente, a ser gentil, e que o amor é o melhor remédio para tudo. Obrigada, minha mãe! Te amo!

Da vida nada seria, se não tivéssemos ao nosso lado pessoas incríveis para compartilhar os perrengues, as lutas e as vitórias! Por isso, agradeço ao meu querido e amado companheiro de caminhada e esposo Leopoldo, por ter me amado e me aturado até aqui [Risos] obrigada pela sua amizade, cumplicidade e companheirismo. Te amo!

Minha gratidão eterna a minha amada família Leão, por ter entendido e respeitado os meus momentos de ausências para que eu trabalhasse neste meu sonho! Obrigada por sempre me incentivar e acreditar no meu potencial, minha família! Amo vocês!

Acredito que na vida tudo tem um propósito e um porquê. Não foi à toa que os nossos caminhos se cruzaram, minha querida orientadora Patrícia! Muito obrigada pela sua paciência, carinho e ajuda neste meu processo de descobrimento e desenvolvimento como pesquisadora! Sem você, nada disso seria possível! Serei eternamente grata por você ter me apresentado um outro lado da Ciência, um lado edificante e amoroso! Te amo!

Não posso deixar de agradecer a duas queridas professoras com as quais eu convivi durante o meu caminho como graduanda, as maravilhosas Nilza Lemos e Isabel Ratund! Muito obrigada, professoras! Vocês foram decisivas na minha constituição como prof! Nos reencontraremos no outro plano, um grande abraço!

Sozinhas não construímos nada! Por isso, quero agradecer as conversas (mesmo pelo meet e zap), as leituras, as amizades, e os debates proporcionados pelas vivências no grupo de pesquisa LindeCult! Obrigada, queridos colegas!

Gostaria de deixar expressa aqui a minha gratidão à professora Camila Caracelli Scherma por ter aceitado o convite em fazer parte da minha banca avaliadora como arguidora externa, e ter auxiliado no processo de formulação deste trabalho na qualificação, e ter contribuído imensamente na conclusão deste, com as suas valiosas considerações! Muito obrigada, querida professora Camila!

Meus sinceros agradecimentos ao professor Fábio da Silva Sousa, pela dedicação e atenção no trato do meu trabalho, tanto na qualificação quanto na defesa! Muito obrigada por

ter me ajudado a pensar, a agregar e a construir sentidos neste trabalho! A sua leitura como historiador atribuiu potencialidades a este trabalho! Muito obrigada, querido professor Fábio!

Gostaria de agradecer a todos docentes do Programa de Pós-graduação em Estudos Culturais da UFMS-Campus Aquidauana, pelos valiosos ensinamentos passados nesses dois anos e meio em que estive na ilustre presença de vocês! Vocês são maravilhosos e dignos de profunda admiração!

E por último, e não menos importante, gostaria de agradecer ao meu amado filhinho Paulo Estevão (que nem sabe ler ainda kkkkkk, mas acho importante deixar registrado aqui) que chegou de surpresa, e fez despertar em mim o meu melhor! Te amo para sempre, filho!

BALBUENO, Jussara Leão. **Uma leitura do cenário político brasileiro do ano de 2020 a partir de memes de internet: diálogos e cotejos sob a luz da heterociência do círculo de Bakhtin**. 2022. Dissertação (Mestrado em Estudos Culturais). Campus de Aquidauana, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Aquidauana, 2022.

RESUMO

Esta pesquisa de mestrado propõe uma leitura e compreensão acerca da representação do cenário político brasileiro do ano de 2020 a partir de narrativas distintas que transitam pelos espaços virtuais, expressas por intermédio dos memes de internet. A partir desse propósito, intentamos compreender os embates discursivos que acontecem no ciberespaço (LÉVY, 2010), mais propriamente nas redes sociais, de forma a entender a constituição dos sujeitos inseridos nesse recorte espaço-temporal proposto, concebendo o meme como um gênero do discurso, calcado teoricamente na heterociência do Círculo de Bakhtin (BAKHTIN, 2011) e seus estudiosos. Em relação à constituição dos sujeitos, propomos um diálogo teórico entre estudiosos do campo dos Estudos Culturais que teorizam o tema, tais como Hall (2014), Woodward (2014), juntamente com estudiosos que se debruçam a pensar na referida temática a partir dos escritos do Círculo de Bakhtin, como Bassinello e Miotello (2019), Miotello (2018), compreendendo a construção da identidade por intermédio da alteridade. Por meio da heterocientificidade bakhtiniana, baseamos as nossas análises no exercício de interpretação marcado pelo cotejamento de textos, objetivando a ampliação do nosso horizonte de compreensão, a fim de visualizar as expressões de luta e de resistência realizadas pelo “ser expressivo e falante”, objeto de estudo das ciências humanas (BAKHTIN, 2011). Dessa forma, realizamos o cotejo entre os memes selecionados e outros textos, que compreendem artigos científicos e de opinião, matérias e reportagens da esfera jornalística, charges e posts virais. Compreendendo o mundo e a linguagem de forma dialógica, fizemos o exercício de escuta dos nossos sujeitos expressivos e falantes, ouvindo assim, muitas vozes que compõem o discurso. Como proposição, apresentamos o riso como uma poderosa força libertadora de mentes e espíritos, a qual possui a faculdade instigadora de promover debates e conscientizações. Na conclusão, temos a apresentação de uma compreensão outra, uma contrapalavra, pretendendo atribuir sentidos no mundo, praticando o exercício de pensar os sujeitos a partir da plenitude de suas existências.

Palavras-chave: Memes; Cenário político brasileiro de 2020; Gêneros do discurso; Riso; Alteridade.

ABSTRACT

This master's research proposes a reading and understanding of the representation of the Brazilian political scenario in the year 2020 from different narratives that transit through virtual spaces, expressed through internet memes. From this purpose, we intend to understand the discursive clashes that take place in cyberspace (LÉVY, 2010), more specifically in social networks, to understand the constitution of the subjects inserted in this proposed space-time cut, conceiving the meme as a genre of discourse, theoretically based on the heteroscience of the Bakhtin Circle (BAKHTIN, 2011) and its scholars. Regarding the constitution of subjects, we propose a theoretical dialogue between scholars in the field of Cultural Studies who theorize the theme, such as Hall (2014), Woodward (2014), together with scholars who focus on thinking about the theme from the writings from the Bakhtin Circle, such as Bassinello and Miotello (2019), Miotello (2018), understanding the construction of identity through alterity. Through Bakhtinian heteroscientificity, we base our analyzes on the exercise of interpretation marked by the comparison of texts, aiming at expanding our horizon of understanding, to visualize the expressions of struggle and resistance carried out by the "expressive and speaking being", object of study of the human sciences (BAKHTIN, 2011). In this way, we compared the selected memes and other texts, which include scientific and opinion articles, articles and reports from the journalistic sphere, cartoons, and viral posts. Understanding the world and language in a dialogic way, we performed the exercise of listening to our expressive and speaking subjects, thus listening to many voices that make up the discourse. As a proposition, we present laughter as a powerful liberating force for minds and spirits, which has the instigating faculty of promoting debates and awareness. In the conclusion, we have the presentation of another understanding, a counterword, intending to attribute meanings in the world, practicing the exercise of thinking about the subjects from the fullness of their existences.

Keywords: Memes; Brazilian political scenario of 2020; Speech genres; Laughter; Alterity.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- A idade média era muito louca.....	30
Figura 2- Meus planos e 2020.....	32
Figura 3- Cada um tem o demônio que merece.....	33
Figura 4- A culpa não é minha!.....	34
Figura 5-Cardi B. e o Coronavairus.....	42
Figura 6- Compras na Wish.....	43
Figura 7- Chinês tossindo na pastelaria.....	43
Figura 8- Paulo Guedes, pague meu arroz!.....	47
Figura 9-Calvie Candie zuêro.....	48
Figura 10- Arma no cangote dos outros é refresco!.....	49
Figura 11- Para, Salles! Sabemos que você é ecocida!.....	58
Figura 12- Quem é o responsável?.....	60
Figura 13-O amor incomoda muita gente.....	61
Figura 14- Me engana, que eu respondo!.....	63
Figura 15-O toba de milhões.....	69
Figura 16- Deixe de ser gado.....	71
Figura 17- Dona Florinda no país sem corrupção.....	72
Figura 18-Braço biônico.....	77
Figura 19- Cloroquina no fígado dos outros é refresco.....	80
Figura 20-Que isso, ermã! Abaixе essa arma!.....	83

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
CAPÍTULO 1- A CENTRALIDADE DA LINGUAGEM NA CONSTITUIÇÃO DO SOCIAL E DO CULTURAL	10
1.1-A concepção de linguagem como mecanismo de interpretação da realidade histórica	10
1.2-O gênero discursivo memes origem, conceituação e suas ressignificações.....	14
1.3- A centralidade da linguagem no processo de compreensão da cultura	17
1.4-Cotejos sob a luz da heterociência bakhtiniana: um caminho de encontro e alargamento dos sentidos	19
CAPÍTULO 2- DIÁLOGOS, RISOS E ALTERIDADES NO CIBERESPAÇO	23
2.1- O deslocamento compulsório do físico para o virtual e a sua pertinência nas questões de constituição e representação da identidade.....	24
2.2- Vozes que riem, se posicionam e ecoam no ciberespaço.....	28
2.3-O diálogo como ponte para a constituição da identidade a partir da alteridade.....	35
2.4- “Ideologia, eu quero uma pra viver”	37
CAPÍTULO 3- CAPÍTULO 3- RELAÇÕES DIALÓGICAS EM REDE: DIÁLOGOS, DISCURSOS E POSICIONAMENTO CRÍTICO	40
3.1- Humor, ironia e ideologias- o encontro de discursos outros: “Queria comprar uma arma, mas não consigo nem comprar arroz”	45
3.2- “ <i>Passando a boiada</i> ”: o caos ambiental e as manifestações artísticas e populares em ambientes virtuais.....	55
3.3- A linguagem como arena de expressão dos embates sociais: o caso do meme “acabou a corrupção”	62
3.4- De político a religioso: fanatismos e negacionismos.....	74
Uma compreensão outra e conclusão	84
Referências	88

INTRODUÇÃO

NÃO HÁ LIMITES PARA A LINGUAGEM E PARA A CRIATIVIDADE HUMANA

“Perdi muito tempo até aprender que não se guarda as palavras, ou você as fala, as escreve, ou elas te sufocam.”
Clarice Lispector

É com imenso prazer, que apresento nas próximas linhas e páginas, este trabalho de pesquisa que tanto prezo, principalmente, porque ele significa muito mais que um trabalho para mim, pois se caracteriza como o meu projeto de dizer, no qual eu expresso o meu lugar de fala, de forma responsiva e responsável, visando compreender por intermédio das narrativas distintas que transitaram nas redes sociais durante o recorte temporal de 2020, o caos sanitário e político que pairou sobre o nosso amado Brasil. Desde já, preciso me denunciar! Eu não escrevi este trabalho sozinha, pois o redigi acompanhada pelas muitas vozes que cruzaram o meu caminho, as quais com as suas alteridades ajudaram a constituir o meu ser, e me trouxeram até aqui pelo fantástico fenômeno do dialogismo. É sucinto dizer que, durante a produção deste trabalho, eu vivi muitos embates internos e externos, os quais quase me levaram a cair perigosa na armadilha de reprodução do ódio.

Porém, Deus foi muito generoso comigo, e me enviou um anjo, o qual me salvou amorosamente (e inesperadamente) dessa cilada, e que a partir desse momento, todas as amarras forjadas pelo ódio em mim foram dissipadas, pois a partir desse acontecimento, eu só consegui emanar amor. Acredito que somente o amor é tão poderoso quanto o ódio, porém a diferença entre eles, é que o primeiro é edificante, constrói coisas boas, e faz brotar em nós a esperança, já o segundo, nos atira de um precipício rumo a um limbo da perdição e da autossabotagem. Dessa forma, este trabalho intenta demonstrar o potencial das forças centrífugas na constituição do mundo, que munidas com o diálogo, a alteridade, e o riso construtor, possuem o poder de destronar os sistemas do medo e discursos de ódio.

Para atender a esses propósitos, esta pesquisa foi elaborada com intuito de apresentar uma leitura do cenário político brasileiro do ano de 2020, a partir de memes de internet, com o auxílio da heterociência bakhtiniana, a qual me auxiliou na constituição do caminho metodológico adotado aqui, o qual vai muito além de análises e interpretações, pois se caracterizou como uma verdadeira filosofia de vida para mim, no tangente a maneira de perceber o mundo e as relações humanas. Dessa forma, o gênero discursivo meme foi a porta

de entrada utilizada para compreender os conflitos sociais, os pontos de vista, os embates discursivos, e, conseqüentemente, as constituições identitárias que circularam neste período histórico em específico, e a forma que esses pontos reverberaram na vida e na linguagem. Assim, caracterizando os memes de internet como gêneros do discurso (BAKHTIN, 2011), esperamos compreender a forma como a linguagem se manifesta e se transmuta de acordo com os eventos do existir, intermediando todas as relações culturais e sociais, acompanhando os avanços tecnológicos do nosso contexto histórico.

A partir do movimento de transitar por espaços virtuais onde os memes são compartilhados, em especial, nas redes sociais Facebook, Twitter, Instagram e Whatsapp, observamos a massiva produção e compartilhamento de conteúdo político nesse gênero, os quais foram se apresentando como um fenômeno comunicacional digno de análises e reflexões, pois expressaram formas e narrativas distintas de se ler o mundo, bem como, as respostas dos sujeitos envolvidos neste processo dialógico de constituição. Nessa linha, pretendemos discorrer sobre a forma como a linguagem e a constituição da identidade são forjadas em processo de mútua colaboração, compreendendo a complexidade e fragilidade do referido recorte espacial-temporal, e os modos de expressão das lutas e resistências do sujeito expressivo e falante, materializadas e visualizadas com o auxílio do cotejamento de texto (GERALDI, 2012).

Esta pesquisa possui cunho interdisciplinar, a qual foi desenvolvida dentro das lentes e perspectivas dos Estudos Culturais, no tangente a percepção do caráter transversal das relações de poder na organização da sociedade. Com isso, é importante relatar um dos objetivos do campo de pesquisa dos Estudos Culturais, e o seu caráter complexo e em constante transformação. De acordo com Maria Elisa Cevasco (2003) os estudos culturais surgiram com o propósito de levantar questionamentos e incitar reflexões acerca das inter-relações entre os fenômenos culturais e socioeconômicos e o ímpeto da luta pela transformação do mundo, com o intuito de pensar a cultura como um processo, analisando os fatores responsáveis por essas transformações e as interferências de poder imbricadas nelas.

Devido a esse exposto, este trabalho realizou um diálogo teórico entre alguns autores do Círculo de Bakhtin e seus estudiosos, juntamente com alguns autores do campo dos Estudos Culturais, de modo a caracterizar a cultura como esfera simbólica da vida humana, dado ao seu caráter constituidor e mediador nos processos e relações sociais. Esta dissertação foi elaborada visando contribuir com reflexões e debates acerca do cenário político citado, o qual é percebido como conflituoso, no qual diversos valores e princípios estão sendo constantemente transformados e/ou ressignificados, os quais por sua vez, influenciam a visão

de mundo dos sujeitos, a qual é expressa (neste contexto de investigação) no compartilhamento desses sentidos por intermédio dos memes.

No período histórico investigado neste trabalho, é sabido que o uso das redes sociais fora potencializado, atrelado às recomendações de isolamento e distanciamento social orientadas pela Organização Mundial da Saúde (OMS), resultante do estado de calamidade sanitária proveniente da pandemia do Covid-19. Por ser um ambiente de fácil acesso e *aparentemente* democrático, os usuários das redes sociais tem a liberdade de criar, reproduzir e compartilhar diversos materiais. Com isso, as redes sociais se tornaram um lugar de expressão e representação da vida humana, nas quais há a exposição de estilos de vida, pensamentos e/ou ideologias, acontecimentos do cotidiano, angústias, lamentações, etc.

Este trabalho é dialógico do começo ao fim, pois a abordagem dialógica valoriza as interações humanas e seus contextos, onde cada interação gera um novo valor, a partir de um dos conceitos-chave da arquitetônica bakhtiniana- *o dialogismo*- enquanto modo de funcionamento real da linguagem, ou seja, seu princípio constitutivo dos enunciados, pois de acordo com José Luiz Fiorin (2020) “Todo enunciado constitui-se a partir de outro enunciado, é uma réplica a outro enunciado”. Sendo assim, esta pesquisa concebe o dialogismo enquanto mecanismo constituidor de discursos, responsável pelo processo de relação de sentidos estabelecidos nos embates de vozes.

O Círculo de Bakhtin atribui centralidade aos estudos de linguagem, para compreender como os encontros e embates de vozes sociais atuam como responsáveis pela expressão e constituição da base ideológica de uma sociedade, percebendo que é na linguagem que se manifestam os conflitos sociais e os interesses de poder. Sendo assim, esta pesquisa apresentará o embate entre duas forças discursivas, as centrífugas e as centrípetas, de forma a visualizar as manifestações dessas nos memes de internet, identificando e analisando a materialidade dos elementos ideológicos expressos neste gênero do discurso. Sobre os memes, um dos primeiros pensamentos que podem surgir à cabeça das leitoras e leitores, é a sua construção humorística, pois o humor se faz presente como um elemento indispensável na composição deste gênero. Neste trabalho, visualizamos o caráter risível dos memes a partir de uma ótica social, ou seja, condicionada ao contexto e horizonte dos sujeitos.

Os memes são produzidos e compartilhados numa velocidade incrível, atingindo diversas cadeias de comunicação, que transpassam o virtual e incorporam na memória dos sujeitos. Um fato interessante sobre os memes, é que a sua produção acompanha o ritmo dos assuntos do cotidiano de uma determinada sociedade, tendo como base e sendo o produto popular de reportagens, notícias e ocorrências. Já sobre o seu compartilhamento, este está

condicionado a alguns critérios, como o de avaliação, interpretação e assimilação dos fatos pelos seus usuários, processos esses que conectam e relacionam os sujeitos de forma intrínseca e singular. A partir desse processo de investigação, este trabalho realizou a sondagem dos embates discursivos ocorridos no ciberespaço (LÉVY, 2010), mais propriamente nas redes sociais, os quais foram se intensificando e se caracterizando como um processo infinito e constituidor de discursos, denotando a relação intrínseca estabelecida entre linguagem, identidade e a nova cultura discursiva que se faz vigente.

Visando contemplar os objetivos expostos, este trabalho de pesquisa está organizado em 3 (três) capítulos e mais a conclusão. No primeiro capítulo, intitulado “A centralidade da linguagem na constituição do social e do cultural” o seu corpo textual discorrerá sobre a compreensão de mundo adotada por este trabalho, o qual está calcado teoricamente na heterociência do Círculo de Bakhtin. Pretendemos apresentar a faculdade intermediadora da linguagem nas relações sociais e culturais, visualizando a sua ubiquidade na interpretação da realidade histórica, evidenciando-a como um organismo vivo, e em constante transformação, estando esta em conformidade com os avanços tecnológicos da comunicação e da informação, enxergando o seu potencial constituidor de cultura e subjetividades, no que tange à formação das capacidades enunciativas/discursivas dos sujeitos.

Nesta seção, temos a apresentação do ensaio teórico sobre os memes, conceituando-os como gêneros discursivos (BAKHTIN, 2011), no tangente às suas origens, processos de conceituação e ressignificação, apresentando a relação de proximidade e cumplicidade entre os conceitos de cultura e linguagem, situando-as no contexto do espaço-tempo-cenário político brasileiro do ano de 2020. Apresentamos neste primeiro capítulo, a justificativa da escolha e composição acerca do caminho metodológico deste trabalho, como também, a concepção de cultura adotada por este, baseada no diálogo teórico entre Mikhail Bakhtin e Stuart Hall, visando explanar a importância da cultura na vida humana.

No segundo capítulo, intitulado “Diálogos, risos e alteridades no ciberespaço” apresentamos os propósitos embutidos nas manifestações do riso, a constituição do nosso campo de sondagem, e o diálogo entre alteridade e identidade a partir de estudiosos da teoria bakhtiniana, como Patrícia Zaczuk Bassinello (2019) Valdemir Miotello (2018), juntamente com alguns estudiosos da temática dentro do campo dos Estudos Culturais, como Stuart Hall (2014), Kathryn Woodward (2014). No final do segundo capítulo, apresentamos uma chamada à ideologia, de modo a compreendê-la como fator indispensável na vida humana, dada a sua importância e materialidade na linguagem.

No terceiro capítulo, apresentamos o exercício de análise e compreensão do cenário político do ano de 2020, organizando-o nas temáticas que acreditamos serem pertinentes neste contexto. As temáticas compreendem: a inflação dos alimentos, em especial do arroz; a ideologia do armamento; o caos ambiental; o pronunciamento do chefe de estado que viralizou no segundo semestre de 2020, quando este disse que não havia corrupção em “governo”; negacionismo e a propagação de notícias falsas e o fanatismo político e religioso. Objetivamos neste último capítulo, demonstrar o encontro e embate das vozes sociais distintas, e os propósitos comunicacionais a partir de diferentes visões de mundo. Os memes foram selecionados respeitando os seguintes critérios de escolha e análise: 1- Temporal (memes produzidos durante o ano de 2020); 2-Temático; 3-Espacial (cenário político brasileiro visto e expresso nas redes sociais).

Na conclusão, apresentamos as reflexões finais acerca da leitura de mundo constituída, apresentando as considerações construídas a partir das análises realizadas e a partir do ato de pensar a vida e o discurso como dialógicos. Nesta seção, trago um pouco sobre a minha trajetória de vida e pesquisa, necessários para a expressão da minha palavra.

CAPÍTULO 1- A CENTRALIDADE DA LINGUAGEM NA CONSTITUIÇÃO DO SOCIAL E DO CULTURAL

“Cada um lê com os olhos que tem. E interpreta a partir de onde os pés pisam. Todo ponto de vista é a vista de um ponto.”
Leonardo Boff.

Neste primeiro capítulo, trataremos da concepção da linguagem adotada nos estudos do Círculo de Bakhtin, utilizando-se de contribuições teóricas do Círculo, como também, de aportes teóricos advindos dos estudiosos que se debruçam a estudar a linguagem a partir desta linha epistemológica. Propõe-se neste capítulo, estabelecer uma interlocução teórica referente ao termo cultura, expressando a concepção adotada por este trabalho, de forma a constituí-la no contexto espaço-tempo mencionado na seção introdutória desta dissertação.

Quando citamos a compreensão da linguagem sob o viés do Círculo, estamos nos referindo aos aportes de sua filosofia de linguagem. Assim, apresentamos a nossa compreensão de mundo a partir das lentes bakhtinianas, que nos auxilia na constituição de nosso caminho teórico e metodológico, ambos ancorados no cotejamento de textos. A leitura do Círculo de Bakhtin adotada neste trabalho atribui especial atenção à constituição dos sujeitos e às suas singularidades, enxergando no dialogismo o modo de compreensão das relações humanas e sociais, a fim de se para compreender a vida discursiva e ideológica dos sujeitos a partir da linguagem, visualizando o movimento do discurso, e encarando este como dialógico e alteritário.

1.1-A concepção de linguagem como mecanismo de interpretação da realidade histórica

A compreensão de mundo proposta pelo Círculo de Bakhtin visa pensar no movimento de concretude que o materialismo histórico trás do viés economicista pensados a partir da linguagem. Dessa forma, o Círculo de Bakhtin considera o método de interpretação da realidade proposto por Marx, no que tange ao modo de organização da sociedade com ênfase na produção e reprodução da vida, ou seja, pensados a partir da relação de determinância entre a infraestrutura e a superestrutura, de forma a propor a pensar nesse movimento a partir da

centralidade da linguagem nas relações dialógicas ¹de sentido, ou seja, os usos da linguagem na constituição da base ideológica de uma sociedade.

De acordo com José Luiz Fiorin (2020) o Círculo de Bakhtin atribui um papel central à linguagem na constituição da superestrutura ideológica, propondo dessa forma uma crítica ao fator da causalidade e de abstrações presentes na ótica marxista, ao conceber os sujeitos como seres assujeitados ao sistema econômico. A dialética é concebida pelo Círculo de Bakhtin a partir do diálogo, sendo este caracterizado a partir do encontro de vozes e sujeitos sociais, fato que gera novos signos. Dessa forma, o diálogo se caracteriza como o ato de viver-agir no mundo, pensado por intermédio da linguagem, na qual esta se configura como uma expressão das práticas enunciativas humanas (PAULA; SIANI, 2020).

Com este olhar sobre a linguagem e o diálogo, O Círculo propõe a centralidade dos estudos em linguagem para concebê-la no movimento dialógico, que sempre visualiza mais de uma voz no discurso, expressa pelo embate entre as forças centrípetas e as centrífugas. A partir desse ponto, visualizamos que é por intermédio da linguagem que são expressos os encontros e confrontos sociais, ou seja, a luta de classe é materializada na linguagem (Bakhtin e Volochínov, 2014). Dentro dessa concepção, a linguagem deixa de ser apenas um veículo de interação entre os sujeitos, passando a desempenhar um papel fundamental na vida, que é a humanização do homem, ou seja, a constituição da consciência, da concretude de sua existência:

Sem a linguagem o humano do homem não se constitui. A linguagem é a mediação entre um Outro e um Eu, e linguagem é a atividade constitutiva; o diálogo é o lugar construtor. O diálogo impede o enclausuramento do eu na identidade. (MIOTELLO, 2013, pg. 154)

Dessa forma, os sujeitos se constituem a partir das relações e trocas com outros sujeitos dentro de um contexto social e histórico, e se dá dialogicamente. Nessa esteira, a linguagem é a responsável pela construção e circulação de sentidos, sendo esta responsável pela materialização do pensamento e consciência humana, ou seja, a ideologia expressa que denota o horizonte social do ser. A partir desse viés epistemológico proposto por Bakhtin e o Círculo, compreende-se que a língua enquanto palavra pensada e falada não é algo petrificado ou engessado, é um mecanismo em movimento, em infindáveis processos de significação e ressignificação, processo este dado a partir das interações sociais dos indivíduos na sociedade.

¹ As relações dialógicas compreendem as relações de sentidos dadas pela interação de um sujeito com outro sujeito e deles com o mundo. Nessas relações os sujeitos trazem à tona os seus centros de valoração expressos por intermédio da linguagem nas interações verbais. Nota da autora.

Para enxergar essas interações sociais e as materializações da ideologia na vida, em seu aspecto concreto, o Círculo propõe o termo *dialogismo* para dar corpo às suas proposições, de forma a caracterizar a referida expressão de duas maneiras, uma para compreender a forma em que se dá o encontro e embate de vozes sociais no que tange às relações de sentidos estabelecidos pelo diálogo, e outra para compreender o seu aspecto constituidor de enunciados e discursos, relacionando-o com o movimento abstrato que acontece no pensamento, ou seja, na consciência dos seres, trazendo-o à vida, ao concreto, expressando a bagagem ideológica nos usos da linguagem, gerando novos signos.

Ao falar sobre dialogismo, é de suma importância abarcarmos o conceito de ideologia proposto pelos estudos do Círculo, para compreender a materialidade da consciência que se dá na linguagem, sendo este considerado como um dos conceitos-chave nos estudos bakhtinianos, juntamente com outros conceitos. O Círculo não considera a ideologia como algo pronto e fechado, ou seja, não a considera como um produto abstrato da causalidade social que vive apenas nas esferas psíquicas da consciência. A ideologia para o Círculo, vai se constituir a partir das relações, dos movimentos dialógicos, ou seja, dos encontros e embates de vozes sociais e suas relações de sentido.

Nessa esteira, o Círculo propõe a caracterização de duas ideologias existentes na vida, uma é a ideologia oficial (forças centrípetas), tida como o material ideológico imposto como verdade pelo grupo social dominante, e que insiste em monologizar a realidade e a consciência social, atribuindo apenas a sua voz na grande cadeia comunicativa. A outra é a ideologia do cotidiano (forças centrífugas), que é explicada pelo professor Valdemir Miotello como o “resultado dos encontros casuais e fortuitos, no lugar do nascedouro dos sistemas de referência, na proximidade social com as condições de produção e reprodução da vida” (MIOTELLO, 2020, p. 169).

O embate dessas duas forças é inevitável, pois apresentam aspectos antagônicos entre si, e a materialização desse confronto é dado na linguagem. Sendo assim, entende-se que não existe neutralidade na vida, pois sempre estaremos interpelados pelas relações de poder. A partir desse exposto, fica expresso que a preocupação do Círculo de Bakhtin em relação à linguagem não diz respeito à uma perspectiva que leva em consideração uma abordagem linguística estruturalista, pois o foco justamente não é o de visualizar a língua como um sistema de signos abstratos, mas sim perceber a língua no movimento da fala, propondo um outro olhar para o estudo da língua e da linguagem.

A partir dessa concepção, a filosofia da linguagem do Círculo de Bakhtin propõe a arquitetura do signo considerando os seguintes aspectos translinguísticos aos estudos deste:

a ideologia, a criação ideológica e o produto ideológico. Dessa forma, a ideologia é o marcador social presente e resultado das condições históricas e sociais nas quais os sujeitos estão envolvidos, sendo que:

Um signo não existe apenas como parte de uma realidade; ele também reflete e refrata uma outra. Ele pode distorcer essa realidade, ser-lhe fiel, ou apreendê-la de um ponto de vista específico etc. Todo signo está sujeito aos critérios de avaliação ideológica (isto é, se é verdadeiro, falso, correto, justificado, bom etc.). O domínio do ideológico coincide com o domínio dos signos: são mutuamente correspondentes. Ali onde o signo se encontra, encontra-se também o ideológico. Tudo que é ideológico possui valor semiótico. (BAKHTIN e VOLOCHÍNOV, 2014, pg. 32-33)

A partir da explanação acima sobre a concepção de signo na ótica do Círculo de Bakhtin, compreende-se que o signo é a expressão da linguagem em todos os sentidos, sujeito a apropriações, reapropriações e ressignificações, processos esses que se tornam possíveis após a avaliação ideológica, onde há conseqüentemente a atribuição de valores. Nessa esteira, Miotello (2013) complementa que “o jeito de dar existência ao mundo é tornando-o signo.”

Em relação aos estudos da linguagem, o Círculo atribui centralidade aos estudos sobre a constituição sujeito social por intermédio da linguagem, criticando de certa forma, os estudos que tratam a língua como um veículo abstrato sujeito à imposição de regras estéticas e linguísticas, ou seja, a língua (palavra) que fica “enclausurada” em dicionários. Dessa forma, a palavra ganha sentido nos movimentos e funcionamentos da comunicação, da interação, expressando a ideologia dos sujeitos nas mais diversas situações comunicacionais, sendo o veículo constituidor em todas as relações sociais.

Para dar materialidade a essa premissa, Bakhtin e Volochínov (2014) citam a ideologia expressa nas palavras (escrita e oral) a partir de seu caráter ubíquo, ou seja, de sua ubiquidade social, apresentando-se de forma concomitante em todos os ambientes da vida social:

A palavra penetra literalmente em todas as relações entre os indivíduos, nas relações de colaboração, nas de base ideológica, nos encontros fortuitos da vida cotidiana, nas relações de caráter político etc. As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios. (Bakhtin e Volochínov, 2014, pg. 42)

Nesse viés, considerando o dialogismo enquanto as relações de sentidos e o seu fator constituinte, a comunicação é caracterizada como um processo bilateral, desconsiderando perspectivas que consideram o sujeito como um receptor passivo (linguagem estruturalista de Roman Jakobson- 1976), onde ele apenas recebe mensagens e as decodifica, pois o foco apresentado não é focalizar a análise na informação, e sim no sujeito enquanto produtor e

compreendedor de enunciados, no qual ele participa ativamente do processo de comunicação com todo o seu espírito e ideais, na qual interpreta e responde, ou seja, nenhuma informação fica inerte em seu ser.

Dessa forma, apresentamos a relação indissociável entre linguagem, palavra e consciência, tendo como eixo e princípio norteador o dialogismo. Portanto, a linguagem intermedeia as relações sociais, levando em consideração a sua ubiquidade social, na qual ela é responsável pela inserção do homem no mundo, e pela constituição de sua consciência, que é um processo construído historicamente e socialmente. Com isso, os sujeitos se constituem de acordo com o contexto histórico ao qual eles estão inseridos, ou seja, no espaço-tempo discursivo, dada a expressão do ser evento único expresso na palavra:

A expressão, do interior, de um ato realizado, e a expressão do Ser evento único e unitário no qual esse ato é realizado, requerem a inteira plenitude da palavra: seu aspecto de conteúdo (a palavra como conceito) tanto quanto seu aspecto palpável-expressivo (a palavra como imagem), e seu aspecto emocional volitivo (a entonação da palavra) em sua unidade. E em todos esses momentos a palavra plena unitária pode ser responsabilmente válida, isto é, pode ser a verdade em vez de alguma coisa subjetivamente fortuita. (BAKHTIN, 2008, p.48-49)

Dada a essa colocação, o Círculo de Bakhtin situa as palavras expressas em um dado enunciado levando em consideração o contexto ao qual ele foi produzido, pois todo enunciado necessita de um contexto para fazer sentido. Em relação à análise da produção de um enunciado num dado contexto, observa-se as condições aos quais ele foi produzido, compreendendo o momento histórico, as condições de sua produção, e a situacionalidade social. Desse modo, as análises devem partir da observância das relações de sentidos entre o sujeito, seu contexto histórico e social e os usos da língua por intermédio da linguagem.

Portanto, a partir dos aportes bakhtinianos, propomos a compreensão da realidade histórica atual analisando os usos da linguagem nas suas mais diversas manifestações por intermédio dos memes, atentando-se às práticas enunciativas e discursivas presentes nessas manifestações virtuais, de modo a propor uma leitura do espaço-tempo discursivo, (cenário brasileiro do ano de 2020) e a conceber o papel de autoria dos sujeitos na sua constituição a partir da linguagem, e compreensão do mundo, dada a singularidade de cada existência, num processo preocupado não somente em interpretar e compreender o mundo, mas sim em atribuir sentidos a este.

1.2-O gênero discursivo memes origem, conceituação e suas ressignificações

Com o advento da internet, e por conseguinte, das redes sociais, os memes surgiram como um novo recurso de linguagem, tornando-se uma ferramenta linguística utilizada com propósitos comunicacionais diversos, tais como: propagação de informação, expressão de afinidades políticas e sociais, constituição de identidades, disseminação de ideologias etc. Esse movimento foi possível devido a *facilidade* de acesso às redes sociais. Quando se propõe a pensar sobre os memes, um dos primeiros aspectos que podem surgir na mente dos seres humanos é o fator humorístico envolto nessas manifestações culturais digitais. O riso, o humor, e a carnavalização se fazem presentes, possibilitando diversas apropriações e ressignificações dos memes na esfera social digital. Com isso, os memes são produzidos e compartilhados numa velocidade incrível, devido ao potencial de persuasão destes atrelados às manifestações do riso.

O termo meme sofreu um processo de ressignificação e apropriação para chegar ao conceito de meme que compreendemos atualmente. Para compreender esse processo, é necessário apresentar o momento do surgimento do termo, realizando a partir dessa conceituação uma ressignificação. O termo meme foi cunhado originalmente por Richard Dawkins (1976) para estabelecer uma comparação entre a replicação genética e a replicação cultural, ao propor que os aspectos culturais são as heranças culturais resultantes das interações sociais entre os indivíduos. De acordo com o autor supracitado, os memes são considerados como unidades de replicação cultural, que se multiplicam e transitam entre locais onde a informação está armazenada, ou seja, no cérebro humano.

Nesse conceito, para uma visualização mais clara, os memes são traços culturais que são replicados de acordo com o meio e as interações dos seres humanos, como por exemplo, ideias, pensamentos, similaridades linguísticas (modo de falar, expressões idiomáticas, gírias), gostos musicais, saberes e valores religiosos, modos de se vestir, costumes, enfim, os memes seriam então, a replicação dessas informações culturais de acordo com o meio sociocultural do ser. Seguindo essa linha teórica, Knobel e Lankshear (2018) descrevem os memes como uma espécie de padrão contagioso de informação cultural:

Os memes são padrões contagiosos de “informação cultural” que são transmitidos de mente a mente e são diretamente responsáveis por moldar e gerar mentalidades e formas significantes de comportamento e ação em um grupo social. Eles incluem coisas como bordões, vestuário ou moda em geral, estilos arquitetônicos, modos de fazer as coisas, ícones, jingles, riffs e batidas musicais, e similares. (KNOBEL e LANKSHEAR, 2020, pg.88)

De acordo com os autores, é necessário apresentar a distinção entre os memes propostos por Dawkins (1976) e os memes de internet que conhecemos hoje em dia. Os autores propõem a diferenciação desses conceitos utilizando os embasamentos teóricos de Dawkins para ressignificar o termo e propor um conceito que contemple melhor a proposta dos memes de internet. Os autores supracitados compreendem os memes de internet como um fenômeno social que adotam linguagens distintas (texto escrito, imagem, materiais audiovisuais e outros) para cumprirem com a sua função master, que é a transmissão da informação, visualizando neles uma importante ferramenta de letramento social, como também, educativo.

Complementando essa linha de raciocínio proposta pelos autores citados anteriormente, os aportes teóricos do Círculo de Bakhtin nos auxiliam na compreensão desse fenômeno cultural na esfera discursiva que pretendemos, pois a linguagem pensada a partir dos estudos bakhtinianos se desvencilha de forma considerável de estudos linguísticos que consideram o enunciado como um conjunto frasal, de natureza estática, envolto em abstrações e passível de análises conteudistas que independem do contexto para fazer sentido.

Dessa forma, o enunciado em Bakhtin é pensado como o resultado respondente oriundo de uma interação e situação comunicacional que necessitou de uma resposta (posicionamento). No ato da interação, os sujeitos projetam os seus discursos nos enunciados, de forma que para compreendê-los, precisamos adentrar nas esferas compreensíveis de sua produção, como o contexto histórico, o social e as relações de poder imbricadas nelas. Nessa linha, os sujeitos se inserem no mundo e na vida a partir da linguagem (gêneros), sendo o diálogo compreendido como o lugar de encontro dos embates discursivos (vozes sociais).

Assim, o ato de compreensão do enunciado/ enunciação de outrem, é tido como uma forma de diálogo, no qual os sujeitos apreendem os sentidos dos seus interlocutores, passando-os pelas peneiras de sua avaliação valorativa, e respondem a esses, propondo uma contrapalavra à palavra de seu enunciador:

Compreender a enunciação de outrem significa orientar-se em relação a ela, encontrar o seu lugar adequado no contexto correspondente. A cada palavra da enunciação que estamos em processo de compreender, fazemos compreender uma série de palavras nossas, formando uma réplica. Quanto mais numerosas e substanciais forem, mais profunda e real é a nossa compreensão. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014, pg. 137)

Adentrando no processo de compreensão dos memes e seus enunciados, inserimo-nos na esfera da atividade humana onde eles estão alocados, ou seja, nas mídias sociais. Com o

advento de novas mídias sociais, a forma de interagir e se comunicar se expandiu, de forma a acompanhar o progresso tecnológico dos meios de comunicação. Acompanhando esse ritmo, novos gêneros discursivos foram surgindo, decodificando o pensamento humano em linguagem. Sendo todos os campos da atividade humana ligados ao uso da linguagem (BAKHTIN, 2011), os gêneros do discurso apresentam-se de múltiplas formas, obedecendo os propósitos de comunicação, o contexto social do falante e os recursos de linguagens disponíveis.

Acerca dos gêneros do discurso, como percebido, eles acompanham a capacidade de articulação e criatividade da linguagem humana, expressando e representando a vida nas suas mais diversas esferas, sendo as redes sociais concebidas como uma das esferas da atividade humana (insondável e em expansão). Dessa forma, compreendemos que a linguagem e a humanidade se constituem em processo de mútua colaboração, de modo a compreender a vida e a realidade sócio-histórica de uma determinada época. De acordo com Bakhtin (2011) podemos definir os gêneros do discurso como tipos de enunciados *relativamente* estáveis, devido à sua construção composicional que é determinada socio-historicamente.

Assim, Bakhtin (2015) nos esclarece que cada geração desenvolve o seu modo de comunicar, ou seja, a sua linguagem, e esta está interligada à sua classe social, a qual agrega suas características específicas, como vocabulário próprio, códigos, e outros aspectos pertinentes ao contexto histórico e social do falante. A partir dessas observações, percebemos que as relações de poder refletem na linguagem, e nos seus modos de utilização, pois cada grupo social se articula e manifesta linguisticamente de acordo com as condições da infraestrutura, de modo que essas manifestações sempre irão responder e obedecer aos diversos interesses dos falantes da língua.

Dessa forma, os gêneros do discurso podem ser compreendidos como unidades concretas do uso da língua, compreendendo essa concretude como o ato de se posicionar na vida, externalizando a sua visão de mundo, tendo a sua criação e utilização atreladas ao contexto em que são produzidos, pela interação entre os interlocutores.

1.3- A centralidade da linguagem no processo de compreensão da cultura

A cultura possui um amplo leque de significação, pois ela é o retrato da vida humana, de hábitos, de crenças, de comportamentos, que determinado grupo social se familiariza e se identifica como pertencente. Vida e cultura são inseparáveis, pois uma depende da outra para existir. A cultura é o agente que possibilita aos seres humanos a constituição da vida em

sociedade e, por conseguinte, os indivíduos necessitam viver em sociedade, visando principalmente, a longevidade de sua existência.

O Círculo de Bakhtin compreende a cultura como a esfera simbólica do homem, na qual ele é sujeito participante e autor nos processos de significações culturais. A cultura possui característica transversal e perpassa por todos os campos significativos do homem, transitando entre todos os componentes sociais da vida humana. É através da cultura que o homem consegue se enxergar, enxergar o outro e sua realidade, transformando a cultura em seu artefato concreto e abstrato, sendo o instrumento da expressão da vida humana, e é por meio da cultura que as comunidades deixam a sua assinatura na história da humanidade, a cultura é a voz do povo.

Relacionada a essa percepção, a cultura é constituída pelas ações e resultados das relações humanas do cotidiano. A linguagem é o veículo pelo qual as mais diversas formas de se fazer cultura são expressas, e ela irá atender o propósito comunicacional das classes sociais responsáveis pelos seus usos e fins. Por esse modo, a cultura é o elemento que caracteriza a linguagem como a arena em que acontecem os embates discursivos e sociais, uma vez que o signo e a situação social estão inerentemente a ela vinculados.

Em conversa com essa proposição de cultura, Stuart Hall (1997) apregoa que os sujeitos dão sentidos as suas vidas a partir da linguagem, sendo essa o fio condutor responsável pela sua compreensão do mundo, na qual Hall salienta estar diretamente relacionada com as relações de poder existentes na sociedade, incorporadas a partir da cultura, portanto, toda ação social, é cultural por natureza. Hall e os estudiosos do Círculo de Bakhtin viveram em momentos e épocas distintas, porém, em se tratando da percepção da relação entre linguagem, discurso e cultura, acreditamos que os teóricos convergem no quesito de que os sujeitos são potenciais instituidores de sentido:

Os seres humanos são seres interpretativos, instituidores de sentido. A ação social é significativa tanto para aqueles que a praticam quanto para os que a observam: não em si mesma, mas em razão dos muitos e variados sistemas de significado que os seres humanos utilizam para definir o que significam as coisas e para codificar, organizar e regular sua conduta uns em relação aos outros. Estes sistemas ou códigos de significado dão sentido às nossas ações. Eles nos permitem interpretar significativamente as ações alheias. Tomados em seu conjunto, eles constituem nossas "culturas". Contribuem para assegurar que toda ação social é "cultural", que todas as práticas sociais expressam ou comunicam um significado e, neste sentido, são práticas de significação. (HALL, 1997, pg. 16)

Seguindo essa linha, entendemos que esses estudiosos percebem que para entender a compreensão de mundo apreendida pelos sujeitos, precisamos nos atentar aos fatores externos

à língua para nos situar, atribuindo ao estudo da cultura como empreendimento crucial para entender as relações sociais. Assim, Hall compreende a cultura como fator construtor nas organizações sociais, a modo de compreensão e transformação delas, nas quais o autor identifica que as lutas pelo poder são simbólicas e discursivas e acontecem na linguagem, em convergência com os pressupostos do Círculo de Bakhtin, evidenciados em *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV).

Portanto, a partir dessas premissas, compreende-se a centralidade da cultura nos processos constitutivos da vida humana, sendo mediada pelos usos da linguagem. Sendo assim, linguagem e cultura são elementos próximos e constituintes entre si, na qual a cultura é visualizado como um processo de construção de sentidos e valores sociais, que dependem e são produzidas levando em consideração os atos concretos do acontecimento único e singular, que é a vida. A partir dos pressupostos apresentados, esse trabalho concebe o gênero discursivo meme como uma manifestação cultural popular de resistência, munido de valores ideológicos, caracterizando-se como um ato de resposta aos acontecimentos e ideologias políticas que desagradam ao grupo social que o utiliza.

Assim, com os aportes teóricos calcados no Círculo de Bakhtin e em Stuart Hall, propomos evidenciar o caráter transmutável da cultura e da linguagem, buscando comprovar que a segunda é responsável não só por “transmitir” a primeira, mas que a linguagem proporciona diversas possibilidades de usos para atender às demandas comunicacionais específicas. Assim, o gênero discursivo meme transita de acordo com as apropriações e reapropriações que os sujeitos e os seus contextos comunicacionais necessitam. Dessa forma, propomos a nossa análise a partir do enfoque dialógico da linguagem, e compreendendo a língua como um organismo vivo, levando em conta a sua integridade concreta e passível de transformações, apresentando o caminho dialógico, para entender os processos relacionados à linguagem e a nova cultura discursiva vigente, dada nas redes sociais.

1.4-Cotejos sob a luz da heterociência bakhtiniana: um caminho de encontro e alargamento dos sentidos

Em acordo com Hall, em relação a cultura, vista essa pela ótica do autor como “a soma de diferentes sistemas de classificação e diferentes formações discursivas aos quais a língua recorre a fim de dar significado às coisas” (1997, pg. 29) compreendemos que para estudá-la e compreender a nova cultura discursiva (FURTADO,2019) emergente das mídias sociais, e considerando a forma como a cultura organiza a vida e perpassa por todos os setores da vida,

propomos realizar o exercício de análise do gênero discursivo em questão, tendo como aporte metodológico uma ciência outra, uma que possibilite andar por caminhos outros, não percorridos antes, levando a “resultados” e proposições outras.

Considerando esse intento, e com base nas nossas leituras bakhtinianas (textos do Círculo de Bakhtin e de estudiosos de sua teoria) concebemos a linguagem como o mecanismo responsável pela construção e circulação de sentidos na vida, sendo ela o veículo responsável pela materialização do pensamento humano, de forma que os sujeitos se inserem e se (re) afirmam no mundo por intermédio dela, sendo esses, seres constituídos a partir de suas bases sociais, históricas e ideológicas. Dessa forma, os sujeitos são potenciais criadores de textos e instituidores de sentidos, sejam eles expressos de forma oral, escrita, imagética e outras.

Nesse trajeto, com o propósito de desvendar não somente os significados explícitos nos textos, mas principalmente os seus sentidos, precisamos olhar a fundo para os enunciados que compõem os textos, a fim de se fazer emergir as valorações expressas por eles, tomando nota acerca de seu criador, seu (s) destinatário (s), a situação que originou a interação, assim, precisamos não só conhecer, como também, atribuir contexto aos textos, contatando-os a outros textos, outras vozes, apreendendo um sentido a partir de outro.

Assim, com base nessas premissas, propomos uma breve observância acerca da proposta metodológica da heterociência bakhtiniana, a qual tiramos a compreensão a partir do texto “Metodologia das Ciências Humanas” oriundo do ensaio intitulado “Os fundamentos filosóficos das ciências humanas” escrito originalmente entre o fim dos anos 30 e início dos anos 40. Nesse texto, Bakhtin propõe que para pensar nas relações que envolvem o ser-humano em sua amplitude no palco da vida, faz-se mister uma ciência outra, uma que seja capaz de promover o diálogo entre pesquisador e seu “objeto” de pesquisa, visando assim, compreender as múltiplas camadas de sentidos e significados oriundos do entrecruzamento de dados e ideias contidas nesses dois agentes atuantes da pesquisa, os quais são frutos das relações histórico-sociais. No texto citado, o autor afirma que para se fazer pesquisa nas ciências humanas, o pesquisador deve ir além dos marcadores científicos impostos pelas ciências de base estruturalistas (exatas), pois estas, de acordo com o filósofo da linguagem, são uma forma monológica do saber, onde se escuta apenas uma voz sobre o objeto de estudo a ser pesquisado.

Nessas abordagens, o autor pondera que acontece o emudecimento do objeto, sendo que nas ciências humanas, este é o próprio sujeito, o qual não deve ser silenciado/apagado. Por essa razão, Bakhtin defende que toda pesquisa na esfera das ciências humanas deva ser

dialógica, ou seja, onde haja a escuta e expressão das vozes dos sujeitos relacionados à pesquisa, pois o diálogo é concebido como encontro de vozes (sociais), numa completa jornada rumo ao desconhecido.

Com a proposta de uma ciência outra, Bakhtin e o Círculo cunharam a heterociência, um campo de estudo e saber que prioriza o encontro de vozes, salientando que é por intermédio da palavra que o ser participa do mundo, apresentando assim, uma proposta de análise filosófica da linguagem, a fim de se compreender a vida. Compreendemos que a heterocientificidade proposta é caracterizada pela sua flexibilidade metodológica, obedecendo aos propósitos específicos de cada pesquisa: “Cumprir reconhecer a simbologia não como forma não científica, mas como forma heterocientífica do saber, dotada de suas próprias leis e critérios internos de exatidão” (Aviérintsiev, 1972 apud Bakhtin, 1979).

A partir da abordagem heterocientífica nos estudos das ciências humanas, temos uma ciência que propõe o rompimento com as barreiras do relativismo de compreensão, certificando-nos que para o entendimento dos textos dos nossos “objetos” de pesquisa, devemos contactá-los com outros textos, por intermédio do cotejo, assim, atribuindo contextos e fazendo-se ouvir as vozes e sentidos envolvidos nos enunciados:

O texto só tem vida contactando com outro texto (contexto). Só no ponto desse contato de textos que eclode a luz que ilumina retrospectivamente e prospectivamente, iniciando dado texto no diálogo. Salientemos que esse contato é um contato dialógico entre textos (enunciados) e não um contato mecânico de “oposição”, só possível no âmbito de um texto (mas não do texto e dos contextos) entre os elementos abstratos (os signos no interior do texto) e necessário apenas na primeira etapa da interpretação (da interpretação do significado e não do sentido). (Bakhtin, 2011, pg. 401)

Portanto, atribuindo contexto aos textos, temos uma proposta de caminho metodológico a fim de se alargar os sentidos, buscando fazer emergir as nuances envolvidas no ato da compreensão. Esse exercício dentro dos estudos bakhtinianos recebe o nome de cotejamento. Cotejar, ao nosso entendimento, é colocar os textos em diálogo, em relação de proximidade, com o propósito de ouvir o que vozes envolvidas têm a dizer sobre o assunto que pretendemos discorrer. Nesse processo, buscamos o alargamento dos sentidos expressos pelos sujeitos, como dito anteriormente, foco central dos estudos das ciências humanas.

Portanto, objetivando o exercício de compreensão, e tomando cuidado para não cairmos na armadilha da apreensão relativa dos sentidos, propomos a análise do material selecionado (meme) em cotejo com diversos textos, que compreendem: artigos de opinião, reportagens e matérias jornalísticas, charges e posts virais. Esses textos nos auxiliaram a

apreender a realidade contextual presente no recorte temporal e espacial ao qual realizamos a dissertação.

CAPÍTULO 2-DIÁLOGOS, RISOS E ALTERIDADES NO CIBERESPAÇO

“Rir é o melhor remédio, dizemos quando estamos, ou quando alguém próximo de nós está em uma situação difícil, complicada. Sentimos que rir nos faz melhor. Distensionam fisicamente. Oxigenam o cérebro, diz ao outro que estamos fortes. Mais que isso, o riso nos coloca diante do outro de uma maneira positiva, de alta-estima, de luta inconformada com a dificuldade, ou mesmo com a escravidão. Sentimos que o riso nos liberta. Nunca se viu a seriedade empregar a linguagem do riso. Ela se opõe, ao contrário. Da mesma a violência é anti-riso. Assim como a existência da autoridade. Os poderosos, os violentos e os autoritários desdenham do riso; não lhe dão nenhuma importância. Não podem se servir do riso para seus propósitos excusos...”
Valdemir Miotello

Numa sociedade cada vez mais carecida de afeto, a resplandecência do riso se manifesta como uma alvorada, capaz de iluminar a escuridão da carranca opressora e destronar paradigmas da ignorância e do ódio. A linguagem do riso promove uma verdadeira revolução quando se ri com o outro (educando-o, conscientizando-o), e não desse outro. O riso ressignificado é a expressão mais bela do ser humano, pois ele massageia o rosto e enfeita a alma. Há muito tempo, o modelo de sociedade em que vivemos vem utilizando o riso de maneira equivocada, destrutiva e excludente. Mas isso vem mudando de um tempo para cá, graças aos esforços de muitos anjos de ativismos diversos, que atribuíram humanidade ao riso, pois não há graça no ato de zombar das cicatrizes dos outros.

Nas diversas ressignificações de sentido que o mundo precisa, tem um ditado popular muito fortuito que diz que os olhos são como as janelas da alma. Nesse sentido filosófico e poético, diversas almas se encontram com várias outras, cada uma produzindo os seus textos, e esses se encontram na arena da linguagem. Nessa relação, ambos contemplam e apreendem sentidos, e abstraem de seu campo cognitivo tudo que não promove agrado à sua seara valorativa. Esse processo se dá de forma infundável, que identifica, classifica e seleciona os grãos ideológicos que ocuparão de maneira transitória ou não, os espaços disponíveis em seu interior (consciência). Seguindo essa linha de pensar, na qual os olhos são as janelas, os lábios são como as portas da alma, pelos quais os seres externalizam por meio de sua palavra, os conteúdos que habitam em seu âmago.

O encontro da nossa palavra com a dos outros é marcada pelo conflito, pela tensão, no qual diferentes pontos de vista podem convergir ou divergir, levando em consideração o assento social ocupado por cada um. Como dito no capítulo anterior, externalizamos o nosso local social por intermédio da nossa palavra, participamos e nos situamos no mundo a partir dela. Desse modo, os nossos *eus* se relacionam com vários outros, num processo de dependência, *pois eu só sou eu porque existe um outro*, que me molda, me educa, me modifica, e me edifica, o que gera não só um encontro de palavras, mas como dito também, um encontro de almas.

Assim, neste capítulo, proporemos uma reflexão acerca da relação intrínseca entre linguagem, identidade e ideologia, buscando construir um caminho de compreensão que contemple e visualize os sujeitos num processo contínuo de constituições e ressignificações, marcadas pelo riso e criadas pelos contextos de interação desses por intermédio dos memes. Nesse percurso, compreendemos que a identidade é relacional (WOODWARD, 2020), e que a sua representação se dá simbolicamente (HALL, 1997).

No campo de sondagem dessas representações, temos as mídias sociais, mais propriamente, as digitais (principalmente o Facebook, Instagram, Twitter e Whatsapp) contidas no vasto império do ciberespaço (LÉVY, 2010). Levando em consideração as concepções apresentadas, proporemos uma possibilidade de *match* com os escritos do Círculo de Bakhtin e seus estudiosos, no que concerne à constituição da identidade a partir da alteridade, apresentando o riso como uma linguagem libertadora.

2.1- O deslocamento compulsório do físico para o virtual e a sua pertinência nas questões de constituição e representação da identidade

As interações sociais sofreram um grande impacto no ano de 2020 causado pela pandemia do Covid-19, assim, a sociedade teve que se adaptar de forma repentina às mudanças ocasionadas pelo distanciamento e isolamento instaurado nesse período pandêmico. A configuração social a qual estávamos acostumados passou por diversos rearranjos, abrangendo diferentes setores de identificação da vida humana. Nesse novo modelo de comunidade, as relações sociais no mundo virtual foram potencializadas, redefinindo muitas questões relacionadas às identidades culturais, as quais foram afetadas e influenciadas pelo contexto histórico conflituoso vivenciado, no qual presenciamos uma tentativa de homogeneização dessas, ditada pelos discursos centrípetos.

Em relação a essas mudanças que afetam a constituição do ser, Kathryn Woodward (2020, pg.39) nos elucida que as identidades *são produzidas em momentos particulares no tempo*, as quais são constituídas tanto socialmente quanto simbolicamente. Assim, a identidade era constituída nos espaços de vivências humanas, fruto das relações sociais que circundavam e pressionavam o sujeito. Com o deslocamento do físico para o virtual, essa constituição se viu contraída, atrelando-se a um processo complexo e contraditório e obedecendo aos fluxos dessa outra dimensão de vivência. Seguindo essa linha, os sistemas de representação migraram igualmente para os espaços sociais virtuais, os quais refletiram e refretaram simultaneamente os elementos de identificação dos seres, os quais discutiremos a partir dos memes de internet (próximo capítulo/análise).

Em relação ao nosso campo de investigação, é importante que discorramos sobre a corpórea que o compõe, trazendo à luz uma parte de suas nuances constitutivas. A sondagem do referido deslocamento ocorreu nas mídias sociais digitais, como o Facebook, Instagram, Twitter e Whatsapp, a qual percebemos que os memes adquiriram em alguns momentos, uma característica inter e trans mídia, no sentido de agregarem e se incorporarem à outras mídias, e a ocuparem espaço na memória risível dos interlocutores, respectivamente, se fragmentando e distribuindo os seus pedaços para produzir novas experiências e risos.

No tangente a essas novas vivências, estamos na Era em que as chamadas mídias de massa tradicionais (cito televisão, rádio, jornal impresso) estão passando por diversas reconfigurações para não entrarem em extinção, fato esse que se deve à ascensão das novas mídias sociais digitais, que estão em processo acelerado de modernização, impulsionadas pelo avanço tecnológico estrondoso recorrente da nossa época. Esse frenesi constituiu o que hoje conhecemos por ciberespaço, o qual é caracterizado como um novo lugar de interação social, uma nova dimensão, a qual abriga um imenso depositário da imaginação humana (BRITTO, 2009).

Devido a esse oceano de informações, torna-se impossível mensurar a extensão do ciberespaço, visto que, este pode ser visualizado como uma cebola, conveniente às várias camadas que ele comporta. O termo ciberespaço apareceu pela primeira vez na obra *Neuromancer*- romance assinado por William Gibson, famoso entusiasta do gênero de ficção-científica cyberpunk, porém, academicamente falando, foi o filósofo e sociólogo Pierre Lévy que teorizou o tema. Uma das obras mais estudadas e comentadas do autor é a literatura *Cibercultura*, na qual o autor destrincha diversas temáticas relacionadas ao ciberespaço. Em relação à sua conceituação, o autor nos elucida:

O ciberespaço (que também chamarei de “rede”) é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial de computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. (LÉVY, 2010, pg. 17)

A partir da citação acima, foi possível tornar “palpável” a compreensão acerca desse substantivo anômalo. Assim, conseguimos visualizar a sua relação com a internet, sendo o primeiro compreendido como a plataforma de comunicação (meio) que comporta as novas mídias sociais digitais, e o segundo como a rede mundial de conexão que possibilita a interação social que ocorre dentro desse “espaço”.

Em relação a essa migração que ocorreu tanto no cenário mundial, como também no nacional, que devido ao afastamento dos espaços públicos físicos, e conseqüentemente, das trocas culturais que aconteciam nestes, presenciamos um modelo de constituição de identidade formada a partir das interações sociais reduzidas dos sujeitos, ficando esses restritos às suas relações íntimas, familiares e, para uma parcela da população, religiosas². Esse processo de construção formou indivíduos com bases de identificação relativamente fixa e fechada, pois assim como apregoa a formação sociológica do sujeito (HALL, 2006, pg.11) esse fora formado na relação com " outras pessoas importantes para ele", que mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos.

Nessa concepção clássica de identidade, os sujeitos munidos pelos símbolos adquiridos em seu meio social, interagem com o mundo exterior, mediando assim, toda a sua bagagem cultural. Atrelado a esse processo constitutivo, muitos sujeitos adentraram desenfreadamente nas mídias sociais digitais, focalizando nesses ambientes as suas medições culturais com o mundo exterior. Assim, a mediação cultural entre sujeito e sociedade (mídias sociais digitais), os indivíduos foram constituídos de forma privada das questões de alteridade, pois as trocas culturais aconteceram majoritariamente “entre os seus iguais” nas quais absolutizou-se os marcadores de diferença, como forma de classificar e excluir os grupos sociais que não se encaixassem nos seus parâmetros de identificação.

Dessa forma, como dito anteriormente, esse processo de formação de identidade remete ao sujeito sociológico descrito por Hall (2006), que além de ter como ponto de referência construtivo as suas relações sociais diminutas, tiveram um segundo fator

² Em 2020, as instituições religiosas obtiveram direito de permanecerem abertas por intermédio de decreto federal, que as incluíram na lista de atividades essenciais, com o compromisso dessas de obedecer às normas sanitárias.

influenciador, só que externo, advindo das suas interações nas mídias sociais digitais, um que se voltou aos seus centros valorativos, formulando um parâmetro identitário cultural ditado por uma “pluralidade de centros de poder” (LACLAU, 1990 apud HALL, 2006) instalados no ciberespaço.

Em relação a esse segundo fator, estamos nos referimos ao discurso que se encontrava no poder em 2020, o qual encontrou formas de chegar até os sujeitos, “sussurrando aos ouvidos” de forma sorrateira, utilizando as pontes de acesso ideológicas proporcionadas pela sua influência e sustentadas pela sua retrograriedade. Nesse processo, houve uma identidade que se destacou, a chamada *patriota*, que envolveu um mix de correntes ideológicas medievais e discrepantes, a qual se baseou em discursos políticos, históricos, religiosos e outros de cunho conservador para se formar, a qual analisamos neste trabalho de pesquisa a partir de memes de internet.

Sobre a prática de produção e de compartilhamento de memes de internet que expressam a identidade do sujeito, e conseqüentemente, a sua ideologia, esta se tornou um hábito corriqueiro, caracterizando-se numa verdadeira arena discursiva de linguagem comum em diversos espaços sociais, de tal forma, que os memes passaram a ser utilizados como marcadores de identificação política e/ou ideológica, estando presente em diversas cadeias da comunicação. É interessante citar que mesmo antes do período de pandemia e isolamento social, a prática de produção de memes de cunho político-social já era comum, porém, devido ao período de calamidade pública sanitária, essas ações se intensificaram, servindo como uma espécie de plano de fundo para a representação do imaginário social dos sujeitos.

Um dos principais fatores motivadores da criação dessa identidade cultural deve-se à (re) implantação de um medo fantasmagórico no imaginário social, no qual os discursos centrípetos o distorceram e o nomearam como o inimigo da nação, o comunismo, e que este movimento político representava o fim dos valores da família, da religiosidade, da propriedade privada, da heteronormatividade, ou seja, uma verdadeira ameaça aos princípios do chamado “cidadão de bem”, expressão adotada por esse grupo social como uma forma de autodefinição.

Nessa composição de identidade cultural, os marcadores de identificação se agarraram nas questões de diferença, os quais apertaram os laços ideológicos e enclausuram os sujeitos constituídos nas masmorras da individualidade, numa tentativa de homogeneizá-los e estabilizá-los no mausoléu da ignorância. Um dos meios de acesso aos sujeitos foi o compartilhamento de memes, os quais foram produzidos carregados de ideologias retrógradas

e *fake news*, postados em páginas das mídias sociais digitais, e impulsionados por hashtags e incutidos em grupos de Whatsapp e Telegram.

Sobre as demandas ocasionadas pela pandemia do Covid-19, como o isolamento e distanciamento social, e conseqüentemente, a implantação do sistema de trabalho home-office oriundo desse novo modelo de interação, é importante salientar a exclusão social que fora potencializada, pois é sabido que grande parcela dos brasileiros não conseguiram adotar para si este tipo de manutenção laboral, educacional e etc., devido as desigualdades de oportunidades que ainda se fazem presentes no nosso cenário político brasileiro e que são fomentadas pelas relações de poder vigentes.

2.2- Vozes que riem, se posicionam e ecoam no ciberespaço

O riso é um monumento da humanidade, presente subversivamente em diversos momentos da história. Por exemplo, é sabido que lá nos primórdios literários trovadorescos, as cantigas de escárnio e maldizer utilizavam o riso para construir críticas, incitar reflexões (poucos as compreendiam), mas era usado principalmente para ridicularizar, diminuir, agredir. Não é esse tipo de compreensão do riso que pretendemos construir aqui neste trabalho. Como dito no início deste capítulo, o riso possui engrenagens de ressignificação, dotado de potencial transformador. Se numa primeira leitura o riso apresentar indícios *escarniosos*, e nos direcionar para o *lado sombrio da força*, precisamos atribuir novos sentidos a ele, para não cairmos na armadilha mortal que leva à morte do *espírito*.

Quando utilizamos o último substantivo do parágrafo acima, estamos nos referindo a ele como uma nova forma de configuração da sociedade, uma que valorize e preze pela vida, uma baseada em valores de amor e solidariedade, a qual necessita urgentemente ressignificar as suas relações com a espiritualidade e a racionalidade. O referido substantivo também se refere à expressão *espírito de uma época*, que consiste num conglomerado de estudos (inclusive bakhtinianos) que visam compreender os fatores sociais, históricos e culturais que influenciam e formam a psique humana a modo de compreensão dos atos e comportamentos do ser *expressivo e falante*.

Retornando às reflexões sobre o riso, este é proveniente e está atrelado ao conceito de *carnavalização* trabalhado na obra *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto da obra de François Rabelais* por Mikhail Bakhtin. Esta obra contribui para a nossa compreensão sobre a linguagem libertadora que o riso nos proporciona e a forma como ela se

transforma na armadura que protege o povo contra a tirania do opressor, superando o medo e subvertendo o poder massacrante que a hierarquia do poder constrói.

Na referida literatura, Bakhtin nos elucida sobre o conceito de carnavalização, termo utilizado pelo autor, cuja derivação vem da maior festa popular de todos os tempos-*o carnaval*- para corporificar a subversão que acontece nessas festividades, nas quais há a interrupção (momentânea) das relações hierárquicas de poder. Nesses verdadeiros espetáculos da cultura popular na qual todos participam e festejam, prevalecem a jocosidade, a diversão e a zombaria, ocasião em que se rompem os laços sociais do medo, do sério e do autoritário, e que faz emergir a essência libertadora da vida, que é a alegria.

É importante ressaltar, que o carnaval ao qual Bakhtin se referia se aproxima mais das manifestações carnavalescas plurais e contra hegemônicas presentes na nossa sociedade, se expressando de forma distante das festas elitizadas que ganharam destaque na grande mídia, sendo essas fruto de um processo injusto de apropriação, o qual objetiva atender aos propósitos consumistas e exploratórios da burguesia. De acordo com Bakhtin (1987), no carnaval materializa-se uma cosmovisão de mundo, uma em que se carnavalizam os discursos centrípetos, e a alegria reina:

O carnaval é uma grandiosa cosmovisão *universalmente popular* dos milênios passados. Essa cosmovisão, que liberta do medo, aproxima ao máximo o mundo do homem e o homem do mundo (tudo é trazido para a zona do contato familiar livre), com o seu contentamento com as mudanças e sua alegre relatividade, opõe-se somente à seriedade oficial unilateral e sombria, gerada pelo medo, dogmática, hostil aos processos de formação e à mudança, tendente a absolutizar um dado estado da existência e do sistema social. (BAKHTIN, 1987, pg.173)

A cosmovisão relatada por Bakhtin, aproxima-se do nosso intento de atribuir sentidos ao mundo, sendo o riso o construtor de consciências. Sendo assim, considerando os aportes teóricos que sustentam o riso, intentamos apresentar a visão (cosmovisão) carnavalesca de mundo trazida pelos memes e forma como eles carnavalizam o opressor e os seus discursos. O fator impulsionador (que foi potencializado) deste nosso intento, relaciona-se com a trágica eleição do atual governo federal, pois compreendemos que, através dos fatos, este se apresenta como inimigo do progresso moral, ético e social do nosso país.

Esse fato fora comprovado no segundo ano de mandato do atual chefe de estado, no qual presenciemos a atuação nociva e negligente do seu governo em relação a uma pandemia altamente contagiosa e mortal para alguns grupos de pessoas. Neste período, vimos a recusa e a negação da ciência, na qual a igreja, em potencial, a evangélica (sem generalizações) dominou uma verdadeira legião, utilizando o medo como combustível para cometer diversas

atrocidades e perseguições (este fato será explanado no próximo capítulo) fomentadas pelo presidente e seus particulares.

Graças a Deus que hoje em dia é proibido enforcar e queimar pessoas nas praças públicas, porém, as forças centrípetas estão fomentando novas formas de cercear o nosso direito à vida, à liberdade. Assim, com o intuito de corporificar o retrocesso construído, os usuários de memes compartilharam excessivamente o exemplar abaixo:



Figura 1-A Idade Média era muito louca

O meme acima sintetiza o conflituoso período histórico sobre o qual estamos dissertando, sendo que o riso muitas vezes fora o cajado sustentador das nossas existências. No ano de 2020, o riso se apresentou como uma alternativa à tristeza, ao desespero, porém, em alguns momentos, representou a esperança de rirmos por amor novamente. Esse ano foi tenebroso, pois o medo rondou as nossas vidas. Foi o medo de sair às ruas, o medo de adquirir a peste, o medo de nos perdermos, o medo de nos descontrarmos dos nossos queridos, mas principalmente, foi o ano em que mais tivemos medo do nosso outro ideológico, pois ele se acostumou a se apresentar de mãos dadas com a morte, e essa não diz a respeito “apenas” ao óbito da matéria, mas também ao do *espírito*.

Diante dessa aberração, adotamos o riso para nos defender das investidas da morte, para subverter as relações de poder, para nos salvar do medo, para nos indignarmos, para nos posicionarmos a favor da vida, e para conscientizar o nosso outro de que ele está caminhando pelo desfiladeiro da ignorância, rumo ao precipício da extinção da nossa humanidade, onde no

final das contas, todos perdem. E assim, caracterizamos o riso como uma nobre empreitada, valente e heroica, na qual lutamos arduamente pela nossa libertação e pela do nosso outro.

Neste contexto de bravura complacente do riso, precisamos reafirmar para que jamais nos esqueçamos, de que o ano de 2020 foi tragicamente nocivo para todos os seres humanos, no qual cada um sentiu e vivenciou essa nocividade em intensidades diferentes, de acordo com o assento social que cada um ocupou: alguns estavam em sofás e poltronas de veludo, retráteis, macias e extremamente confortáveis; outros estavam em duras cadeiras de madeira que castigam as costas, mas que por algum devaneio, acreditavam estar em divãs, só por causa da parte fina almofadada que fornecia repouso ao traseiro; muitos estavam pendurados verticalmente em tijolos improvisados, que perfuravam e rasgavam a pele das nádegas; e milhares tinham apenas o chão como sustentáculo, os quais ficaram à mercê do frio e da quentura dos solos e dos insetos rastejantes.

Em relação à essa assimetria social, o nóxio produzido pela pandemia do Covid-19 fora potencializado pelo modelo de governo necropolítico vigente no ano de 2020, no qual a desigualdade econômica cresceu consideravelmente (será apresentado no próximo capítulo). Esse fato convergiu com a insatisfação e a revolta pública, na qual diversos memes foram produzidos diariamente, impulsionados pelas barbaridades pronunciadas e cometidas pelo (des) governo recorrente. Conectado a esse momento efervescente, o riso foi a égide de milhares de brasileiros, que se agarraram fortemente a esse pilar para que eles não desabassem, formulando e constituindo uma verdadeira cultura popular do riso, a qual se desvencilhou de qualquer traço que a poderia assemelhar à clássica:

Na cultura clássica, o sério é oficial, autoritário, associa-se à violência, às interdições, às restrições. Há sempre nessa seriedade um elemento de medo e de intimidação. (...) Pelo contrário, o riso supõe que o medo foi dominado. O riso não impõe nenhuma interdição, nenhuma restrição. Jamais o poder, a violência, a autoridade empregam a linguagem do riso. (BAKHTIN, 1987, pg. 78)

Assim, apoiadas nos aportes do riso a partir do Círculo de Bakhtin e seus estudiosos, podemos afirmar que o riso nunca se tornou oficial, pois ele é resplandecente, é alegre e subversivo, de forma que nos liberta da seriedade da carranca opressiva, e impede que as forças centrípetas o monologize ou até mesmo que o silencie. Com esse pensamento, fomos a campo e nos colocamos à escuta dos nossos “sujeitos objetos”, tendo os memes como ponte para a construção da nossa leitura. É relevante pontuar, para que possamos dar continuidade às nossas reflexões sobre o riso, que na referida obra, o supracitado autor deixa transparecer uma ideia otimista em relação ao acesso desse meio de comunicação, ao que concerne à

promoção da democratização do uso dessas mídias, porém, é importante salientar a importância de sempre nos lembrarmos dos diferentes assentos que compõem *o nosso belo quadro social*, principalmente, àqueles que possuem apenas o chão como “suporte”.

Retornando às manifestações acerca da visão carnavalesca de mundo promovida pelos memes, abordamos nas próximas linhas o movimento do riso presentes nos memes de 2020 analisados, o qual inicialmente atribuíamos o caos do referido momento histórico ao fator causalidade, se apresentando de forma acrítica. Abaixo temos o exemplar que evidencia esse pensamento, e que os compartilhadores de memes utilizaram para caracterizar as experiências proporcionadas pelo fatídico ano de 2020, e que fora compartilhado de forma demasiada em perfis estrangeiros de humor, chegando a pousar em terras verdes e amarelas, fato que presumimos denotar a obtenção de certa notoriedade, ocorrência esta que acreditamos estar justificada pelo resgate de artefatos artísticos risíveis, devido à sua intertextualidade:

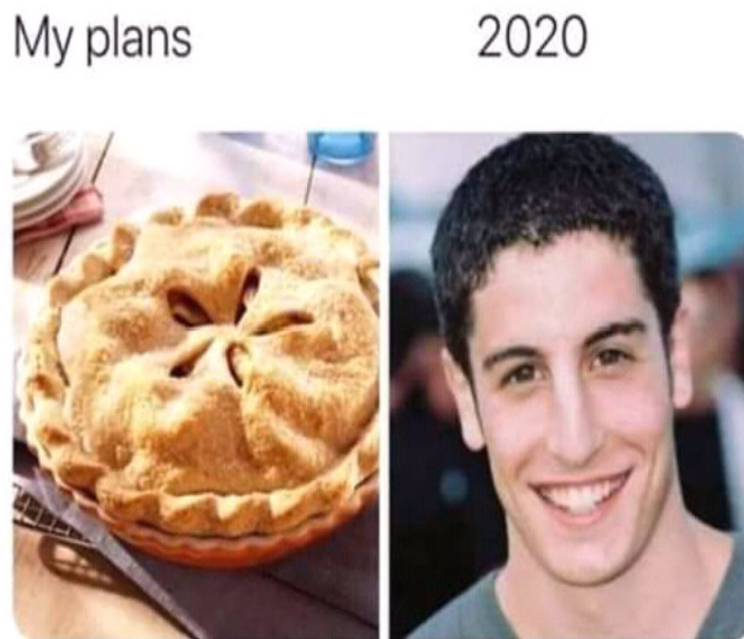


Figura 2- Meus planos e 2020

A partir do meme acima, presumimos que a linguagem do riso além de ser libertadora, ela pode adquirir potencial de compreensão universal³, dependendo do contexto social e cultural de seus interlocutores. Sobre o meme, este fora retirado de uma famosa página de humor da plataforma midiática digital Facebook (*Este é alguém*), o qual desbloqueia uma memória risível dos sujeitos que viveram o despertar de sua adolescência no final dos anos 90 e início dos anos 2000, retratando uma situação embaraçosa vivenciada pelo protagonista de

³ É fortuito frisar que esse “universal” não intenta apresentar o inglês como uma língua hegemônica, mas sim relatar que a linguagem do riso não encontra barreira para a compreensão em manifestações estrangeiras, desde que o interlocutor reconheça a origem da intertextualidade presente no meme.

uma famosa película dessa época (*American Pie* -Torta Americana na tradução literal), que fez parte de um conglomerado viral de filmes cujo gênero era definido como besteiróis americanos.

No longa-metragem marcado pela comédia juvenil, o personagem Jim Levenstein (Jason Biggs) é um adolescente de classe média que está vivenciando o desabrochar de sua juventude, na qual ele experimenta novas descobertas e desejos. Os elementos presentes no meme se referem a uma cena em que Jim está se estimulando sexualmente (“masturbação”), utilizando uma torta de maçã (que estava morna, pois não fazia muito tempo que havia sido assada) como simulacro da genitália feminina. O humor se faz presente pois se ressignificam os papéis, a modo de compreender de que os nossos planos (nós) somos a guloseima, e que ano de 2020 está fazendo conosco o mesmo ato que Jim fez à torta, ou seja, tivemos a nossa integridade violada. O meme a seguir materializa pela linguagem imagética a personificação do mal que violentou a nação brasileira:



Figura 3- Cada um tem o demônio que merece

Seguindo o movimento do riso, o meme acima apresenta resquícios de criticidade, argumentação e discursividade, o qual propõe o rompimento dos laços com o fator causalidade. Dessa forma, o meme incita reflexões acerca da responsabilidade dos atos do presidente da república, de forma a questionar o porquê da denominação “demônio” utilizada. Assim, o gênero resgata um personagem fictício, porém em contextualização diferente, para nos apresentar uma ideia de um “demônio aceitável”. O personagem em questão, é o

protagonista da série televisiva estadunidense de comédia dramática chamada *Lúcifer*. Este meme promoveu enorme comicidade entre os compartilhadores desse gênero do discurso, ao nomear o chefe do executivo brasileiro como um capeta indesejável, comparado ao satã-galã do referido seriado. No *TV Show*, Lúcifer é o trevoso senhor do inferno, que entediado por viver nas profundezas, se materializa na terra para tirar umas férias, mas não em qualquer lugar, pois este escolhe Os Estados Unidos, mas propriamente, Los Angeles, como o seu lar momentâneo. Num primeiro contato, o referido meme promove a diversão, porém, num olhar mais atencioso, percebemos o uso proposital da adjetivação como uma metáfora para se referir aos atos negligentes, e por muitas vezes, desumano do presidente do Brasil.

Compreendemos que o uso do substantivo demônio materializa o sentimento de insatisfação dos brasileiros devido à política negacionista adotada por este (des) governo, o qual promoveu um verdadeiro inferno na vida dos brasileiros, porém, ao mesmo tempo que a escolha desse substantivo petrifica a maldade, ela também “dá” superpoderes ao referido sujeito, mistificando-o, envolvendo-o num véu de **mitologia**, tornando-o quase invencível, e isso não é a nossa intenção. Precisamos trazer o referido governante para o patamar que ele se encaixa, o do real, do palpável, dimensão na qual não precisamos demonizá-lo, e sim, responsabilizá-lo por suas ações. O meme abaixo corporifica a intenção:



Figura 4- A culpa não é minha

Por fim, temos a caracterização da última etapa do movimento do riso, expresso pelo exemplar acima, de forma a se constituir como a identificação da atuação nociva do presidente durante a pandemia. Neste gênero do discurso, identificamos a “expulsão” do chefe

do executivo brasileiro do altar mitológico, trazendo-o para a realidade, convocando-o para a responsabilidade. Esse meme possui característica maestral, o qual assim como os outros apresentados aqui, necessita de contexto para fazer sentido, e de forma similar, resgata situações e personagens da ficção, apresentados de forma ressignificada, sendo estes emprestados do querido e famoso seriado de animação televisiva chamada Scooby-Doo.

Na nossa época, o chamávamos de desenho, e assim continuaremos a nos referir a ele [Risos]. Sendo assim, o empréstimo e a incorporação do clímax do referido desenho caracterizam maravilhosamente (terrivelmente) a situação na qual a nossa nação foi submetida. Assim como o enredo do desenho, temos um algoz que está manipulando os fatos, que utiliza de artimanhas para aterrorizar e afugentar, e que semelhante à maioria dos roteiros de Scooby-Doo, pois age motivado por interesses financeiros. Aqui temos a visualização do principal sabotador do referido governo federal e da nação brasileira, ou seja, o próprio chefe de estado brasileiro.

Dessa forma, vamos caminhando e construindo a nossa leitura, na qual o gênero discursivo meme é fascinante e revolucionário, pois ele expressa e materializa ricamente a capacidade de articulação e criatividade do ser expressivo e falante, que é dotado de perspicácia, que é ativo, que se posiciona, e que às vezes, mesmo calado verbalmente, está fazendo barulho, mas não um do tipo estridente e que causa sangramento aos ouvidos, mas sim um vigoroso e edificante, que batalha, que reconstrói e que não reverbera somente no ciberespaço, como também nos mais diversos campos da vida.

2.3-O diálogo como ponte para a constituição da identidade a partir da alteridade

A leitura sobre os gêneros do discurso nos elucidam sobre o caráter recíproco e constitutivo entre linguagem e humanidade, estando essas duas instâncias conectadas imprescindivelmente na vida. Um dos fatores que engloba esse processo mútuo de formação, envolve a constituição do ser, no que diz respeito a sua identidade. Como explicitado até aqui, a linguagem abrange diversas questões, sendo que é por intermédio desta que os sujeitos participam e interagem no mundo, expressando assim, toda a bagagem cultural, histórica e social que os compõem.

A partir da compreensão de que as identidades são construídas em momentos particulares no tempo (WOODWARD, 2020), enxergamos que a linguagem exerce um papel primordial nessa construção, pois é a partir desta que os sujeitos externalizam, identificam e apreendem os seus símbolos, num processo de constituição contínuo que envolve a

representação de sua(s) identidade(s). Em Hall (2006) apreendemos que devido aos deslocamentos proporcionados pela pós-modernidade, e a obediência imposta pelas demandas emergentes dessa Era, a identidade entrou em crise, pois anteriormente presumia-se que esta era estável e harmoniosa com o meio social dos sujeitos.

Doravante nessa configuração social advinda da pós-modernidade, os sujeitos tiveram que produzir/ assumir de forma concomitante diversas identidades (para sobreviver), as quais geralmente são marcadas pelo conflito, fato resultante na fragmentação do ser pontuada por Hall (2006). Nessa conjuntura de sociedade, devido à opressão oriunda dos diversos sistemas de identificação (econômico, político, social, cultural) que englobam a sociedade, os sujeitos adotaram em alguns aspectos, uma característica individualista, no que se refere às fronteiras com os seus outros, influenciados pelas marcações de diferença e pelo *modus operandi* constitutivo do sujeito cartesiano.

Nessa linha do eu *penso, logo existo*, a humanidade conseguiu (em parte) se desvencilhar do teocentrismo medieval, contestando as verdades que eram impostas naquela época, instaurando posteriormente, uma Era Antropocentrista, marcada pela criticidade e racionalidade. Assim, a humanidade se reconfigurou ao definir o ser humano como um animal crítico e pensante. Porém, nessa linha, o que era para ser uma alvorada de novidades etéreas, transformou-se num abismo de individualidades, no qual construíram muitos muros e pouquíssimas pontes. Consequentemente, se instaurou a narrativa dos marcadores de diferença como uma forma de promoção excludente, a qual é explicitada e mantida pelos sistemas de representação dos sujeitos, dadas pela linguagem.

Confrontando a perspectiva de constituição da identidade de forma isolada e sujeita às relações de poder, temos uma proposição outra a partir de estudiosos do Círculo de Bakhtin, que veem na cultura uma possibilidade de construção identitária distinta, e em conjunto com o nosso outro. De acordo com Bassinello e Miotello (2019) faz-se necessário a “compreensão da importância dos estudos de linguagem - das práticas discursivas - como porta de entrada e lugar para pensar sobre a cultura, que entendemos como uma força para mudança global e transformação diária e seu papel na formação de identidades individuais e sociais”.

Assim, é descortinado para nós, um pensamento revolucionário, o qual é baseado na constituição da identidade a partir das nossas trocas culturais com os nossos outros, as quais encontrarão no conflito e o embate de vozes, uma possibilidade de reconstrução, de ressignificação. Dessa forma, a formação da identidade centrada no eu-indivíduo, passando a ser constituída pela alteridade, no momento de reconhecer a importância do outro e afirmar que as interações com esse outro são responsáveis pela constituição do meu eu (sempre em

transformação). Ao compreender a cultura sob a perspectiva da alteridade, constituída de atos responsáveis, é possível dialogar entre os discursos, uma vez que a alteridade é exatamente o elemento que abre o sujeito a novas possibilidades de agregação de saberes e valores, deixando explícito que o sujeito é e sempre será uma obra incompleta, inacabada.

O olhar pela alteridade permite conceituar a cultura como espaço de reconhecimento do outro, no qual os sujeitos consolidam atos responsáveis com significados para outros sujeitos em diversas situações. Essas ações realizadas pelos sujeitos através da alteridade enriquecem as relações humanas, que por sua vez, ecoam na cadeia da comunicação verbal, renovam os conflitos sociais, e abrem novas possibilidades de sentido, para tanto, é imprescindível o encontro, o movimento das vozes: ir-interpretar/compreender-voltar e ressignificar.

2.4- “Ideologia, eu quero uma pra viver”

Com empréstimo de Cazusa, damos nome ao último subitem deste capítulo, o qual proporemos uma chamada, um deslocamento, uma aventura filosófica. A palavra ideologia muitas vezes é atacada pelas das forças centrípetas, pois elas tentam atribuir sentidos inadequados ao termo, de forma a provocar e reverberar noções descabidas na sociedade. Um bom exemplo disso é a fantasmagórica “ideologia de gênero” que os grupos conservadores tanto defendem a existência, os quais utilizam o termo de forma pejorativa para se referir aos estudos de gênero, campo de pesquisa extremamente necessário para se quebrar paradigmas de desinformação, e promover acolhimento aos grupos excluídos socialmente.

As questões entre identidade e alteridade são imprescindíveis para se compreender a importância da ideologia, pois por intermédio desta constituição se constrói também a ideologia, e por conseguinte, e essa que irá nos guiar nos caminhos de avaliação, interpretação e compreensão de signos, a qual nos ajudará a tecer a nossa contrapalavra. A ideologia está presente descaradamente em todos os sistemas de representação divulgados e financiados pelas forças centrípetas, de forma a moldar o pensamento humano, enclausurando-o. Nesse processo, constituir a nossa própria ideologia é tarefa primordial, para que possamos erguer os nossos escudos de defesa e de afirmação de nossas existências.

Num simples comercial de peru de natal, por exemplo, conseguimos visualizar e interpretar os diversos valores propagados pela classe dominante, a qual tenta “sorratamente” promover a manutenção do *status quo* da sociedade, pois este a favorece. Quando temos uma família branca sentada à mesa na véspera de natal, composta por um

homem exercendo o papel de pai, uma mulher exercendo o papel de mãe, uma filha usando rosa e um filho usando azul, temos a constituição de um sistema de representação que além de inculcar denominações na sociedade, molda pensamentos, comportamentos, e noções de pertencimento e de merecimento.

As denominações compreendem o projeto de atribuir papéis aos gêneros, como a função de subserviência da mulher, o homem sentado na melhor posição da mesa, conseguindo visualizar os demais membros e ter acesso a eles, etc. A tentativa de moldagem do pensamento e comportamento dizem a respeito às observações a respeito do desempenho de cada membro da família, e a composição dessa, relacionada ao arranjo heteronormativo. Já as noções de pertencimento e merecimento revelam um lado mais obscuro do sistema, o de classificar os grupos, e dizer quem está dentro e quem está fora, quem merece comer e quem merece passar fome. Propagandas como essas servem como engrenagem para a manutenção de privilégios e sistemas de exclusão tão altamente propagados durante o período histórico que estamos dissertando. Uma forma de contrapalavrear esse discurso, é colocando em prática a nossa pluralidade de pensamento, constituída a partir dos encontros alteritários que nos ajudam a formar a nossa ideologia.

Esse é apenas um pequeno exemplo da massiva propaganda das forças centrípetas, porém, precisamos ser mais contundentes nos nossos apontamentos, para entender a importância da nossa união, reconhecimento e fortalecimento enquanto forças centrífugas. Para exemplificar, citemos o genocídio/exterminio cometidos contra a nossa população, em especial contra os grupos vulneráveis da sociedade. Durante a pandemia, por exemplo, grandes veículos de comunicação noticiaram a contaminação e óbitos dos nossos povos originários. Em muitas manchetes pesquisadas, as matérias informavam a ocorrência do Covid-19 nas comunidades indígenas, atribuindo a contaminação a fatores como a falta de conhecimento dos habitantes em relação à prevenção da doença, à fatores casuais, como a vivência/permanência em lugares de difícil acesso, e à dificuldade na comunicação, alegando que muitas comunidades isoladas não falavam a língua portuguesa, elementos que combinados, tentaram manipular a opinião popular a modo de enxergar os povos indígenas como atrasados, primitivos, etc., tendo como papel preponderante a atuação de algumas igrejas evangélicas.

O que eles “esqueceram” de noticiar foi que, a contaminação dos povos originários que moram em comunidades distantes dos grandes centros, se deu pela ação criminosa de grupos que trabalham para madeireiros, empresas de mineração, empresários do agronegócio, etc. Houve um genocídio dos povos originários do Brasil durante a pandemia, só que além de

ser desumano e cruel, foi noticiado de uma forma injusta e desigual pelos grandes veículos de mídia, pois estes respondem ao grande mercado, ou seja, às forças centrípetas. Só foi possível conhecer essa outra realidade escondida por meio do diálogo, por meio do escutamento e cotejamento das muitas vozes que compõem o discurso.

Por intermédio da conexão entre os saberes distintos, foi possível visualizar uma verdade diferente daquela que foi divulgada pelas forças centrípetas durante a pandemia, como denominar o Covid-19 como uma “gripezinha” ou recomendações indevidas de medicamentos. Esse resultado é oriundo dos encontros entre as alteridades, as quais nos ajudam a formar e a afirmar a nossa ideologia maior, que é o respeito à vida.

Para encerrar esse breve subitem, deixamos uma provocação feita pela professor Pedro Demo (DEMO, 2001, pg.320), o qual nos ajuda a compreender a importância da alteridade e do diálogo: *“O sistema não teme o pobre que tem fome. Teme o pobre que sabe pensar. O que mais favorece o neoliberalismo não é a miséria material das massas, mas sua ignorância”*

CAPÍTULO 3- RELAÇÕES DIALÓGICAS EM REDE: DIÁLOGOS, DISCURSOS E POSICIONAMENTO CRÍTICO

“O humor deve ser considerado como uma forma poderosa de transformação, de persuasão ideológica sobre o outro. Que meio mais encantador, do que fazendo alguém rir, poderíamos convencer alguém (ou fazê-lo refletir) sobre algo?”

Alline Rufo

A indústria cinematográfica norte-americana há décadas vem investindo em longas-metragens que roteirizassem desastres naturais, catástrofes, epidemias, apocalipses zumbi, meteoros em destino à Terra, e diversas outras tragédias que premeditassem um varrimento da vida do planeta, bom, pelo menos de uma parcela da população, aliás, nesse assunto eles possuem uma expertise assustadoramente fértil. Porém, mesmo com o vasto leque demonstrativo de intempéries cinematográficas hollywoodianas, não estávamos preparados para os acontecimentos do ano de 2020, no qual o pesadelo que há muito havia sido premeditado, tornou-se realidade. Neste ano aterrorizante, eclodiu um vírus mortal, que foi capaz de não só aniquilar corpos, como também, *espíritos*.

A riqueza da classe de palavras que atribuem características e definem as coisas e os sujeitos é grande, porém, o nosso vocabulário foi insuficiente em alguns momentos para descrever os horrores do referido ano, principalmente no que diz respeito à falta de empatia e solidariedade com o próximo. Deveríamos estar preparados para essa tormenta, devido às inúmeras películas cinematográficas, porém, quando se trata do real-real, a alma reluta a acreditar nas barbaridades vistas pelos olhos, e os ouvidos tentam se fechar para não ouvir as notícias tristes. Resumindo, se 2020 fosse um filme, ele seria considerado o *tape* mais assustador da nossa geração, pois o monstro mais aterrorizante não é um fantasma que se esconde no porão, e tão pouco um maluco que corre atrás de suas vítimas com uma máscara de couro humano, e sim uma doença chamada *ganância*.

Em relação ao referido vírus mortal que assolou a humanidade, os epidemiologistas o nomearam de Covid-19⁴, sendo classificado pela OMS como uma pandemia, ou seja, quando uma enfermidade epidêmica atinge o patamar de contaminação mundial. O primeiro caso de Coronavírus foi notificado no final do ano de 2019, na cidade de Wuhan, pertencente à

⁴ O nome Covid é a junção de letras que se referem a (co)rona (vi)rus (d)isease, o que na tradução para o português seria "doença do coronavírus". Já o número 19 está ligado a 2019, quando os primeiros casos foram publicamente divulgados- Fonte: Portal Fiocruz.

província de Hubei da China. Após a notificação inicial, a doença se alastrou de forma assustadora, assolando os habitantes chineses e os dos países vizinhos, e chegando a viajar para os continentes geograficamente próximos. Diante desse fato, a OMS emitiu um alerta global orientando medidas sanitárias preventivas, já que no momento havia pouco conhecimento científico sobre o vírus.

No contexto entre a primeira notificação da doença no Brasil, e seu alastramento pelo mundo, houve o acatamento das orientações sanitárias emitidas pela OMS por grande parte dos países que notificaram os casos da enfermidade, como distanciamento social, testagem em massa e controle do tráfego aéreo internacional. Em território nacional, temerosos com um possível surto da doença, a comunidade científica juntamente com uma grande parcela da sociedade brasileira implorou por medidas preventivas, as quais foram ignoradas pelas entidades governamentais responsáveis. Em consequência desses atos irresponsáveis por parte do governo federal, no dia 26 de fevereiro de 2020 foi divulgado pelo Ministério da Saúde o primeiro caso de Covid-19 no país, que se tratava de um homem, brasileiro, de 61 anos (o qual não teve sua identidade divulgada), que voltara de uma viagem à Itália, e que estava internado no Hospital Israelita Albert Einstein.

Com essa notícia, o país voltou a sua atenção para o Coronavírus, o qual dividia a opinião pública entre os mais diversos grupos sociais, sendo enxergado por muitos como uma ameaça real, e por outros como um alarde midiático. Próximo a esse período, repercutiu uma fala⁵ do Presidente da República, pronunciada no dia 10 de março de 2020 em um evento de empresários brasileiros na Cidade de Miami, EUA, na qual ele minimizava o avanço do Coronavírus pelo mundo, e insinuava que a grande mídia estava promovendo um alarde desnecessário sobre a doença, deixando transparecer que havia uma estratégia de marketing com fins econômicos por detrás das notícias sobre a enfermidade, fato esse que reforçou as ideias conspiratórias no imaginário de uma parcela da sociedade brasileira.

Adiante, após a primeira notificação de caso da doença no país, várias outras incidências de Covid-19 foram surgindo em território nacional, atingindo inicialmente os grandes centros urbanos. Nesse momento, a população já se encontrava alvoroçada e apavorada pela iminência de um surto no Brasil, utilizando as redes sociais para expressar as suas mais diversas angústias, como também, os seus memes. Nesse contexto, um vídeo da rapper norte-americana Cardi B se tornou mundialmente viral, devido ao espanto e a

⁵ “Muito do que tem ali é muito mais fantasia, a questão do coronavírus, que não é isso tudo que a grande mídia propaga. Alguns da imprensa conseguiram fazer de uma crise a queda do preço do petróleo”. Fonte: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/03/em-evento-esvaziado-nos-eua-bolsonaro-nega-crise-e-diz-que-problemas-na-bolsa-acontecem.shtml>

comicidade da cantora em relação ao avanço do Covid-19, gerando diversos memes aqui na nossa Bela Pindorama, sendo o exemplar abaixo um dos mais compartilhados:



Figura 5- Cardi B e o Coronavairus

No viral da Cardi B, ela relatava que estava apavorada com o alastramento da doença, no qual ela culpa ironicamente a China pela sua disseminação, e caçoa das pessoas que estavam fazendo piadas com uma coisa séria, pois de acordo com a rapper, a maioria dos nossos bens de consumo como eletrônicos, acessórios, itens de beleza etc., são importados do país originário do Covid-19, ou seja, ninguém estava isento de contrair o vírus. Um dos elementos que tornaram o vídeo um viral aqui no Brasil, foi a pronúncia do vocábulo Coronavírus, no caso, *Coronavairus* (em inglês).

Essa fala da cantora sobre a origem do vírus reverberou de forma negativa na sociedade brasileira, famosa pela sua zoeira e criação massiva de memes de internet, a qual reforçou um sentimento que até o momento estava latente no imaginário social, que remetia à xenofobia, no caso, em relação aos chineses. Esse fato gerou inúmeros memes de internet, os quais promoveram um tipo pobre de riso, marcado pelo sentimento preconceituoso e xenofóbico, evidenciando o potencial destrutivo de um simples meme no imaginário social:



Figura 6-Compras na Wish



Figura 7-“Chinês tossindo na pastelaria

Os memes acima expressam o preconceito racial que fora alimentado no ideário social brasileiro em relação à China, reforçando alguns estereótipos e a xenofobia existente, cujo termo recebe o nome de sinofobia. De acordo com o artigo “*Sinofobia já é um fenômeno global*” escrito pela colunista Rosana Machado e publicado no dia 27 de junho de 2020 no jornal eletrônico *El País*, esse sentimento de desprezo fora reforçado por alguns pronunciamentos do então presidente dos Estados Unidos, o empresário Donald Trump, nos quais o chefe de estado norte-americano acusou veemente a China pela criação e disseminação proposital do vírus, motivada por interesses econômicos, segundo ele.

Esse discurso reverberou em países latino-americanos, o qual fora aceito e incorporado pelo presidente da nação brasileira do ano de 2020, algo que gerou uma controvérsia imensa, pois o país asiático é o maior parceiro comercial da nossa República Federativa, fato que prejudicou a diplomacia entre o Brasil e a China. Esse apoio aos delírios trumpistas fez com que os apoiadores do então governo brasileiro criassem e espalhassem fake news sobre a China, algo que fomentou discursos de ódio e encorpou teorias da conspiração, de acordo com a antropóloga e colunista brasileira do jornal espanhol.

Em meio a esse contexto inicial pandêmico, marcado por irresponsabilidades das entidades governamentais, fake news e teorias da conspiração, ocorreu de acordo com o Portal IG-Saúde, o primeiro óbito oriundo do Covid-19 no Brasil, o qual se tratava de Rosana Aparecida Urbano, mulher de 57 anos, mãe, esposa, diarista, e moradora da Cidade Tiradentes, localizada na Zona Leste do estado de São Paulo, uma das regiões mais pobres da área metropolitana paulista. Após a triste partida de Rosana, a doença vitimou fatalmente (em

um período de 40 dias decorridos de sua morte) a sua mãe Gertrudes, o seu irmão Emerson, a sua irmã Rose, e Júlio, o seu pai.

Nessa altura, em meados de março de 2020, mediante à alta taxa de contaminação, ao crescente e célere números de óbitos, e à pouca informação sobre o tratamento adequado para a doença, alguns estados brasileiros decretaram quarentena, e *lockdown*⁶ para as localidades de foco do contágio, como São Paulo, Rio de Janeiro e Manaus, ambos a contragosto do governo federal. Essa medida preventiva suspendeu temporariamente as aulas nas entidades públicas e privadas, como também, atividades não essenciais, tanto em ambientes públicos quanto privados.

Nos meses seguintes, levando em consideração a implantação da primeira quarentena, o cenário nacional apresentou inicialmente tímidas melhoras na contenção do avanço do Coronavírus, tendo a sua eficácia abalada devido às diversas flexibilizações autorizadas pelos governantes, e por causa das recorrentes pressões do governo federal para que a sociedade voltasse à normalidade. Dessa forma, infelizmente se estabilizou um estado de calamidade pública na nossa nação, o qual forçou uma migração imediata das interações humanas para os espaços virtuais, realizada de forma injusta e excludente, a qual fora intercalada por quarentenas e lockdowns, os quais se alternaram de acordo com os picos de contaminação, e devido ao mau gerenciamento⁷ por parte dos órgãos públicos, deixaram um rastro assustador de óbitos, se caracterizando na pior e mais dolorosa tragédia da história do nosso país, a qual assolou em potencial a população mais carente.

Assim, tornou-se corriqueiro em nossos vocabulários algumas expressões, como: home office, álcool em gel, quarentena, aula online, EAD, Google Meet, Zoom Class, entre outros. Destarte, nas próximas linhas abordaremos e dissertaremos sobre as principais tragédias que acometeram o nosso país, utilizando o cotejamento entre textos para nos auxiliarem nesse processo tão doloroso, porém, necessário, no qual trouxemos algumas vozes sociais para dialogar conosco, compondo assim a nossa leitura sobre o triste, catastrófico e aterrorizador cenário político do ano de 2020.

⁶ O termo lockdown é um empréstimo da língua inglesa que significa confinamento. De acordo com um estudo do *International Journal of Infectious Diseases*, a medida é a mais eficaz para contenção da transmissão do Covid-19.

⁷ Devido a divergências nas medidas de enfrentamento do Covid-19, o Supremo Tribunal Federal precisou aprovar a ADI 6341, medida que concedeu autonomia aos governos estaduais e aos municípios para o autogerenciamento na contenção de contaminação pelo Coronavírus, pois a União determinou ignorância às orientações da OMS, seguindo à contramão da Ciência.

3.1- Humor, ironia e ideologias- o encontro de discursos outros: “Queria comprar uma arma, mas não consigo nem comprar arroz”

O cenário político que se instaurou nos meses seguintes no Brasil foi caracterizado por contínuos infortúnios, os quais foram oriundos do mau gerenciamento da pandemia de Covid-19 por parte das entidades públicas responsáveis, pois não houve sintonia no enfrentamento ao vírus no território nacional, pois os governos estaduais e os municípios tiveram que trabalhar de forma isolada para conter o avanço da doença, sem o auxílio e liderança da União, pois esta, equivocadamente, decidiu ignorar às orientações da OMS, órgão institucional internacional de caráter consultivo, especializado em saúde pública.

Dessa forma, devido ao não aparelhamento/alinhamento da organização político-administrativa da República federativa do Brasil, um dos primeiros setores a sentir a divergência entre os poderes foi a economia, a qual atingiu inicialmente o preço dos itens básicos de alimentação da população, como o arroz. Antes de dissertarmos sobre isso, pensemos na relação política existente na administração pública como uma família, porém, sob o retrógrado molde do ideário conservador. Neste modelo de instituição familiar, temos o pai, a mãe e os filhos organizados hierarquicamente, estando cada um a cumprir o seu papel na constituição e manutenção da família.

Dessa forma, o pai e a mãe trabalham em conjunto para alimentar, vestir, educar, cuidar da saúde, proporcionar lazer e suprir as necessidades dos filhos, sendo que esses são o futuro da família. Quando o pai ou a mãe se nega a exercer a sua função ou age negligentemente na promoção de um dos direitos dos seus filhos, eles provocam lacunas no desenvolvimento de sua prole, impossibilitando a plenitude deles, prejudicando assim, o desempenho deles na sociedade. Neste esquema, o pai é a União, a mãe é os estados e municípios, e os habitantes do são os filhos, entretanto, diferentemente da analogia utilizada, nós pagamos altos tributos durante toda a nossa vida, para que tenhamos os nossos direitos cumpridos e preservados, sendo que a família (nação) só existe por causa dos brasileiros.

Quando o governo federal decide ignorar as orientações da OMS, ele dificulta a execução das medidas de contenção do Coronavírus, agindo levemente e deixando de cumprir o seu papel com a nação, cerceando os direitos básicos dos brasileiros. O artigo quinto da Constituição Federal de 1988 assegura o direito à vida, tendo como princípio básico a dignidade da pessoa humana. Uma vida digna não significa apenas existir, ou subsistir e tão pouco sobreviver, mas sim alcançar a plenitude, a qual só é possível se todos os direitos

assegurados forem respeitados. Uma das prerrogativas para se ter vida, é se alimentar, é poder comer satisfatoriamente bem, com hombridade. Fato que fora desrespeitado no ano de 2020.

No referido ano, de acordo com os dados da inflação (Agência Brasil), um pacote de arroz de 5 kg encareceu cerca de 71%, ficando em total dissonância com o salário-mínimo da época (1.045,00 reais). Dessa forma, o item básico de alimentação tornou-se um “artigo de luxo” nas mesas dos brasileiros, juntamente com o óleo de soja, que atingiu o assustador aumento de 103%. Agravando essas adições astronômicas no valor da cesta básica do brasileiro, fora publicada no Diário Oficial do dia 1º de abril de 2020 a MP 936/2020, que regulamentava o “Programa Emergencial de Manutenção do Emprego e da Renda”, que consistia num dispositivo legal que autorizava a redução salarial, a suspensão temporária do contrato de trabalho e, para não ficar muito feio, regimentava o pagamento de benefício emergencial.

Em meio a essa medida que ofendeu a dignidade do trabalhador, e a inflação dos alimentos, a aquisição de uma cesta básica tornou-se algo muito difícil. Tomemos como exemplo o valor dos mantimentos essenciais na região de (sobre)vivência da Rosana, mãe amorosa, esposa dedicada, mulher batalhadora, que tristemente fora vitimada pelo Covid-19. No estado da primeira vítima fatal do Coronavírus (a causa da morte foi revelada após 3 meses de seu óbito), a compra do item registrou um aumento de quase 40% em comparação com o ano anterior, ficando no ranking das cestas básicas mais caras do país, que atingiu o valor assustador de R\$ 629,18 (65% do salário-mínimo da época).

As consequências desse aumento exorbitante foram sentidas em potencial pela classe trabalhadora, ainda mais quando se leva em consideração a parcela que recebe a remuneração mínima neste país. Um dado desesperador neste período foi que a insegurança alimentar se multiplicou, pois, estima-se que neste espaço de tempo mais de 19 milhões de brasileiros não tinham o que comer, de acordo 2º Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil, realizado pela Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional. Relacionado a todos os fatos citados, tivemos uma alta taxa de desemprego no país, que atingiu quase 14 milhões de brasileiros, de acordo com a PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) divulgada pelo IBGE.

Em resultância das atrocidades cometidas à classe trabalhadora deste país, a ânsia por protestos populares cresceu, e naquele momento, a população brasileira se encontrava num estado de extrema vulnerabilidade devido ao vírus, algo que inviabilizou as manifestações democráticas pelas ruas, devido ao crescente número de contaminados na época.

Assim, o exemplar abaixo foi compartilhado, Dessa forma, inconformados e indignados, e tendo apenas as redes sociais para se expressar e interagir com o mundo exterior, muitos brasileiros começaram a produzir e reproduzir memes que contemplavam a temática da alta do preço dos alimentos, pois na ocasião, era a única forma de manifestar as suas críticas em relação ao descaso dos governantes com a população:



Figura 8- Paulo Guedes, pague o meu arroz!

O meme acima retrata a inflação instaurada naquele período histórico, o qual fora escolhido para caracterizar a desvalorização da moeda brasileira, sendo que no referido ano, uma nova cédula monetária fora colocada em circulação, a desnecessária nota de R\$ 200,00, feito propagado exaustivamente pelo “guru” financeiro do governo federal da época, o neoliberal Paulo Guedes, Ministro da Economia daquele período, e que aparece no canto inferior direito do meme. O compartilhamento que viralizou na época fora realizado por Guilherme Boulos, político brasileiro reconhecido pelo seu ativismo em defesa dos direitos do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST), e que demonstra publicamente a sua oposição ao governo federal. Assim, percebemos que o compartilhamento de memes envolve muitos propósitos, como a disputa política sendo um deles. Um fato que conecta os elementos acima, e que caracteriza um dos principais sintomas econômicos em períodos inflacionários, é o baixo poder de compra dos cidadãos, algo descrito com maestria pelo meme.

É sabido que os memes de temática política sempre obtiveram destaque na vida dos usuários de redes sociais, tornando-se um hábito dos internautas. No período pandêmico, a

sua produção e compartilhamento foram potencializados, atrelados aos acontecimentos do cotidiano, e aos propósitos comunicacionais de seus usuários, e de certa forma, expressando e reafirmando pontos de vistas e ideologias:



Figura 9-Calvie Candie zuêro

No referido exemplar, temos a icônica imagem do personagem Calvin Candie, do longa-metragem de época “Django Livre”, do cineasta Quentin Tarantino, interpretado pelo ator Leonardo DiCaprio. No filme, DiCaprio interpreta um senhor de bens da alta sociedade, branco, herdeiro, de privilégios, e escravocrata ferrenho. Esse meme foi muito compartilhado nas redes sociais, devido ao humor expresso nele, relacionando o personagem fanfarrão com o seguinte dizer: “*O pacote de arroz olhando pra você que achou que ia comprar uma arma*”, fazendo menção a uma parcela do eleitorado *daquele-que-não-deve-ser-nomeado*, não pertencente à classe privilegiada da sociedade, que depende de salário para (sobre) viver.

O referido meme satiriza a promessa eleitoreira do presidente durante a sua campanha eleitoral de 2018, que prometia a flexibilização burocrática para a aquisição de uma arma de fogo, carro-chefe de sua campanha eleitoral. Esse exemplar fora compartilhado inúmeras vezes, se espalhando por diversas redes sociais, o qual tinha sido compartilhado inicialmente na plataforma midiática Twitter, e depois migrou para outras, como o Facebook e Instagram, de acordo com a nossa sondagem.

Essa grande repercussão incomodou os grupos sociais que defendem a posse e o porte de armas, fazendo com que eles gerassem os seus próprios memes, como uma espécie de resposta, em defesa do armamento da população:



Figura 10- Arma no cangote dos outros é refresco

O exemplar acima foi retirado de uma página de compartilhamento da plataforma Facebook, intitulada *Memes de Direita*. A referida página se intitula (va) como apoiadora do então presidente da república daquele período, na qual percebemos que muitos dos memes criados e compartilhados tiveram como fato gerador as ideologias propagadas pelos representantes do referido (des) governo, sendo a defesa do discurso pró-armamento um deles. Nesse caminho, entendemos que o referido discurso tenta se autopromover como hegemônico, incorporando-se como o oficial (estabelecido pelas relações de poder).

É fortuito citar que, tivemos o primeiro contato com os memes desta página num grupo de Whatsapp, no qual um grupo de estudantes estava compartilhando o referido meme para expressar o seu posicionamento em relação ao discurso que defende o armamento da população. Este exemplar foi composto pelos seguintes elementos: a imagem de um homem branco (desconhecido por nós) considerado distante do ideal de beleza que é propagado pelos padrões estéticos do Mercado, segurando um objeto erótico, que pela análise de seu manuseio, aparenta estar simulando portar uma arma de fogo, possivelmente retratando uma situação de perigo experimentada por este sujeito, atrelada aos dizeres “*Quando você ouve um barulho*

mas é desarmamentista”, com o emblema *APX ARM BR* no canto superior direito, que denota a sua autoria. Sobre o emblema, pesquisamos o seu significado e chegamos a um grupo da rede social Facebook, sob o nome “Apaixonados por armas Brasil”. Retornando à análise da composição, a imagem nos chama a atenção, pois, subentendemos que originalmente a fotografia se tratava de um material de cunho humorístico, o qual fora retirado do contexto original e colado/vinculado à mensagem que defende o armamento.

Observando a composição do exemplar, vimos o uso de cores que dão ênfase à mensagem, atrelado ao efeito da imagem (extensão do tipo de homem retratado), denotando ao nosso compreender, os possíveis ecos que o tema gera na sociedade, em especial, no público masculino. Com o intuito de nos aproximarmos dessa ideologia, e compreendê-la apoiadas no cotejamento, foi necessário ouvir o que essas vozes têm a dizer. Dessa forma, acessamos o grupo “Apaixonados por armas Brasil”, no qual encontramos diversas postagens que expressavam pontos de vista, marcadas por valores que exaltavam a masculinidade, a virilidade, a sexualização de mulheres, o sentimento de descrença na segurança pública, e principalmente, a narrativa de que armas salvam vidas, elementos que juntos, produzem uma verdadeira apologia ao armamento da população.

Após o “escutamento” dessas vozes, e amparadas na compreensão do discurso como prática social, pela qual o sujeito participa e se posiciona no mundo, nós confrontamos as narrativas defendidas por esses grupos, nos questionando se elas representam algum indício de traço fascista presente neste exemplar do gênero. Assim, chegamos ao arquétipo identificado por Umberto Eco em sua obra póstuma “O fascismo Eterno”, o irracionalismo. De acordo com o autor, o irracionalismo é um dos principais elementos que caracteriza sistemas fascistas, pois é justamente ele que faz corporificar a violência característica desses grupos que simpatizam com os discursos dessa natureza, pois eles caminham à contramão da razão, contrariando a realidade a sua volta, como forma de conceber uma realidade paralela.

Eco enfatiza que o irracionalismo fascista é uma estratégia de enfrentamento às ideias iluministas, visto que, os grupos irracionais como os “apaixonados por armas Brasil” rejeitam o pensamento crítico, pois eles se sentem seguros e confortáveis apoiando-se aos instintos, vontades e impulsividades, como forma de afirmação de suas masculinidades. É fortuito salientar que nesse arquétipo, o ato de pensar é visto como uma forma de castração do homem, caracterizando-se como uma verdadeira alienação ideológica. Nessa esteira, acreditamos que a ideologia do armamento possa ser o indicativo de um arquétipo fascista no território brasileiro, no qual o uso de armas de fogo possa estar relacionado a outros valores, como o machismo, à misoginia, dentre outros.

Conectadas a esses sentidos, conseguimos dissertar sobre a escolha da figura masculina “fora dos padrões de beleza” que se encontra no centro do referido meme e o que ela representa nesse contexto e para esse grupo em específico. Para tanto, devemos recordar que o Brasil, assim como vários outros países que foram colonizados, foi constituído socialmente tendo como centro das relações sociais a figura masculina, fruto de um processo histórico de (des)organização patriarcal.

Nessa concepção retrógrada, ser biologicamente homem representa um privilégio, na qual o machismo encontra nascedouro, caracterizando-se por padrões comportamentais de masculinidade exacerbada, seguido de sentimento de superioridade em relação aos outros gêneros. Em consideração a isso, presumimos que quando um homem se afasta desses ideais “masculinistas”, ele é visto como menos “macho” por esses grupos. Dessa forma, instaura-se um estado permanente de aversão ao que não é considerado homem por eles.

Assim, chegamos ao entendimento de que a figura masculina presente no referido meme representa o ideal de homem rejeitado por eles, dessa forma, presumimos que esses grupos consideram a pessoa que possui posicionamento contrário como um ser inferior, desumanizado, no qual percebemos uma tentativa de ridicularização de seu dessemelhante, lhe atribuindo sentidos que remetem à homossexualidade (expressão do sentimento de superioridade em relação aos outros gêneros e sexualidades), como se isso fosse um defeito, retratando e externando o ideário discriminatório oriundo do pensamento machista, representado pelo porte do objeto erótico, como forma de promover escárnio em relação aos seus díspares.

Após a sondagem e análise, precisamos colocar os três memes apresentados para dialogar, contactando-os, e fazendo emergir a nossa alteridade. Para expressá-la, primeiro precisamos ouvir e trazer para o diálogo as vozes da esfera jornalística, para nos auxiliarem a promover e a iluminar a cosmovisão que pretendemos construir. Para tanto, retomemos um dos principais comprometimentos eleitorais do governo vigente no ano de 2020, que foi a flexibilização ao acesso de armas de fogo, pois de acordo com os dados recolhidos, foi a única promessa cumprida. Segundo a reportagem “*Brasil deveria liberar a posse e o porte de armas? Especialistas explicam...*”, de Marcelle Souza do Portal Uol⁸, o referido (des)governo já emitiu mais de 30 portarias e decretos que flexibilizaram o acesso a armas de fogo no país, desrespeitando de forma alarmante o Estatuto do Desarmamento, que segundo o Mapa da

⁸ “Brasil deveria liberar a posse e o porte de armas? Especialistas explicam...”, publicada em 09 de março de 2021. <https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2021/03/09/brasil-deveria-liberar-a-posse-de-armas-especialistas-explicam-a-questao.htm>

Violência publicado em 2015, poupou mais de 160.000 mil vidas, desde sua implantação em 2003. Consequentemente, a flexibilização ao acesso de armas de fogo promovida pelo referido governo, aumentou a circulação do artefato no território brasileiro, na qual os dados mostram que o número de armas introduzidas na sociedade disparou no ano de 2020, que segundo a reportagem “*Registro de novas armas no Brasil explode em 2020 em meio à alta de homicídios*” de Gil Alessi-do *El País*⁹-representou um aumento de 205% só no primeiro semestre do referido ano, comparado ao mesmo período do ano anterior, como mostra a tabela abaixo:

Estado	1º semestre/2019	1º semestre/2020	Varição (%)
DF	235	3.595	1.429
RJ	653	6.275	860
BA	835	6.015	620
MA	179	1.204	572
MS	197	1.226	522
TO	104	544	412
RO	538	2.334	333
RS	2194	7.579	245
MT	909	3.100	241
AP	153	515	236
AC	136	450	230
RR	152	499	228
ES	942	3.063	225
CE	632	2.042	223

⁹ “*Registro de novas armas no Brasil explode em 2020 em meio à alta de homicídios*”, publicada em 27 de julho de 2020. <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-07-27/numero-de-novas-armas-registradas-no-brasil-explode-em-2020-em-meio-a-alta-de-homicidios.html>

PA	820	2.474	201
SE	206	594	188
MG	2.929	8.307	183
AM	125	312	150
PE	715	1.641	129
SC	2.345	5.029	114
PR	2.162	4.435	105
PI	298	603	102
SP	2.753	5.452	98
RN	536	1.000	86
AL	616	1.143	85
GO	1.896	3.501	84
PB	976	1.064	9
Total	24.236	73.996	205

Tabela 1: Registro de armas de fogo por estado no Brasil- 1º sem-2019 /1º sem 2020. Fonte: Polícia Federal do Brasil

Em relação a esse célere crescimento, especialistas em segurança pública questionam se houve a obediência aos trâmites obrigatórios, e alertam para as consequências desses dados na sociedade, os quais apregoam que a flexibilidade ao acesso de armas de fogo no país representa uma alta nos casos de acidentes domésticos e suicídios, como aponta a reportagem contida no Portal Uol. Em relação à violência doméstica, os dados são da mesma forma preocupantes, pois de acordo com estudos de experts no assunto, possuir o artefato em casa num país culturalmente machista como o Brasil, aumentam as chances de uma mulher que já vive num relacionamento abusivo ter a sua vida ceifada.

Complementando essas estatísticas, a reportagem do *El País* aponta que pesquisadores e estudiosos do tema advertem que a cada 1% de aumento de armas de fogo no corpo social do país, tem-se 2% a mais de homicídios, e que uma circulação maior desses artefatos na sociedade civil fere o nosso direito primordial à vida. Como explanado pelos dados citados,

chegamos à conclusão de que o referido governo federal desviou os reforços que deveriam ser destinados à contenção da pandemia do Covid-19 para assuntos não concernentes ao direito coletivo, e salientamos que esse fato gerou consequências desastrosas para a nossa sociedade. Assim, percebemos que a facilitação ao acesso de armas de fogo não atende todos os cidadãos que têm o desejo de adquiri-las, pois, imagina a situação de um sujeito pertencente à classe trabalhadora, que é explorado, que teve o seu salário reduzido ou contrato suspenso “temporariamente” na pandemia teria condições de comprar uma arma de fogo. Já está difícil comprar arroz, imagina uma pistola!

Assim, encaminhando para o desfecho desse subitem, compreendemos que o humor produzido por grupos de direita se baseia em ideologias retrógradas e constrói um tipo de riso pobre, ultrapassado, sem criatividade, sem imaginação, sem cultura. Fato esse oriundo do processo histórico de organização patriarcal, o qual contribuiu para a formação do ideário machista, alienando os sujeitos de pensamentos frágeis, escravizando-os aos parâmetros masculinistas, de modo que nessa configuração social, os homens precisam a todo instante expressar e afirmar as suas masculinidades com bases em pensamentos arcaicos, como defender o uso de armas de fogo, por exemplo, caracterizando-se como um processo cansativo e infrutífero.

Conectado a esse fato, concluímos que os dois primeiros memes se relacionam com as escolhas dos elementos que os compõem, e nos informam de forma maestral os fatos do cotidiano, produzindo um riso transcendente, alteritário. Por exemplo, retomemos o segundo meme, no qual temos o personagem do DiCaprio, a feição irônica deste e o texto escrito. Apesar da ironia que o meme provoca de início, ele não produziu escárnio em relação ao eleitorado desafortunado (no sentido literal e figurado) do dito cujo, muito pelo contrário, pois a intenção foi de alertar a ingenuidade desse grupo, o qual se sentia representado pela figura do então chefe de estado. O propósito desse exemplar de gênero do discurso foi de promover a conscientização dessa parcela iludida da população, de resgatar e iluminar à criticidade, e fazer emergir as noções de pertencimento de classe.

Assim, a cosmovisão construída elucidada que as medidas de facilitação do acesso às armas de fogo estão e são destinadas às pessoas como o personagem fictício Calvin Candie, homem, branco, de bens materiais robustos, privilegiado, cujo tipo de gente se agarra às ideologias do passado, com medo das mudanças necessárias que o presente convoca. A vida já nos mostrou que ela se renova, com muito custo e com muita luta. Dessa forma, a mudança leva tempo, porém está condizente com a natureza, mecanismo inteligente e compositor do presente, passado e futuro, e que adequará essas pobres almas à realidade emergente, e que no

porvir, trabalharão em prol do bem coletivo. Dessa forma, o papel das forças centrífugas é o de reagir, refutar, colocar a alteridade em jogo, e iluminar o caminho do futuro, que é a solidariedade entre os povos.

3.2- *Passando a boiada: o caos ambiental e as manifestações artísticas e populares em ambientes virtuais*

A preservação do meio ambiente é uma pauta de importância crucial nas preocupações das políticas internacionais, pois é de conhecimento geral, que a vida humana depende de um gerenciamento consciente dos recursos naturais do planeta. No quesito biodiversidade, o território brasileiro é destaque, pois abriga biomas de grande importância para o mundo, os quais desempenham um papel fundamental na manutenção dos recursos hídricos e serviços ecológicos, como o caso da Amazônia, por exemplo. Dessa forma, a preservação do meio ambiente é uma tarefa imprescindível, sendo tanto de responsabilidade pública quanto civil.

Dessa forma, devido à amplitude e relevância das questões de proteção e conservação ambiental, o Estado Brasileiro instituiu no dia 19 de novembro de 1992, o Ministério do Meio Ambiente, cuja função primordial é a de preservação do ecossistema nacional, o qual adota e regulamenta medidas de fiscalização, de conscientização em relação ao uso dos recursos naturais, bem como a de valorização dos serviços ambientais e fomento de estratégias de desenvolvimento sustentável. Assim, a expectativa é de que o cargo de ministro seja ocupado por um profissional da área, engajado nos assuntos de preservação ambiental, e que o ministério desempenhe a função que concerne a ele. Bom, pelo menos é o que se espera.

No ano de 2020, a pasta estava sob a responsabilidade do advogado Ricardo Salles, filiado ao Partido Liberal (PL). No seu primeiro ano como ministro, que foi em 2019, Salles já havia desmantelado o orçamento anual destinado ao Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis, o IBAMA, medida esta compreendida por ambientalistas como catastrófica, pois representa na prática a diminuição do fomento das ações contra as queimadas e o desmatamento. Nesse mesmo ano, o ministro bloqueou 95% do orçamento que atenderia a implantação de políticas destinadas ao combate às mudanças climáticas.

A nocividade das medidas aprovadas e adotadas pelo ministério neste primeiro ano de mandato levantou um alerta mundial, que chamou a atenção de ambientalistas e da mídia, cuja repercussão foi tamanha, que fez com que todos os ex-ministros vivos da pasta redigissem uma carta destinada à Ricardo Salles, o alertando sobre as consequências desastrosas de suas

ações, algo que segundo eles, anularia as conquistas de conservação e preservação ambientais das últimas décadas no Brasil.

À contramão das medidas de fiscalização, o Ministério do Meio Ambiente não barrou a liberação de 239 agrotóxicos (aprovado pelo Ministério da Agricultura), alguns contendo substâncias químicas proibidas em outros países, fato que fez com que alguns dos maiores parceiros comerciais do Brasil ameaçassem anular as ações de compra dos produtos brasileiros dessa natureza, algo que não fez com que a aprovação fosse revogada.

Com o histórico do ano anterior, as expectativas em relação às ações de preservação do meio ambiente estavam baixas, mas às vezes, a realidade consegue ser pior do que se espera. Fato que, criminosamente aconteceu no ano seguinte, em 2020, com ações ministeriais que depenaram as atividades de fiscalização e preservação ambiental. É importante citar que no início da pandemia do Covid-19, veio à tona o vídeo de uma reunião interministerial na qual o senhor Ricardo Salles havia feito uma fala transgressora, orientando que o (des) governo federal deveria aproveitar que a atenção da grande mídia estava voltada para as questões sanitárias, para auxiliar na aprovação de “reformas infralegais de desregulamentação”, nas palavras do ministro: "Então pra isso precisa ter um esforço nosso aqui enquanto estamos nesse momento de tranquilidade no aspecto de cobertura de imprensa, porque só fala de COVID e ir passando a boiada e mudando todo o regramento e simplificando normas. De IPHAN, de ministério da Agricultura, de ministério de Meio Ambiente, de ministério disso, de ministério daquilo. Agora é hora de unir esforços pra dar de baciada a simplificação, é de regulatório que nós precisamos, em todos os aspectos." - Ricardo Salles, 22 de abril de 2020.

O referido registro veio à público por intermédio do Ministro Celso de Mello, do STF, após a denúncia do Ex-Ministro da Justiça Sérgio Moro sobre a interferência do presidente da república na Polícia Federal. Com o tape, vimos diversas falas transgressoras, que denotaram a moral e a ética dos chamados representantes políticos, porém, mesmo com todas as evidências factuais, ninguém foi afastado ou destituído dos cargos que ocupavam. Assim, o registro serviu para iluminar a compreensão sobre os atos realizados pelo ministério do meio ambiente no ano anterior, pois explicou (explicação dada pelo próprio ministro) o porquê de tantos desmantelamentos na área ambiental.

As consequências dessas ações irresponsáveis e criminosas foram agravadas nos meses seguintes, sendo sentidas de forma desesperadora nos períodos de estiagem, nos quais observou-se um aumento dos casos de incêndios e queimadas nas matas e florestas do país.

Sobre as queimadas, o WWF/Brasil¹⁰-Fundo Mundial da Natureza (em inglês World Wildlife Fund) relatou que durante o período de estiagem daquele ano, foi registrado na Amazônia um aumento de 86% dos focos de queimadas em relação ao mesmo período do ano anterior, fato que resultou num aumento de 39% das queimadas em comparação aos últimos 10 anos, de acordo com a entidade não-governamental.

Relacionado a essa incidência, estão as questões de desmatamento, pois, de acordo com o WWF, grande parte das queimadas na Amazônia é consequência da ação transgressora do homem no bioma, devido a atividades de garimpeiros, a exploração ilegal da madeira, cultivos agrícolas, pastagens, dentre outros. Complementando esse dado, o relatório *“O ar é insuportável” - Os impactos das queimadas associadas ao desmatamento da Amazônia brasileira na saúde*”, realizado em parceria entre o Instituto de Estudos para Políticas de Saúde (IEPS), o Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia (IPAM) e a Human Rights Watch, explica que as queimadas oriundas de incêndios florestais (resultado da ação da natureza, como um raio, por exemplo) são extremamente raras, pois, a Amazônia é um bioma naturalmente úmido, no qual cada árvore, cada raiz, cada folha e animal vivente neste ambiente atua para a conservação dele.

Dessa forma, o relatório conclui que as queimadas são resultadas das ações de desmatamento, que deflagram a vegetação, causando a contaminação e erupção do solo, atingindo a qualidade da água e do ar, fazendo com que o fogo se alastre rapidamente, ainda mais em períodos de estiagem. O documento ainda pontua que os responsáveis pelo desmatamento esperam a chegada da estação mais seca do ano para atear fogo na vegetação morta, pois assim ele se espalha mais facilmente e rapidamente, poupando tempo para os infratores.

Associadas à catástrofe ambiental, especialistas da área apregoam que as medidas de desregulamentação do ministério responsável abriram brechas na fiscalização da região, algo que facilitou as atividades ilícitas que ocorrem por lá. Assim, a mídia nacional e internacional voltou as suas atenções para as questões ambientais, informando a população e pressionando o (des) governo federal para tomar atitudes, porém, este sempre se esquivava da responsabilidade, transferindo-a para outras entidades. Esse fato fez com que o representante máximo da república viesse algumas vezes a público atribuir culpabilidade pelas queimadas aos povos originários do Brasil, como também, aos quilombolas e pequenos produtores, como

¹⁰ Criado em 1996, o WWF/Brasil integra a Rede WWF, organização não-governamental e sem fins lucrativos, cuja missão é trabalhar para mudar a atual trajetória de degradação ambiental e promover um futuro mais justo e saudável para todos, no qual sociedade e natureza vivam em harmonia. Fonte: <https://www.wwf.org.br/sobrenos/institucional/>

numa *live* semanal que ocorreu no mês de setembro de 2020, o seu canal do Youtube a qual ele estava ao lado do ministro do meio ambiente: “Além do impacto, tem uma cultura regional, o índio que toca fogo no roçado, o caboclo também, o pequeno produtor que toca fogo no roçado. Alguns acham que eu devo mudar a cultura, gostaria que pudesse mudar muitas culturas de uma hora para outra, mas quem fala isso não tem noção do que está falando aqui.”

A fala do chefe de estado foi duramente criticada pelas organizações não-governamentais que atuam na região, bem como ambientalistas, pesquisadores e ativistas, que veem o discurso do presidente como omissivo, desinformado, negligente e incentivador de crimes, pois ao contrário do que o mandatário disse, os povos indígenas são os que mais preservam a natureza, de acordo com os especialistas. Os danos causados por essa catástrofe ambiental orquestrada foram sentidos por todo o país, e pelo mundo, os quais favorecem as altas temperaturas registradas naquele ano, como também, o adoecimento pulmonar da população, como informa o relatório citado, pois não é à toa que popularmente, a Amazônia é conhecida como o “pulmão do mundo”.

A declaração do então chefe do executivo gerou inúmeros protestos virtuais nas redes sociais, os quais presumimos que ocorreriam nas ruas, caso não estivéssemos em uma interminável quarentena. Os memes abaixo foram categóricos em identificar o verdadeiro culpado pelas queimadas na Amazônia:



Figura 11-Para, Salles! Sabemos que tu é ecocida!

O exemplar acima expressa a compreensão de boa parte da população brasileira usuária das redes sociais e compartilhadora de memes de cunho ativistas, a qual produziu diversas respostas às falas desinformadas e transgressoras de presidente da república. Ao observar os componentes desse gênero do discurso, temos a imagem do Ministro do Meio ambiente Ricardo Salles ao centro, ao lado de um indígena, ambos usando o cocar. Acima temos a frase: “*Encontrado índio que taca fogo na fogo na amazônia.*”. Analisando os seus elementos, percebemos que os desvios gramaticais não comprometeram a construção de sentido, a qual exerce a função de apresentar o “índio” que ateia fogo na Amazônia, fato esse que subentendemos estar associado ao uso do cocar, um dos símbolos da cultura indígena (não são todas as etnias que usam), por parte de Salles.

Sobre o cocar, a ativista, comunicadora indígena e embaixadora do WWF/Brasil, Alice Pataxó, nos elucida que ele não é um adorno, um adereço e muito menos um acessório para ser usado corriqueiramente, pois o cocar é um símbolo de orgulho para muitas tribos indígenas, o qual simboliza respeito e amor pela história de muitas delas, o qual expressa a organização social das etnias que o utilizam. Alice nos informa também, que não é adequado as pessoas brancas usarem o artefato sem conhecerem o seu real valor, a sua importância e história da tribo, ou seja, desrespeitando a sua cultura. Dessa forma, compreendemos que o uso do símbolo pelo ministro, é indevido e desrespeitoso, pois a sua conduta não expressa respeito e nem homenagem aos povos indígenas, fato que é perceptível também pela observância de sua feição facial, algo que não denota orgulho no ato de usá-lo.

O uso indevido do cocar pelo ministro expressa a narrativa homogeneizadora que desde 1500 vem violentando a cultura dos povos indígenas, e escrevendo de forma distorcida, a História do Brasil. Nos dias de hoje, vivenciamos novas formas de controle e dominação cultural, as quais são disseminadas pelo processo massivo de globalização que atinge em potencial os países do chamado Terceiro Mundo, fato que gera um consumo indevido da cultura do outro, ressignificando os seus símbolos e promovendo o apagamento desta, de modo a conceber a apropriação cultural¹¹.

Assim, em consequência das falas e dos atos centrípetos que tentaram distorcer a realidade sobre a autoria do caos ambiental na Amazônia, ocorreram muitos protestos nas diversas mídias sociais, fazendo ecoar as respostas centrífugas que denunciaram as ações

¹¹ O termo apropriação cultural é trabalhado pelo autor Rodney William no livro homônimo que faz parte da coleção Feminismos Plurais, organizado pela autora Djamila Ribeiro. Na referida obra, o autor nos elucida que a apropriação cultural é uma forma encontrada pelo colonizador como meio de aniquilar o colonizado, fato que é refletido e incorporado no uso dos símbolos desse povo, ressignificando esses, promovendo o apagamento de cultura ou esvaziamento de significados dessa, quando por exemplo, um artefato é utilizado de forma desrespeitosa e sem o comprometimento ético e histórico de uma população, como no caso da indígena.

transgressoras do ministério do meio ambiente, que ao invés de protegê-lo, muniu as mãos de seus depredadores. Dessa forma, tivemos muitas manifestações em memes sobre a temática, os quais foram compartilhados inúmeras vezes, externalizando a indignação do povo brasileiro:

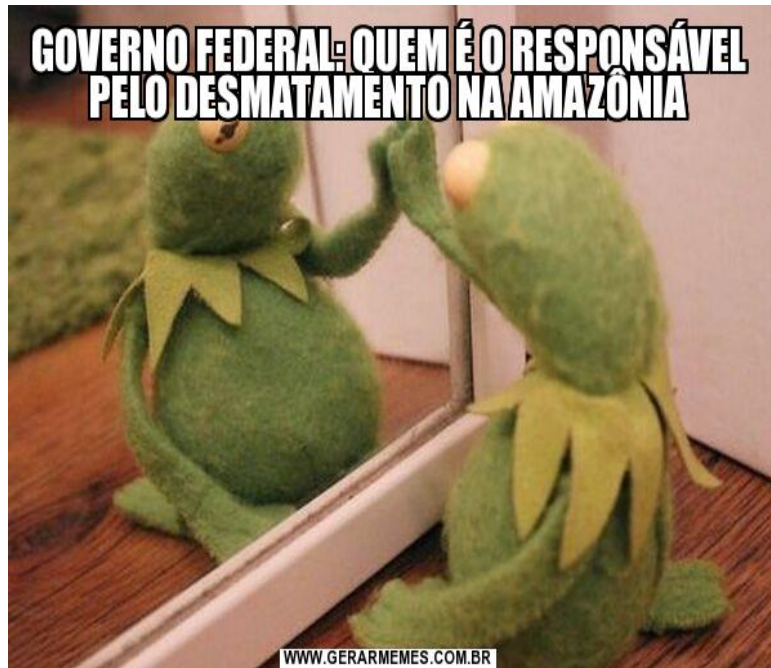


Figura 12-Quem é o responsável?

O meme acima contextualiza o papel de responsabilidade do governo federal na atuação nociva e negligente no trato com as questões do meio ambiente, sendo retratado como a imagem de um ser (que o representa) se perguntando no espelho a autoria responsável pelo desmatamento na Amazônia, de forma que a resposta a esse questionamento é dada através do seu reflexo no objeto. A linguagem risível se faz presente por intermédio da identificação do estado de contemplação do sujeito que é refletido no espelho, retratando a falta de ação do governo federal para reverter a situação, como também, o estado de negação proposital do Estado em relação aos danos causados por ele.

No meio desse cenário de inúmeros protestos, as manifestações começaram a incomodar os seguidores e defensores do governo federal, de modo que eles também produziram os seus memes, os quais contemplavam o assunto do momento, entretanto, apresentavam uma leitura um tanto quanto distorcida dos fatos, atribuindo a autoria das queimadas ao fator causalidade, excluindo a culpa dos responsáveis, e externalizando alguns aspectos de identificação de identidade baseada em princípios e valores da classe dominante,

os quais são expressos por intermédio da leitura desses fatores nas entrelinhas do meme abaixo:



Figura 13- O amor incomoda muita gente!

Assim como o meme de direita do subitem anterior, este exemplar novamente apresentou resquícios machistas e homofóbicos, de forma a comparar as queimadas na Amazônia com a sexualidade do cantor Lulu Santos, de forma pejorativa, injusta e discriminatória. A composição do meme traz uma fotografia, linda por sinal, na qual o cantor e o seu marido Clebson Teixeira, estão carinhosamente demonstrando afeto um pelo outro. O criador do meme furtou a fotografia de seu contexto original e a reproduziu com os seguintes dizeres: *A Amazônia é igual a Lulu Santos...já queimava desde a década de 80, mas só agora descobriram.*

De fato, os crimes ambientais, como as queimadas, são não recentes na Amazônia, pois a ganância do homem é secular, porém, na gestão presidencial do referido período histórico, juntamente com a ministerial de Ricardo Salles, tivemos um aumento assustador das ações infratoras na região, insuflado pelas medidas infralegais do ministério do meio ambiente, como aponta o documento citado anteriormente, realizado em parceria entre IEPS, o IPAM e a Human Rights Watch. No relatório, os dados mostram que só no primeiro ano do mandato de Ricardo Salles como ministro, o desmatamento na Amazônia cresceu 85% comparado ao ano anterior, de acordo com as informações do Sistema de Detecção do

Desmatamentos em Tempo Real (DETER) contidas no documento assinado por especialistas da área.

Assim, percebemos que os discursos centrípetos tentam utilizar o gênero discursivo em questão para propagar as suas “verdades”, porém, essas tentativas são falhas, porque elas utilizam mecanismos construtores de sentido e riso de forma arcaica, retrógrada e obsoleta. Dessa forma, o riso proporcionado pelo exemplar em questão não possui riqueza intertextual, não faz uso de símbolos culturais de forma construtiva, e assim, são deixados de escanteio, sem plateia, pois a humanidade está cansada desse tipo de humor, pois esta tipologia humorística não constrói nada, a não ser o vazio de sentidos.

3.3- A linguagem como arena de expressão dos embates sociais: o caso do meme “acabou a corrupção”

A definição da palavra corrupção de acordo com o dicionário Aurélio, consiste no "ato ou efeito de corromper-se; decomposição; devassidão, depravação; suborno; peita". Entretanto, é sabido que o real sentido das palavras não é apreendido nas enciclopédias, e sim na vida real, na qual ele cria formas e tem potencial para construir pontes ou muros. Com essa potencialidade, a linguagem faz a intermediação entre os seres humanos e o mundo, a qual é constituída socialmente e tem o poder de construir realidades. Dessa forma, ela se materializa como a arena discursiva na qual acontecem os encontros e embates de vozes, de forma a ser o veículo de expressão dos conflitos sociais, ou seja, da luta de classes.

Assim como Bakhtin uma vez verbalizou, nós somos seres expressivos e falantes, dotados de inteligência e discursividade, elementos que nos caracterizam como potenciais criadores de textos, e por conseguinte, são esses que podem representar o mundo existente, ou iluminar o caminho para um novo, um que seja constituído por bases edificantes. Para tanto, precisamos enxergar o real valor das palavras no mundo palpável, compreendendo as esferas de sentidos e propósitos imbuídas nele. Com esse intento, apresentamos nas próximas linhas, o cotejamento entre uma fala proferida (que viralizou no ano de 2020) pelo então presidente da república (quando este veio à público no dia 08 de outubro de 2020, bradar o fim da Operação Lava-Jato¹², pois segundo ele, não havia mais corrupção em seu governo) com 3 memes de internet, 1 post viral, e dois artigos, um de cunho acadêmico e outro da esfera

¹²A Operação Lava-Jato foi uma série de investigações articuladas pela Polícia Federal do Brasil, tendo aparentemente como foco, o combate à corrupção no Brasil.

jornalística, sendo o segundo amplamente divulgado nas redes sociais e publicado no portal do *El País*.

Com esse exercício, intentamos demonstrar o potencial das forças centrífugas na construção de sentidos e proposição de uma contrapalavra aos discursos centrípetos, caracterizando-se em alguns momentos como textos-respostas, e em outros, partes constitutivas de um quebra-cabeça, que nos juntos, nos auxiliam na apreensão de uma realidade distante daquela divulgada nos veículos midiáticos que atendem aos interesses do grande mercado. Assim, esses textos se entrelaçam na arena discursiva da palavra e revelam as essências ideológicas das partes que a constituem.

Adiante, quando o chefe do executivo vociferou que não havia corrupção em sua gestão de governo, ele construiu uma narrativa de realidade, ao modo de distorcer o discurso para atender aos seus propósitos pútridos. Dessa forma, apresentamos o primeiro texto-resposta, como forma de estabelecer uma contrapalavra ao pronunciamento falacioso do mandatário. Esse exemplar de gênero discursivo foi muito compartilhado nesse período, o qual apresenta uma rica arquitetura de símbolos, que no nosso compreender, representa uma parcela do público pretendido pelo chefe de estado:



Figura 14- Me engana, que eu respondo!

O exemplar acima fora produzido um dia após o pronunciamento do presidente sendo este retirado de uma postagem na rede social Twitter no dia 08 de outubro de 2020. Os

elementos que compõem o meme representam uma realidade falseada propagada pelo chefe de estado, quando ele afirma que não há corrupção em seu governo. Os símbolos utilizados representam a apropriação do discurso religioso recorrente em sua gestão, os quais além dos diversos significados embutidos, revela o direcionamento do discurso do chefe de estado para esse público. O material imagético presente nos remete àquelas mensagens veiculadas nos folhetos da vertente religiosa evangélica “Testemunhas de Jeová”, que muitas vezes propaga a conduta a ser adotada pelo ser humano para merecer o paraíso bíblico.

Quem criou esse meme usou maestralmente a sua inteligência discursiva, utilizando uma linguagem humorística para revelar a dissimulação realizada pelo presidente e construir críticas em relação a ela. É sucinto informar que, na referida gestão governamental, o Brasil perdeu posições no ranking mundial de políticas de combate à corrupção, informação divulgada pelo relatório Índice de Percepção da Corrupção (IPC) do Transparência Internacional¹³. Assim, atrelada a essa temática, propomos uma percepção sobre os sentidos do signo corrupção no mundo real, trazendo para o corpo deste texto um dos casos de corrupção atrelado ao referido governo, fazendo emergir uma realidade pouco divulgada, que ao mesmo tempo em que atribui novos sentidos às falácias do mandatário, apresenta uma compreensão.

Sobre os fatos de corrupção que marcaram o seu governo, podemos pontuar inúmeros, porém, decidimos cotejar a referida temática com um caso em específico, para que possamos compreender os sentidos causados por esses atos no contexto ao qual somos comprometidas. O caso de corrupção que escolhemos para compor esse texto, consiste na operação de investigação deflagrada pela polícia federal no estado de Roraima, nomeada Desvid-19¹⁴, que teve como ápice a ação de busca e apreensão realizada na residência do senador Chico Rodrigues, vice-líder do governo federal no senado, que fica na cidade de Boa Vista, capital de Roraima. Após a viralização do caso, o presidente tentou desvencilhar a sua imagem da do senador, porém, a relação de parceria entre ambos é inegável, fato que foi comprovado pelo histórico parlamentar de ambos e o alinhamento gigantesco do político roraimense em

¹³ A Transparência Internacional (TI) é uma organização sem fins lucrativos de combate à corrupção atrelada ao Pacto Global das Nações Unidas, com sede em Berlim, na Alemanha. Sua função é investigar e propor medidas de combate às atividades criminosas ligadas a atos corruptos que ocorrem no mundo, por compreender que elas ferem diretamente os direitos humanos. Os dados divulgados pela instituição é hoje o mais conhecido e utilizado em pesquisas científicas sobre a temática, os quais incluem o Barômetro Global da Corrupção (BGC) e o Índice de Percepção de Corrupção (IPC). Fonte: transparenciainternacional.org.br e Wikipédia.

¹⁴ A operação Desvid-19, investigou esquema criminoso em Roraima voltado ao desvio de recursos público do combate à Covid-19, por meio do direcionamento de licitações. Fonte: Poder 360.

votações nominais junto ao plenário em favorecimento dos interesses da gestão do então chefe de estado.

Na ocasião, o político foi surpreendido com dinheiro escondido em sua cueca, numa tentativa de ocultar as evidências de seu crime. Os valores pecuniários encontrados deveriam ter sido destinados ao combate da pandemia do Covid-19 no estado, cujo valores sursurpiados da saúde atingiram a monstruosa marca de 20 milhões de reais. É importante citar que, o estado de Roraima concentrava naquele período o maior número de contaminações pelo Coronavírus (4.500 casos para cada 100 mil habitantes) no país, dado que o posicionava a frente por exemplo, do estado de São Paulo (3.470 casos para cada 100 mil habitantes), que tinha o maior número de casos notificados no território brasileiro.

Essa tragédia atingiu potencialmente os mais vulneráveis, como os povos indígenas. Sobre o estado de Roraima, este possui uma grande diversidade em etnias indígenas, o qual é considerado proporcionalmente a região com a maior população de povos originários do país, devido ao seu número de habitantes e pessoas autodeclaradas, de acordo com o último censo do IBGE de 2010. Em relação à estatística do Covid-19, os dados sanitários mais assustadores se referiam aos Povos Indígenas Yanomami, que no mês seguinte ao flagrante da PF, sofreu com um avanço assustador da doença em seu território (um acumulado de 250% nos últimos 3 meses) que engloba parte da Amazônia brasileira. Sobre as questões de vulnerabilidade, o artigo ¹⁵*Covid-19 na Terra Indígena Yanomami: um paralelo entre as regiões do alto rio Marauíá, alto Rio Negro e vale dos rios Ajarani e Apiaú*, pontua que o território indígena é o mais vulnerável à pandemia de Covid-19 no país, devido à sua localização, falta de acesso à informação e a pré-existência de doenças respiratórias.

O documento nos elucida que a contaminação dos Povos Yanomami foi oriunda da ação criminosa de garimpeiros, que literalmente trouxeram a doença para a população indígena. O texto relata que na região, o Covid-19 é potencialmente mais letal, pois está associado a perturbações pulmonares oriundas da liberação de um metal tóxico encontrado nas profundezas dos rios e terras do território indígena, fruto da massiva exploração aurífera que ocorre por lá. Os estudiosos explicam que, quando esse metal atinge a superfície, ele sofre um processo de queima natural, o qual é responsável pela rápida proliferação de doenças respiratórias, disseminadas por uma espécie de fumaça produzida, e que é rapidamente propagada pelo ar.

¹⁵ O referido artigo fez parte do dossiê “Reflexões e perspectivas sobre a pandemia de Covid-19”, publicado pela Revista Mundo Amazônico. Escrito por Luiz Davi Vieira, doutor e pós-doutorando em Antropologia Social-UFAM; Marina Sousa, mestre e doutoranda em Antropologia Social-Unicamp/SP; Thamirez Lutaif, mestre em Ciências Sociais-PUC/SP.

Devido a necessidade de atendimento hospitalar oriunda da contaminação pelo Covid-19 potencializada pelas doenças respiratórias pré-existentes nas Terras Yanomami, muitos indígenas precisaram deixar os seus lares, em busca de assistência médica, e é aqui que as questões de corrupção se conectam com os fatos e as consequências no mundo palpável, pois os recursos desviados pelos membros pareados ao governo federal sucatearam o já frágil sistema de saúde existente. Assim, o sofrimento dos nossos povos originários foi imenso, pois tiveram que lidar com as crescentes invasões em seus territórios, e as doenças trazidas pelos invasores, fazendo com que eles saíssem de suas comunidades em busca de atendimento hospitalar, ocasionando mais um atropelo em suas vidas, pois muitos deles nem sequer tinham saído de seus lares anteriormente, os quais encontraram para além das muitas adversidades impostas, a questão da comunicação. É importante citar que, a maioria dos Yanomamis não falam a língua portuguesa, e mesmo a região sendo uma das maiores em números de autodeclarados, pouquíssimas pessoas nas cidades falam as línguas yanomamis, fato que possa estar atrelado à grande diversidade étnica indígena presente e à vivência relativamente isolada deles.

Especialistas em estudos indígenas assertam que o descaso com a saúde e segurança dos nossos povos originários não é recente, mas que durante o período pandêmico aumentou exponencialmente, atrelado à omissão das entidades responsáveis e ao desmantelamento das políticas públicas destinada aos indígenas por parte da gestão governamental federal, e à desregulamentação ambiental tratada no subitem anterior. Graças ao trabalho heroico das ONGs, como a SOS Amazônia, a WWF-Brasil, a Green Peace-Brasil, dentre outras, que atuam na região em parceria com pesquisadores de instituições públicas de ensino superior, tivemos o acesso às informações pertinentes, que nos relataram a triste realidade vivenciada pelos nossos povos indígenas, uma que não é mostrada pelos grandes veículos midiáticos.

Dentre os vários casos de crueldade cometidos e que nos geraram indignação, destacamos um em particular, devido a tamanha perversidade. Estamos nos referindo ao descaso violento ao qual três mães Yanomamis foram submetidas, as quais tiveram os corpos de seus filhos extraviados na cidade de Boa Vista- Roraima. Para nos ajudar na compreensão desse fato, trouxemos para cotejo o artigo "*Mães Yanomami imploram pelos corpos de seus bebês*" escrito pela jornalista e escritora Eliane Brum, publicado no jornal *El País* no dia 24 de junho de 2020. No documento, a escritora relata a violência sofrida pelas três mães indígenas, as quais tiveram que sair de seus lares e irem em busca de tratamento hospitalar para os seus filhos, que estavam com suspeita de pneumonia.

Em seu texto, Brum nos elucida que as mães Yanomamis são da etnia Sanöma, e que elas não compreendem as cercas e muros de separação construídos pelo homem branco, pois para elas, o mundo é um só. No nosso compreender, temos muito a aprender com os nossos povos originários, pois esse fato expressa a não-contaminação do espírito propagada pela ganância do grande mercado, doença máxima da nossa sociedade “civilizada”. Na cultura Yanomami, os povos são organizados socialmente à base da igualdade, na qual todos exercem funções em prol do sustento de suas famílias, baseados nos valores de solidariedade entre os membros da comunidade.

No artigo, a jornalista relata o horror vivenciado por essas mães, que ao chegarem no hospital, se depararam com o horror da pandemia (superlotação dos leitos, sucateamento da saúde, número insuficiente de profissionais) que fora potencializado pelas adversidades na comunicação e desrespeito com as suas culturas e identidades, elementos que juntos, caracterizam a falta de humanidade ao qual foram tratadas as nossas irmãs indígenas. Como consequência dessa barbárie, as crianças que chegaram no hospital com infecção pulmonar (suspeita), ficaram expostas ao coronavírus, e tiveram o seu quadro de saúde agravado, o qual, infelizmente, as levou a óbito. Dessa forma, o cenário que se instaurou foi desesperador para essas mães, que além de todas as violências já sofridas, tiveram que passar pela mais dolorosa, a partida repentina de seus filhos.

Em meio ao cenário de horror pandêmico, as pobres mães Yanomamis receberam a triste notícia de que os seus primogênitos haviam partido desse mundo, informação essa repassada sem nenhum respeito ou compaixão, pois além de não poderem sequer ver os filhos pela última vez, darem um abraço, um beijo, e despedirem, tiveram os corpos de seus amados filhos extraviados na confusão pandêmica. Compreendemos que durante a pandemia, tínhamos um protocolo de segurança, que além de todas as medidas, havia a impossibilidade de contato com as pessoas contaminadas, porém, desaparecer com os corpos alheios já é falta de humanidade, é algo que é inadmissível. Dessa forma, nenhuma informação fora repassada para essas mães sobre ao paradeiro dos corpos de seus primogênitos, que sem compreender o que estava acontecendo, choraram e imploraram pelos seus pequenos.

De acordo com Brum, a especulação era de que os corpos das crianças haviam sido enterrados no cemitério local, fato que se caracteriza como um real descarte da vida humana. A autora obteve com exclusividade o áudio de umas das mães, que mesmo antes do auxílio de uma intérprete, conseguira compreender a linguagem assoladora do sofrimento, da perda, da injustiça. É sucinto citar que, Eliane Brum tem comprometimento com as causas humanitárias e ambientais, fato que a aproxima de informações que a sociedade necessita consumir e

compreender. Assim, Brum nos elucida que na Cultura Yanomami, as pessoas lidam com a morte de uma forma diferente da nossa, pois nessas ocasiões, elas vivenciam o luto celebrando a memória do ente querido que fizera a passagem para o outro mundo, nas quais eles cremam os corpos de seus amados e realizam uma cerimônia de despedida que pode durar meses.

A prática de enterrar corpos na Cultura Yanomami é inexistente e incompreensível, pois eles compreendem que esse ato arranca os mortos do mundo dos humanos, algo extremamente violento e incompreensível para eles. Para nos ajudar a compreender essa complexidade, Brum cita a ajuda de Sílvia Guimarães, que é professora de Antropologia da Universidade de Brasília, que nos esclarece que enterrar um morto para os Yanomamis, equivale a uma mãe não-indígena ter que “conviver com a ideia de ter o corpo de um filho jogado e exposto em praça pública”. Só assim, nos aproximando da cultura dos nossos irmãos Yanomamis, podemos imaginar o terror que essas mães vivenciaram.

Findando o seu artigo, Brum cita mais um caso de violência e desrespeito sofrido por uma quarta mulher Yanomami, uma que chegara no mesmo hospital para dar à luz. A autora nos relata que essa mãe deu à luz, teve o seu bebê contaminado e morto por covid-19, e igualmente as outras três mulheres Yanomamis, teve o corpo de seu filho desaparecido. Uma violência sem precedentes! No último subitem, Brum cita uma entrevista que realizara ao antropólogo francês Bruce Albert, o qual comparou o enterro escondido dos corpos das crianças Yanomamis ao desaparecimento das vítimas da ditadura militar que aconteceu no Brasil entre 1964 e 1985, que fazendo o uso das palavras do estudioso, nos esclareceu: “Roubar os mortos alheios e negar o seu luto sempre foi o estágio supremo da barbárie, no desprezo e na negação do Outro”.

A partir dessa potente observação, vamos aos poucos compreendendo os elementos pútridos que compõem a tecitura política de governo federal e seus coligados, que viram na pandemia, uma oportunidade de colocar em prática os seus ideais antidemocráticos. A publicação do artigo da Eliane Brum no *El País* trouxe à tona uma questão muito importante em relação à forma de governar instaurada na nossa nação, uma que não tem respeito algum pela vida, pela diversidade, pela cultura. O texto explana a ponta de um triste iceberg, que foi o extermínio institucionalizado dos nossos povos originários, que englobando a categoria entre os mais vulneráveis, foram um dos grupos sociais que mais sofreram nessa pandemia.

Após a divulgação do artigo, aconteceu um clamor nas redes sociais, em especial no Twitter, que pressionou as autoridades para tomar as devidas providências, como respeitar a cultura indígena, informar devidamente as mães, e a devolverem os corpos de seus filhos.

Com esse cenário desumano ao qual a nação brasileira fora submetida, as revoltas ficaram efervescentes nas redes sociais, as quais compreendiam e denunciavam os atos antidemocráticos realizados pela referida gestão federal. Com muitos descasos vindo à tona, os usuários de memes não pouparam críticas às ações transgressoras dos membros representantes do governo federal, os quais encontraram no riso uma forma de promover a conscientização da população, num movimento que a direcionava à criticidade, destronando a passividade:



Figura 15-O toba de milhões

Assim, mais uma vez, o ser expressivo e falante, criador e compartilhador de memes fez uso de sua capacidade discursiva para expressar a sua indignação com o caos pandêmico orquestrado pelo governo federal. É interessante que no meme, o criador poderia ter utilizado qualquer outro animal presente nas cédulas monetárias brasileiras, mas preferiu citar o lobo-guará, produzindo uma analogia à nota de R\$ 200,00, um dos símbolos do nosso caos inflacionário. Porém, mesmo com os símbolos presentes que nos conduzem ao riso, temos um questionamento a fazer: por que escolheram a imagem de uma mulher (cantora Joelma) para representar o animal (cédula) que teve sua integridade violada no encontro com o orifício anal do referido senador? Representaria uma posição-sujeito atribuída a nós mulheres durante o (des) governo? Talvez, muito provável.

Os atos antidemocráticos do então chefe de estado e seus parceiros políticos, nos revelam que não é de hoje que as forças centrípetas tentam fixar uma verdade na sociedade, a qual expressa as suas intenções políticas de estabelecimento de uma realidade que as favoreçam. Retornando ao primeiro meme, é possível visualizar o repúdio à fala do chefe de estado, o qual se apoia no discurso religioso para se manter no poder, pois aqui a fé é utilizada como uma espécie de cabresto, a fim de alienar as mentes mais ingênuas. Sendo assim, quando o presidente diz que não há mais corrupção em seu governo, ele inescrupulosamente distorce a realidade, desrespeitando e incentivando a violação dos direitos humanos.

Assim, no referido meme, temos a representação de alguns valores religiosos e sociais dos grupos que apoiam o governo federal como a predominância de pessoas brancas em ambientação análoga ao paraíso bíblico (discurso supremacista), e a constituição do padrão ideal da família tradicional brasileira, que combinados nos remetem aos valores deturpados e propagados pelo (des) governo (fé e família). Essas imagens possuem importante valor simbólico, pois elas caracterizam sumariamente o público que simpatiza com a ideologia propagada, grupo conhecido popularmente como bolsominions.¹⁶

Sobre os bolsominions, eles foram capazes de se manterem omissos nos casos de corrupção do governo, pois entendemos que para eles, pouco importa se há ou não ocorrências de ações transgressoras aos direitos humanos, pois eles se sentem conectados ao presidente por algo que cria neles a sensação de pertencimento, ligados pela ideologia retrógrada propagada, e mais uma vez, incomodados com o eco produzido pelos memes que criticavam o *mito* deles, foram para as redes defenderem o seu “malvado favorito”:

¹⁶ Essa definição tornou-se popular devido às semelhanças encontradas entre os apoiadores do (des) governo com os personagens de ficção infantil, os minions (junção por aglutinação:bolsonaristas+minions=bolsominions). Na referida película cinematográfica, os minions são pequenas criaturas que não pensam por si próprias, fato que as levam a obedecer e a venerar cegamente um malvado favorito, que a subjuga e maltrata.

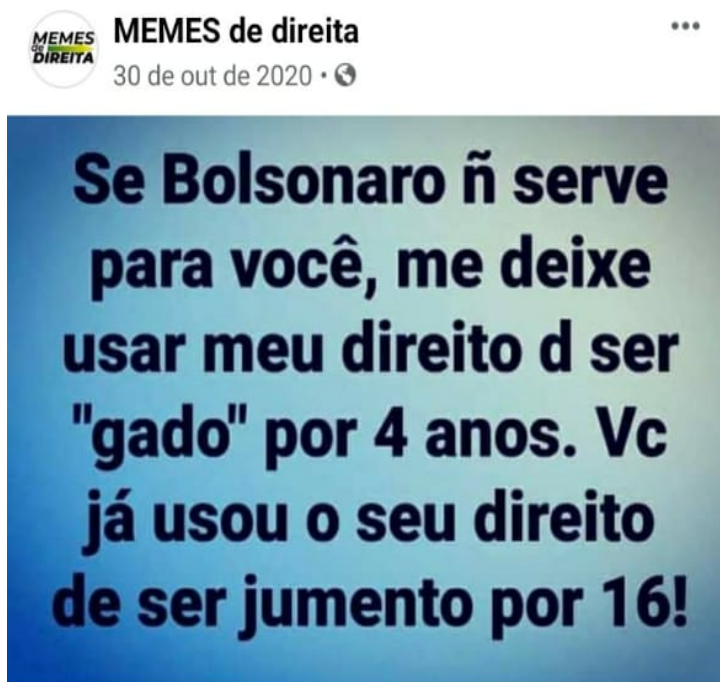


Figura 16- Deixe de ser gado!

Acima conseguimos visualizar o porquê de o riso nunca ter sido oficializado, pois para apresentar o embate nessa temática, encontramos apenas prints virais de postagens, que não traziam nenhuma característica de meme, pois não há como defender o indefensável. Assim, vimos o patamar atingido pela cegueira ideológica dos bolsominions, ao ponto de se reconhecerem como “gado” e de defenderem esse posto, expressando a tentativa de atribuir superioridade aos seus adversários políticos, os nomeando como jumentos. Sobre os apoiadores do governo, eles “ganham” um meme, como uma forma de os denominarem, construindo uma crítica à uma parcela dos bolsominions que ocupam a classe média brasileira:



Figura 17-Dona Florinda no país sem corrupção

Esse exemplar obteve muitas compartilhções nesse período juntamente com o inicial, pois resgatou uma famosa personagem, a Dona Florinda. Compreendemos que a escolha da *mãe do Kiko* foi contextualizada como representante de uma parcela do grupo social que defende o *dito cujo*. Dessa forma, ao observar alguns diálogos e narrativas em rede, percebemos que há o resgate de algumas memórias afetivas dos usuários de rede, principalmente por se tratar de uma personagem que integra um dos seriados estrangeiros de maior sucesso do Brasil, o *El Chavo del Ocho* (Chaves).

Assim, mais uma vez, a intertextualidade se fez presente para enriquecer os mecanismos construtores de sentido. No caso do referido meme, a construção de sentido foi dada a partir de elementos intertextuais, ao incorporar a figura da personagem de Dona Florinda para expressar a indignação dos brasileiros em relação ao pronunciamento do “acabou a corrupção”, como também, caracterizá-la como uma representante da chamada classe média. Com o propósito de compreender os sentidos e as vozes sociais representadas aqui, tivemos que relembrar das nuances compositoras da personagem.

Sobre a caracterização da personagem, a Dona Florinda é uma senhora que mora juntamente com o filho Kiko, num conjunto habitacional nos subúrbios da Cidade do México, no qual há outros moradores, chamado de Vila ou Cortiço em algumas traduções e dublagens. Uma das principais características da Dona Florinda, é que ela é uma mulher esnobe, que demonstra extremo desprezo pelos outros moradores da vila, os quais ela denomina como gentinha, pois ela se enxerga numa posição acima deles, ao se considerar socialmente e

culturalmente superior aos demais moradores. O curioso é que a Dona Florinda estava mais próxima da classe baixa que da alta, fato que expressa que ela passava dificuldades financeiras igualmente às dos seus vizinhos, mas devido ao seu orgulho, ela escondia e se passava como uma senhora rica.

A partir dessas recordações, conseguimos traçar um paralelo entre a personagem Dona Florinda e a parcela da classe média brasileira que ainda apoia o (des) governo. Ambos não reconhecem o lugar ocupado por eles na sociedade, que guiados pelo orgulho e egoísmo, abrem brechas para as narrativas que incentivam o medo do outro. Assim, compreendemos que uma parcela da classe média brasileira precisa se sentir importante, precisa afirmar o seu elitismo, e uma forma de promover essa afirmação, é apoiar um governante que odeia e incentiva o desrespeito aos vulneráveis socialmente, como os povos indígenas, os pretos, os LGBTQIAP+.

Acreditamos o chefe do executivo reconhece a fragilidade dessa parcela da população, por isso, muitas vezes a sinalizou. Quando esse fragmento da sociedade descobrir as noções reais de pertencimento, esse apoio cairá por terra, pois esse grupo social está mais próximo da posição de oprimido que de opressor. Fato que durante a pandemia se comprovou, pois essa parcela mediana da sociedade também sofreu, por que o Covid-19 não fez distinção de classe na hora de vitimizar fatalmente uma pessoa, ocasião que nos leva até a possibilidade de mudar o seu nome para capitalismo.

Após os encontros e embates de vozes apresentados, foi possível apreender o real sentido da palavra corrupção no mundo real. As definições desse vocábulo contidas nos dicionários linguísticos não foram suficientes para expressar o horror causado na vida real, pois elas englobam diversas questões e consequências, sendo que, a primordial delas é o desrespeito aos direitos humanos. Os atos corruptos do governo permitiram que as nossas florestas fossem queimadas, autorizaram a exploração desenfreada do nosso solo, das nossas pessoas, cercearam a nossa dignidade, sucatearam o SUS e nos negaram o direito à vida. Essas condutas tentaram plastificar a vida humana, fato expresso pelo roubo de corpos característicos da ditadura que eles sonham em reimplantar na nossa amada nação.

Personalidades do tipo do presidente da república se mantêm no poder graças à opressão dos grupos sociais vulneráveis e o silêncio dos demais. Nesse processo, as redes sociais que se movimentam tanto centrifugamente quanto centripetamente, exerceram um papel muito importante na exposição da realidade, acrescentando novos aos sentidos aos discursos falaciosos e fazendo-se ouvir as vozes que não têm oportunidade de estarem conectadas ao ciberespaço.

3.4- De político a religioso: fanatismos e negacionismos

No ano de 2020, vimos o emergir de uma estrondosa crise sanitária sem precedentes no século XXI, a qual vitimou corpos, mentes e espíritos. No Brasil, presenciamos o horror gerado pela desinformação, pela cegueira religiosa, pelo fanatismo político, elementos que juntos, apertaram os laços ideológicos entre o chefe de estado e seus simpatizantes. O nosso encontro ao desconhecido fez com que o terror instaurado se descortinasse, e revelasse as mais pútridas, pútridas e lamacentas nuances constituintes do confuso e contraditório bolsonarismo, que viu na pandemia uma oportunidade de dominação, pois não bastou subjugar materialmente, promovendo diversas privações, precisou assujeitar ideologicamente, plantando factoides, medos, ódios e alienações no ideário social. A nossa compreensão sobre o bolsonarismo consiste na percepção de um movimento político e ideológico altamente fascista, formado por duas vertentes: os bolsonaristas-grandes empresários, latifundiários, herdeiros, dentre outros conglomerados que não dependem de salário para sobreviver; e os bolsominions, trabalhadores e assalariados sem consciência de classe.

Em relação à última expressão, acreditamos que esta deveria compor o currículo educacional brasileiro, tratando da histórica luta de classes e a opressão da burguesia, que desde que se instaurou como modelo econômico, vem se mantendo no poder devido a sua monstruosa dominação ideológica, a qual escraviza e mata todos os dias. No nosso contexto, a subjugação que relatamos foi implantada por dois factoides disseminados pelo bolsonarismo no início da pandemia: o primeiro foi a ideia de que o Covid-19, um vírus altamente infeccioso e quase que letal para os que possuem comorbidades, não passava de uma “gripezinha”; e o segundo, de que a pandemia se tratava de “uma conspiração chinesa para dominar o mundo”. Assim, durante a pandemia do Covid-19, tivemos que lidar com uma outra, uma ainda mais nociva e duradoura, a disseminação da desinformação.

Prática que se iniciou durante a campanha eleitoral do então presidente, que consistiu na propagação de *fake news*, como kit gay, mamadeira de piroca, dentre outras, alcançou uma proporção maior em 2020, a qual encontrou terreno fértil na palma da mão e na fé sem compaixão. Atrelados a essa dominação abominável, tivemos muitos falsos profetas, que vestidos de uma couraça falseada da fé, divulgaram mais um anticristo, o proclamando de mito, furtando e esvaziando os sentidos cristãos, aliás, esse movimento foi expert em afanar símbolos, fato expresso pelo sequestro de nossa linda bandeira nacional verde e amarela. Dessa forma, as forças centrípetas entrelaçaram os interesses, conectando o fanatismo

religioso ao político, junção que resultou na constituição de um perverso, oportunista e trevoso negacionismo.

Com o intuito de tratarmos dessa temática extremamente delicada, e compreendê-la em sua alvorada nebulosa, fizemos um trajeto diferente aqui neste último subitem, pois decidimos analisar sumariamente os memes de direita, cotejando-os com as *fake news*¹⁷ mais disseminadas no ano de 2020 em relação ao Covid-19 e à vacina, juntamente com dois artigos de opinião que abordaram o negacionismo científico incentivado pelo governo, e uma reportagem de âmbito latino-americano que expôs a conduta e a influência de algumas correntes religiosas ultraconservadoras na disseminação de notícias falsas durante a pandemia do Coronavírus. Todos os textos escritos e selecionados para cotejo foram produzidos por pesquisadoras, que juntas, fizeram ecoar a potente voz feminina na jornada de compreensão do caos negacionista. No fim, apresentamos um único meme para concluir a nossa leitura sobre esse tema, e apresentar a nossa contrapalavra.

Em relação aos artigos cotejados, eles compreendem os textos “*Negacionismo na pandemia: a virulência da ignorância*”- redigido por Luciana Rathsam- Especialização em Jornalismo Científico da Unicamp/SP; e o “*Negacionismo, desdém e mortes: notas sobre a atuação criminosa do governo federal brasileiro no enfrentamento da Covid-19*”-escrito em parceria entre Lígia Giovanella-Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) e Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca (Ensp), Maria Guadalupe Medina-Universidade Federal da Bahia (UFBA) e Instituto de Saúde Coletiva (ISC), Rosana Aquino-Universidade Federal da Bahia (UFBA) e Instituto de Saúde Coletiva (ISC), e Aylene Bousquat-Universidade de São Paulo (USP)- Faculdade de Saúde Pública (FSP).

Sobre a reportagem citada, ela compreende o texto “*Poderes impuros*” escrito pelas pesquisadoras colaboradoras da Pública-Agência de Jornalismo Investigativo, Nelly Luna Amancio, Kennia Velázquez, Gloria Ziegler, Andrea DiP, Mariama Correia. O documento foi o resultado de investigação jornalística liderada pelo OjoPúblico no Peru, em parceria com a Agência Pública e PopLab. É sucinto informar que a referida agência é de cunho independente, sem fins lucrativos, e foi fundada por repórteres mulheres no ano de 2011. A referida reportagem sondou ações antidemocráticas e negacionistas apoiadas e disseminadas por líderes religiosos do Peru, Argentina, Brasil e México.

Para dar ignição nesse processo de compreensão, inicialmente se faz necessário entender a origem e a relação existente entre as *fake news* e negacionismo. Nesse caminho,

¹⁷ Texto informático do Portal IG Saúde, sob a manchete “2020-confira as 7 fake news mais perigosas sobre a pandemia de Covid-19”.

Rathsam nos elucida que a abordagem negacionista da ciência encontrou nascedouro nas falas iniciais do então chefe de estado sobre a pandemia, que numa primeira conduta negou a gravidade da doença, referindo-se a ela como uma “gripezinha”. Com a passagem de reconhecimento da gravidade da doença, o chefe de estado ao invés de adotar uma postura de alinhamento às medidas de contenção do vírus, preferiu disseminar teorias da conspiração, dizendo que a pandemia de Covid-19 era uma tentativa de dominação mundial da China.

Com esses atos, o presidente ajudou a implantar diversos medos no ideário social, sendo esses acreditados pelas mentes desprotegidas da desinformação. Rathsam nos explica que essas ideias mirabolantes não foram introduzidas por acaso na sociedade, pois elas escondem projetos de poder diversos, que atendem aos interesses dos grupos que as propagam. A jornalista também nos elucida, que essas inverdades são produzidas e articuladas por grupos que possuem amplo acesso às informações pertinentes, porém, preferem divulgar notícias falsas propositalmente, devido aos seus interesses escusos, e a autora pontua que a justificativa do êxito nesse processo de propagação de mentiras se deu por causa dos meios sofisticados de produção e divulgação desses grupos.

Em relação às fake news mais disseminadas sobre a pandemia de Covid-19 no ano de 2020, elas nos revelaram um lado sombrio, vil e inescrupuloso ainda presente na nossa sociedade, um que está corrompido pela doença da ganância. É desesperador encarar esse mal ainda existente entre nós, que nos amedronta e nos adocece, porém, precisamos enxergá-lo como uma ferida aberta, cujo remédio de tratamento consiste na nossa palavra, na nossa alteridade. Com esse intuito, listamos aqui as sete fake news mais compartilhadas no ano de 2020, retiradas do Portal IG-Saúde:

- 1-A vacina contra Covid-19 altera o DNA humano;
- 2- Juntamente com a vacina contra Covid-19 se insere um microchip no corpo da pessoa vacinada;
- 3- A ideia de que os termômetros infravermelhos causam doenças cerebrais;
- 4- Que as máscaras, item principal de proteção contra o Covid-19 oferecia riscos à saúde;
- 5- A informação de que o vírus foi criado propositalmente em laboratório chinês;
- 6- A recomendação de remédios ineficazes contra o Covid-19, como a cloroquina e a ivermectina;
- 7-A informação de que estavam enterrando caixões vazios em valas comuns para prejudicar a imagem do governo.

Sobre as fake news citadas acima, pelo menos quatro foram (re) produzidas por *pelo* mandatário da república durante alguns pronunciamentos oficiais ou nas lives semanais

transmitidas pelo seu canal particular no Youtube-Brasil. Como resultado da postura negacionista dos membros do governo federal, a direita delirante brasileira criou os seus memes de internet, tentando encaixar o humor em uma situação em que ele não cabia:



Figura 18- Braço biônico

Assim como apontado em subitens anteriores, a tentativa de provocar o riso pelas forças centrípetas não constrói bases edificantes, razão pela qual ele se dissipa rapidamente sem deixar marcas na memória de seus usuários. Porém, esse tipo de construção de riso deixa um rastro de destruição por onde é reproduzido, pois além de disseminar notícias falsas, aperta os laços ideológicos entre os simpatizantes de presidente, o qual sufoca e aprisiona o pensamento crítico. Rathsam nos esclarece que é justamente esse o propósito das ações anti-ciência promovidas pelos governos autoritários, o de assujeitar os sujeitos, pois a autora enfatiza que esse processo de desacreditação do saber fragiliza os indivíduos, moldando-os a duvidar dos conhecimentos científicos, e forçando-os a perderem a confiança nas instituições democráticas. Dessa forma, são abertas brechas para os debates irracionais, que por sua vez, geram comportamentos repudiosos e agressivos. Nas próximas linhas, discutiremos os efeitos destrutivos causados pela prática criminosa de produção e disseminação de fake news, que como resultado, temos o cerceamento do nosso direito magnânimo à vida.

Para nos auxiliar e guiar nesse caminho pedregoso, trazemos para o cotejo o segundo artigo citado, que abordou as reverberações e consequências causadas pelo negacionismo durante o período de sondagem deste trabalho. De acordo com Giovanella et al., o negacionismo corporificou a maior tragédia humanitária e sanitária vista no Brasil, o qual embasou vários atos antidemocráticos pelo país e fez crescer a já corpulenta desigualdade social existente. Nesse naufrago orquestrado, muitas pessoas foram jogadas para fora do barco da vida, perdendo assim a chance de se reconstruírem. Essa violência atingiu em potencial os mais vulneráveis, como dito no subitem anterior, cujo dado estatístico escancara a desigualdade presente até na hora da morte, pois as maiores taxas de óbito ficaram entre os mais vulneráveis economicamente, pontuadas pelas autoras: “a incidência nos 20% mais pobres da população (4,1%) é mais do que o dobro da incidência entre os 20% de maior renda (1,8%)”.

Sobre os projetos de poder escusos citados anteriormente, as autoras nos ajudam a iluminar a compreensão de que, as condutas negacionistas serviram como uma espécie de combustível e distração para o governo pôr em prática a sua agenda liberal, que consistiu numa política altamente nociva para a base sustentadora de nossa sociedade, ou seja, para a classe trabalhadora deste país. Com isso, presenciamos o aumento da informalidade atrelado a aprovação de leis e medidas provisórias que regulamentaram um verdadeiro retrocesso nos direitos trabalhistas, e um atraso proposital na concessão de direitos previdenciários, como aposentadorias, auxílio-doença e salário-maternidade, dentre outras danosidades.

Para que o projeto de precarização das relações de trabalho obtivesse êxito, era primordial reforçar um outro (conectado indissociavelmente), que é o de plastificação da vida humana. Com o despertar da pandemia, a cúpula governamental federal que é ligada por interesses convergentes, teve o *insight* de se aproveitar do momento para “deixar a boiada passar”, atropelando assim, a classe trabalhadora, as minorias em representatividade política, como os povos originários, a população negra, a comunidade LGBTQIAP+, pois essa “passada” começou queimando as nossas florestas até chegar na nossa Constituição Federal.

Na área da saúde, as autoras que atuam neste campo, nos elucidam que o processo de plastificação da vida humana ganhou força a partir do golpe de estado de 2016, que desde a implantação do PNAB 2017, vem dismantando o financiamento do SUS, resultando em diversas medidas nocivas a esse direito da população, como a redução do número de Agentes Comunitários de Saúde (ACS); a finalização do Programa Mais Médicos, deixando muitas cidades (principalmente comunidades de difícil acesso) sem assistência desses profissionais; a

contratação de empresas terceirizadas para prestação de serviços básicos, dando abertura à iniciativa privada para atuar em questões de saúde pública.

As pesquisadoras são enfáticas em reconhecer a importância do SUS, e a elogiar a sua cobertura e competência, pois segundo elas, o órgão tinha capacidade para lidar e conter os avanços da pandemia, mesmo com o sucateamento vergonhoso que vem sofrendo desde o golpe de 2016. Acontece que, a massiva propaganda pelo governo federal em desacreditar a Ciência, contribuiu para o desastre sanitário do ano de 2020, permitindo que crenças e opiniões fossem encaixadas num contexto em que elas não deveriam ter voz e nem vez. As autoras lembram no texto, que o chefe de estado promovera e incentivara diversas aglomerações durante o período pandêmico, sendo que uma das mais graves e irresponsáveis aconteceu no início da pandemia, quando este saiu às ruas para abraçar e cumprimentar as pessoas, desacatando as medidas preventivas de saúde.

O fato por si só já se caracteriza como uma afronta à Ciência e à saúde do povo brasileiro, porém, na referida ocasião lembrada pelas pesquisadoras, o presidente havia retornado recentemente de uma viagem que realizara aos Estados Unidos com a sua comitiva para visitar o então chefe de estado estadunidense, Donald Trump. No retorno ao Brasil, mais da metade de sua comissão havia testado positivo para o Coronavírus, fato que não impediu o chefe do executivo de promover aglomerações. Quando finalmente o representante máximo da república federativa brasileira “reconheceu” que o Covid-19 era muito mais que uma “gripezinha”, este passou a recomendar tratamentos precoces, que consistia no consumo de medicamentos sem eficácia científica comprovada (assim como Trump), como a cloroquina e a ivermectina, citadas anteriormente com uma das notícias falsas que mais foram compartilhadas nesse período histórico.

Com essa mudança de postura, muitos de seus apoiadores começaram a seguir as instruções do presidente da república, transformando em *hit* termos como tratamento precoce e cloroquina. Cientistas das instituições responsáveis já haviam se posicionado contra as recomendações do presidente, assim como a maioria dos profissionais da saúde comprometidos com a vida de seus pacientes. Nesse contexto, os bolsominions foram às redes sociais propagar a “boa nova”:

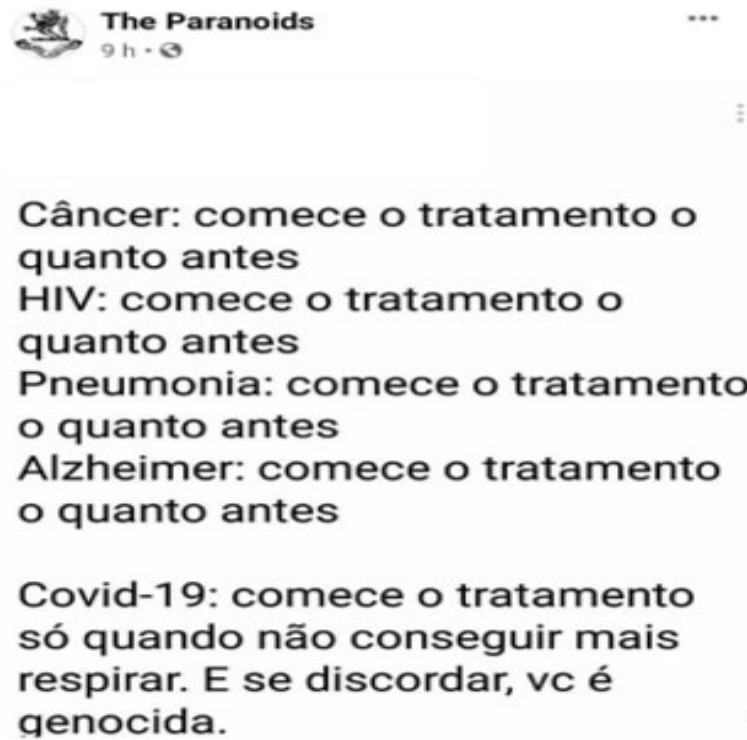


Figura 19- Tratamento precoce para ignorância ninguém quer

Um dos questionamentos que mais nos inquietava, era como o chefe do executivo conseguia angariar apoiadores e simpatizantes, de forma a fazê-los acreditar em qualquer absurdo que fosse verbalizado por ele. Para compreender esse fato, precisamos lembrar as duas vertentes do bolsonarismo, os bolsonaristas e os bolsominions. Sobre a primeira parcela constituinte, os fatos debatidos anteriormente conseguem nos iluminar a compreensão de que esses grupos se encontram filiados a essa pseudoideologia por causa da convergência de interesses políticos, pois, as atuações do governo em relação à precarização das relações de trabalho, muito têm a favorecê-los, pois assim, além deles conseguirem promover a manutenção do *status quo* da sociedade, eles conseguiriam elevar o patamar da desigualdade social deste país, para que enfim, pudessem voltar a se vangloriar por suas posições ocupadas, por seus privilégios, e pelo os seus “méritos”, pois esse embate envolve questões egóicas também, pois eles estavam assustados com a ascensão do pobre promovida por governos anteriores.

Para compreender o apoio dos bolsominions aos atos negacionistas e antidemocráticos do governo, que muito têm a prejudicá-los, precisamos direcionar um olhar atenciosos a eles, pois esse parcela é a que mais sofre dentro do bolsonarismo, pois está amarrada violentamente por sufocantes laços de sujeição, de submissão, de escravização da mente e do espírito. Inserido no contexto de bolsominion, está uma parcela do povo cristão brasileiro, a qual,

inexplicavelmente, se converteu ao bolsonarismo, tornando-se uma das bases apoiadoras mais rígidas dessa pseudoideologia.

Aqui no Brasil estamos presenciando uma distorção dos propósitos da fé cristã, de forma que os projetos de poder se apropriaram do discurso religioso para atender os seus intentos de dominação política, processo este que além de ter pessoas influentes empenhadas neste propósito perverso, temos a amplificação de suas vozes proporcionada pelas redes sociais, que além de manter o rebanho cativo, vem agindo para angariar novos adeptos. Dentre as religiões de base cristã que mais sofreram com as investidas da chibata da fé, está o seguimento religioso protestante (neo) pentecostal, ou seja, a população evangélica. Essa prática é explanada na reportagem citada no sexto parágrafo deste subitem, a qual resultou na publicação do texto “Poderes impuros”. Escolhemos cotejar esse documento para compreendermos o papel e a influência exercidos por alguns líderes religiosos na disseminação de notícias falsas, e quais os interesses e projetos de poder escondidos por detrás dessa escolha e tomada de posicionamento político.

Para compreender essa perigosa relação existente, precisamos pontuar que o governo federal acentuou os pensamentos religiosos fundamentalistas no país, fazendo (re) surgir uma voz que se espreitava no campo discursivo, só esperando uma chance para se fazer ouvida. Para tanto, é sucinto atribuir ênfase na questão da representatividade política adquirida ao longo dos anos, fato expresso hoje pela formação da robusta “bancada evangélica” presente na atual conjuntura. Estamos nos referindo ao montante de 105 deputados e 15 senadores, algo que gera uma representatividade de 20% no congresso nacional. Esse grupo defende pautas políticas de caráter ultraconservador, levantando bandeiras em “defesa da família” e agindo nocivamente contra os direitos das minorias políticas, como mulheres, indígenas, negros, LGBTQIAP+, dentre outros.

No texto assinado por Amancio et.al, visualizamos o movimento antivacina ganhar força pela América Latina, pensamento influenciado especialmente por alguns líderes religiosos, que assim como a gestão do chefe de estado, viu na pandemia uma oportunidade para atender aos seus interesses particulares, como a comercialização de remédios divinos¹⁸ para a Covid-19, por exemplo. Durante o período de investigação, as autoras registraram diversas condutas negacionistas e antidemocráticas advindas de notórias instituições religiosas (Brasil, Peru, Argentina e México), como o incentivo a não-obediência das medidas

¹⁸ No texto, as autoras relatam a comercialização de álcool em gel ungido por um pastor conhecido nacionalmente na Argentina. Já aqui no Brasil, viralizou-se a informação de que o líder religioso da Igreja Mundial do Poder de Deus estava comercializando feijões mágicos. A promessa era que o “medicamento divino” curava o Covid-19, e segundo informações do Carta Capital, eles eram vendidos a partir de R\$ 100,00.

sanitárias, a divulgação de medicamentos com eficácia não comprovada cientificamente, a propagação de teorias da conspiração, como também, a difamação de direitos adquiridos, como o aborto legal.

Diretamente no Brasil, as autoras nos elucidam que um famoso bispo brasileiro, e proprietário de um canal aberto aqui no país, declarou abertamente no início da pandemia que o Covid-19 era uma “tática de satanás”, o qual orientou os seus fiéis a usarem a fé como única prevenção e cura. O mesmo líder religioso é investigado por lavagem de dinheiro e fraude de quase 800 milhões arrecadados através de dízimos de seus fiéis. A instituição religiosa pertencente a este cidadão é filiada ao partido Republicanos, o qual tem como membro dois filhos do presidente, o senador e o vereador federal.

De acordo com as autoras, as instituições religiosas sondadas possuíam um discurso alinhado nas questões da pandemia, e a maioria de seus líderes religiosos enxergavam no presidente da república um exemplo a ser seguido, pensamento que fora implantado no ideário evangélico do país. Segundo Amancio et.al, os pastores das instituições religiosas observadas produziram a narrativa de que a pandemia era o resultado da ação pecaminosa dos homens, como a concessão do direito ao aborto (nos países onde a prática é legal, e até mesmo nos casos de violência sexual, como no Brasil), ao casamento legal de pessoas do mesmo sexo, e às questões de estudo de gêneros.

Nessa tomada de posição negacionista e antidemocrática, as autoras nos ajudam a compreender as teias de poder emanadas pelas referidas instituições religiosas, as quais fizeram o uso do medo e da culpa para subjugar os seus fiéis, seja disseminando inverdades, ou cerceando diretamente o nosso direito à vida. Dessa forma, com uma bíblia embaixo do braço, e uma voz eloquente, muitos pastores implantaram pensamentos de medo e ódio nas mentes de seus fiéis, manipulando-os a discriminar mulheres vítimas de violência sexual, pessoas transgêneras, casais homoafetivos, feministas, cientistas, dentre outros grupos. As ideias expressas e muitas vezes defendidas ferozmente pelos evangélicos, culminou numa imensa divergência de valores e princípios, discrepância vista a partir da “adoração” de lobos em peles de cordeiro, como também, ideias totalmente contraditórias, como a noção de que armas salvam vidas (como já explanado em subitem anterior), por exemplo.

Uma vez, lendo comentários de usuários de memes, limos uma mensagem fortuita para encaixar neste contexto, e ela dizia bem assim: “saudades da época em que os evangélicos queriam que a gente aceitasse Jesus”. O sentimento que paira no ar é justamente esse, de nostalgia, de recordação, de quando as nossas irmãs e irmãos evangélicos tinham Cristo como o seu maior ídolo, e essa sensação, fez com que diversos memes fossem

produzidos, como uma espécie de tentativa de chamar os nossos vizinhos cristãos, de convocá-los à racionalidade, sendo retratado pelo meme abaixo, que recorta uma personagem de telenovela e a contextualiza para explicar a intenção comunicacional do falante:



Figura 22- Acorde, ermã! Abaixе essa arma!

A partir dos sentidos emergidos, conseguimos compreender a intrínseca relação entre o fanatismo político e o religioso, pois como visto, ambos foram forjados lado a lado, com propósitos afins, os quais expressam a tentativa de ressurreição de uma velha política, uma baseada na união entre Estado e Igreja, cuja conjuntura de poder arcaica promoveu horrores inimagináveis durante o tempo em que estava vigente. Assim, eles agem em prol de ferir um dos nossos direitos constitucionais essenciais, que é ter a laicidade de Estado garantida. Com essas pontuações, assermos que o bolsonarismo fez emergir traços primitivos que ainda existem no ser humano, se caracterizando como um verdadeiro e estrondoso retrocesso, em todos os sentidos, promovendo uma barbaridade que muito nos remetem à tenebrosa atmosfera vivenciada por este país entre os anos de 1964 e 1985.

UMA COMPREENSÃO OUTRA E CONCLUSÃO

Com a eleição do referido governo federal, escutamos um bater violento nas nossas portas, era o fascismo querendo (re) entrar. Aqui na nossa bela terra *onde canta o sabiá*, eles levantaram falsas bandeiras e nos tentaram fazer *odiá*. Esse monstro veio sorrateiramente, aplicando um golpe aqui, e outro acolá, e nos ameaçando veemente com a sua pistola. Assim como em outras épocas, ele veio disfarçado, unindo os mais improváveis, de republicano a monarquista, a até os mais exploráveis. Usaram o nome de Cristo em vão, para assim dominar o mais frágil coração. Nos impuseram posições lúgubres, para enfim, pôr em prática os seus propósitos mais fúnebres. Destruíram sonhos, dilaceraram corações, e nos arrancaram da vida sem nenhuma compaixão. Instituíram um bobo da corte, um fantoche do sistema, um que sem pestanejar e impor resistência, favoreceria o esquema...

Precisei iniciar essa última parte do trabalho com um tom poético, pois acreditamos que as palavras carregam emoções e agregam sensações. Expor o que aconteceu no ano de 2020, e por consequência, apresentar a nossa contrapalavra, foi uma tarefa muito difícil. A todo momento, tentamos me desvencilhar do tom pessimista natural que habita no meu ser, pois quando se nasce num contexto sem oportunidades neste país, ter esperança se torna algo quase que impossível, *quase*. Uma vez, uma sábia e amorosa pessoa (minha orientadora) me disse que era preciso ter fé na humanidade, pois ela não era o problema, e sim a solução, e com essa visão, eu teço aqui uma compreensão com o propósito de restaurar a compaixão, o amor, e a solidariedade no meu *outro*, convocando-o à racionalidade, resgatando-o das trevas do fascismo.

Em todos os momentos da nossa vida, nós somos interpelados pelo “diferente”, de forma a compreender de que nós não nos constituímos de forma sozinha, isolada, mas sempre em parceria com o *outro*. Dessa forma, compreendi que, nós somos constituídos por um imenso e confuso quebra-cabeça, que num movimento contínuo, vamos encaixando novas peças, e retirando as que não se encaixam mais. Nesse processo, as leituras bakhtinianas me ajudaram a não só construir o caminho metodológico neste trabalho, como também, a constituir uma filosofia para a minha vida.

Em relação ao movimento político e ideológico que se materializou no nosso país, Umberto Eco disse uma vez que era função de todos desmascarar e combater as manifestações do fascismo. Porém, neste embate, nós não podemos utilizar as mesmas armas do nosso *outro*, pois se assim o fizéssemos, em que ponto seríamos diferentes deles, não é

mesmo!? Sendo assim, nas próximas linhas apresentamos as nossas considerações e contrapalavras ao discurso fascista que destoou neste período.

Na sondagem e análise, houve a identificação de pelo menos dois tipos de posicionamento presentes nos memes, no primeiro percebemos que há a reprodução de discursos hegemônicos e opressores, de forma que estes replicavam as tentativas de dominação da classe dominante. No segundo, visualizamos a expressão da pluralidade de vozes envolvidas no processo discursivo e dialógico, a qual respondeu aos acontecimentos do cotidiano, denunciou os atos antidemocráticos do então governo federal, e que agiu construindo e atribuindo novos sentidos a cada novo compartilhamento. Assim, vimos que o meme é um gênero discursivo em processo de construção, que expõe de forma dialógica os sentidos particulares e sociais dos sujeitos envolvidos no processo de constituição da realidade histórica pretendida.

Em relação às considerações acerca dos memes do primeiro tipo, identificamos alguns resquícios da identidade patriota abordada no segundo capítulo desta dissertação, de modo que a linguagem dos memes expressou e/ou retratou as identificações sociais, políticas e ideológicas dos sujeitos que os compartilharam. Em relação ao reconhecimento dos marcadores de identificação da chamada identidade patriota, enxergamos a reprodução de sentidos voltados para o norte monológico, hegemônico e opressor da classe dominante, que por intermédio da figura do então chefe de estado, seus particulares e líderes religiosos coligados, foram expressos e reforçados pelos atos de fala e de comportamento deles, e que inevitavelmente, refletiram em seus seguidores.

Uma das questões mais alarmantes percebidas pela análise deste material, foi a identificação da expressão do fanatismo político e religioso que se instaurou no cenário político brasileiro no ano de 2020 e que se intensificou nos anos seguintes. Os memes de espectro político de direita e conservador expressaram os propósitos de poder das classes dominantes, que agem para fixar o seu centro valorativo na nossa sociedade, o qual influencia diretamente no cerceamento de direitos básicos dos grupos excluídos socialmente, como o acesso à informação, o direito à alimentação, o direito de expressão da sexualidade, o direito à liberdade política e de pensamento, dentre tantos outros.

Sobre os memes do segundo tipo, eles trouxeram para os ambientes virtuais de compartilhamento o movimento dialógico da vida e do discurso, os quais expressaram a não existência de apenas um centro valorativo para a construção de sentidos no mundo, demonstrando que essa constituição se dá de forma plural, na qual se “ouve” muitas vozes sociais. Neste tipo de meme, percebemos os atos de respostas aos acontecimentos do

cotidiano, os quais responderam a essas ações, como também, expressaram as lutas políticas e ideológicas dos sujeitos no processo de constituição da realidade histórica.

Nos memes deste tipo, vimos o movimento alteritário do riso, o qual percebemos que possui engrenagens conscientizadoras e libertadoras, as quais agem de forma a convocar o nosso outro à razão, à consciência, e à humanidade. Acreditamos que esse processo encontrou nascedouro nos atos de carnavalização das falas e ações dos nossos opressores por intermédio dos memes, que contrapalavrou os discursos centrípetos, ofertando uma nova forma de conceber o mundo e os sujeitos. Acreditamos que esses memes foram revolucionários na linguagem virtual contemporânea, pois em nenhum momento se utilizou de artifícios ou mecanismos de discriminação, de ofensa, ou de intimidação linguística.

Acreditamos que esses memes expressam uma nova possibilidade de constituição da esfera ideológica dos sujeitos, identificando na linguagem deste gênero do discurso os seus elementos componentes, em especial o dialogismo expresso nas intertextualidades e no processo de atribuição de novos sentidos na vida. Assim, pontuamos que o gênero discursivo meme pode expressar a conduta popular contra hegemônica em relação às tentativas de dominação da classe dominante e ao seu centro de valores retrógrados.

Com essas considerações, nos firmamos e reforçamos a noção dialógica da vida expressa por Bakhtin (2003, p. 348), de que “viver significa participar do diálogo: interrogar, ouvir, responder, concordar, etc. Nesse diálogo o homem participa inteiro e com toda a vida: com os olhos, os lábios, as mãos, a alma, o espírito, todo o corpo, os atos”. Assim, munidas com esse aporte filosófico, lembramos de uma fala proferida pelo professor Valdemir Miotello numa *Live* realizada em parceria com Patrícia Bassinello, no Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais-PPGCult/UFMS no início do ano de 2020, sobre a importância de cada pessoa dizer a sua palavra. Dessa forma, compreendemos que dizer a palavra expressa o agir-viver no mundo, no qual todos os sujeitos devem participar da constituição de sua realidade, não existindo alibi nesse processo.

Somente dessa forma, conseguiremos refutar as expressões de ódio presentes na nossa sociedade, de forma a apresentar a nossa contrapalavra ao ódio fomentado às minorias políticas. Assim, percebemos que esse sentimento de desprezo não é algo não é natural, pois é alimentado pelos sistemas de poder vigentes, sendo instigado e inspirado (neste período histórico estudado) por pessoas de má índole e má fé (não estou extinguido a culpa das pessoas que seguiram esses ensinamentos).

Nesse quesito, Nelson Mandela uma vez já disse a palavra dele em relação ao ódio, sobre o qual ele se posiciona: “Ninguém nasce odiando o outro pela cor de sua pele, ou por

sua origem, ou sua religião. Para odiar as pessoas precisam aprender, e se elas aprendem a odiar, podem ser ensinadas a amar". A partir desse ensinamento transcendental, acredito que a Educação tem muito a nos ajudar, e creio que seja por essa razão que ela é tão atacada por governos autoritários, temerosos com os pobres que pensam e que amam!

Temos consciência que esse é um processo difícil e lento, porém, acredito que estamos no caminho certo. Nesse trajeto, os Estudos Culturais representam uma verdadeira revolução nas ciências humanas, pois este campo de saber nos oferece ferramentas para construir uma pedagogia mais acolhedora, justa e amorosa, devido a sua forma de atuação, a qual derruba muros e ajuda a construir pontes. Estamos por demais excluídos pelas cercas disciplinares, que nos individualizam e nos separam, e impedem o nosso andar para a frente. Acreditamos que a partir deste trabalho, foi possível enxergar a necessidade de andarmos entre os campos de saber, apreendendo um sentido a partir do outro, para que estejamos preparados para atender às demandas educacionais e sociais que chegam até nós.

Desse modo, defendemos que a interdisciplinaridade proposta pelos Estudos Culturais se faz imprescindível para compreender os conflitos e as complexidades desse novo mundo digital, mas principalmente, para entender as pessoas e acolhê-las. E é justamente isso que o mundo precisa, de acolhimento, de oportunidades, de possibilidades, de esperança, e acima de tudo e de todos, de amor!

REFERÊNCIAS

ALESSI, Gil. Registro de novas armas no Brasil explode em 2020 em meio à alta de homicídios. **El País**, São Paulo, 27 de julho de 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-07-27/numero-de-novas-armas-registradas-no-brasil-explode-em-2020-em-meio-a-alta-de-homicidios.html>. Acesso em 30/05/2022.

AMANCIO, Nelly Luna; VELÁZQUEZ, Kennia; ZIEGLER, Glória; DIP, Andrea; CORREIA, Marianna. **Poderes impuros**. Disponível em: <https://apublica.org/2020/06/poderes-impuros/>. Acesso em 25/05/2022.

BAKHTIN, M. M. (VOLOCHÍNOV, V. N.). [1929]. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem**. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira, com a colaboração de Lúcia Teixeira Wisnik e Carlos Henrique D. Chagas Cruz. 16. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

_____ **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de Francois Rabelais**. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1993.

_____ **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

_____ **Para uma filosofia do Ato Responsável**. [Tradução aos cuidados de Valdemir Miotello & Carlos Alberto Faraco]. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

BASSINELLO, Patrícia Zaczuk; MIOTELLO, Valdemir. **UM DIÁLOGO SOBRE CULTURANA CONTEMPORANEIDADE: aproximações com a perspectiva do Círculo de Bakhtin**. Cadernos de estudos culturais, Campo Grande, MS, v. 2, p. 135-157, jul./dez. 2019.

BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. 5. Ed., 6ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2020.

_____ **Bakhtin: outros conceitos-chave**. 2. Ed., 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018.

BRUM, Eliane. **Mães Yanomami imploram pelos corpos de seus bebês**. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-06-24/maes-yanomami-imploram-pelos-corpos-de-seus-bebes.html>. Acesso em 25/06/2022.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. Tradução de Roneide Venâncio Majer; Prefácio: Fernando Henrique Cardoso. 18ª edição, Paz e Terra, São Paulo, 2017.

CEVASCO, Maria Elisa. **Dez lições sobre os Estudos Culturais**- Boitempo Editorial, São Paulo, 2003.

CHAGAS, Viktor (org.) **A cultura dos memes: aspectos sociológicos e dimensões políticas de um fenômeno do mundo digital**. Salvador: EDUFBA, 2020.

CONGRESSO EM FOCO. **Veja quais deputados e senadores fazem parte da bancada evangélica**. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/area/congresso-nacional/veja-quais-deputados-e-senadores-fazem-parte-da-bancada-evangelica/> Acesso em 30/07/2022.

ECO, Umberto. **O fascismo eterno**. Tradução de Eliana Aguiar. -10º ed. -Rio de Janeiro: Record, 2020.

GRUPO DE ESTUDOS DOS GÊNEROS DO DISCURSO-GeGe-UFSscar. **Palavras e contrapalavras: enfrentando questões da metodologia bakhtiniana**. São Paulo: Pedro e João Editores, 2012. 170 p.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. 2. Ed., 4ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2020. 160 p.

FREIRE, Sabrina. **STF decide contra Bolsonaro e libera governadores a restringirem locomoção**. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/justica/stf-decide-contrabolsonaro-e-libera-governadores-a-restringirem-locomocao/> Acesso em: 30/07/2022.

FURTADO, Rossana Martins. **Diálogos do cotidiano nas redes sociais: a liquidez discursiva nos memes**. Tese de doutorado. Espírito Santo: UFES: 2019.

GERALDI, J. W. **Heterocientificidade nos estudos linguísticos**. In. GEGe – Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso (orgs.). **Palavras e contrapalavras: enfrentando questões da metodologia bakhtiniana**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012a

GIOVANELLA, Ligia; MEDINA, Maria Guadalupe; AQUINO, Rosana; BOUSQUAT, Aylene. **Negacionismo, desdém e mortes: notas sobre a atuação criminosa do governo federal brasileiro no enfrentamento da Covid-19**. Disponível em <https://scielosp.org/article/sdeb/2020.v44n126/895-901/#>. Acesso em 30/07/2022

GUERRA, Gabriel Pontes Bueno. **Ministério do Meio Ambiente em 2019: retrospectiva do primeiro semestre**. Disponível em <https://www.politize.com.br/ministerio-do-meio-ambiente-em-2019/>. Acesso em: 20/04/2022

GONÇALVES, Luiz Davi Vieira; SOUSA, Marina; LUTAIF, Thamirez. **Covid-19 na Terra Indígena Yanomami: um paralelo entre as regiões do alto rio Marauaiá, alto Rio Negro e vale dos rios Ajarani e Apiaú**. Revista Mundo Amazônico: Amazonas, 2020.

G1. Ministro do Meio Ambiente defende passar 'a boiada' e 'mudar' regras enquanto atenção da mídia está voltada para a Covid-19. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/05/22/ministro-do-meio-ambiente-defende-passar-a-boiada-e-mudar-regras-e-simplificar-normas.ghtml> . Acesso em: 30/04/2022.

HALL, Stuart. **A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo.** In: THOMPSON, Kenneth (ed.). Media and cultural regulation. London, Thousand Oaks, New Delhi: The Open University; SAGE Publications, 1997. (Cap. 5)

_____ **A identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro-11. ed. -Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HUMAN RIGHTS WATCH (HRW); INSTITUTO DE ESTUDOS PARA POLÍTICAS DE SAÚDE (IEPS); INSTITUTO DE PESQUISA AMBIENTAL DA AMAZÔNIA (IPAM). **“O ar é insuportável ”-Os impactos das queimadas associadas ao desmatamento da Amazônia brasileira na saúde.** Disponível em: <https://www.hrw.org/pt/report/2020/08/26/376135>. Acesso em: 30/07/2022.

IG-SAÚDE. **2020: confira as 7 fake news mais perigosas sobre a pandemia de Covid-19.** Disponível em: <https://saude.ig.com.br/coronavirus/2020-12-23/2020-confira-as-7-fake-news-mais-perigosas-sobre-a-pandemia-de-covid-19.html> . Acesso em:20/05/2022.

LÉVY, Pierre, 1956. **Cibercultura.** Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 2010 (3ª. Edição). 272 p. (Coleção TRANS)

LIRIO, Sérgio. **Não temos vacina, mas podemos contar com o feijão milagroso do pastor Valdemiro.** Disponível em <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/nao-temos-vacinas-mas-podemos-contar-com-o-feijao-milagroso-do-pastor-valdemiro/> .Acesso em 30/07/2022.

LOPES, Marcos Rogério. **Arroz sobe em um ano quase oito vezes mais que o salário-mínimo.** Disponível em <https://renda-extra.r7.com/arroz-sobe-em-um-ano-quase-oito-vezes-mais-que-o-salario-minimo-14082022/>.Acesso em 30/07/2022.

MACHADO, Rosana-Pinheiro. **Sinofobia já é um fenômeno global.** Disponível em: <https://brasil.elpais.com/opiniao/2020-06-27/sinofobia-ja-e-um-fenomeno-global.html>. Acesso em 24/06/2022.

WD-MADE FOR MINDS. **Sob Bolsonaro, Brasil volta a cair em ranking de corrupção.** Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/sob-bolsonaro-brasil-volta-a-cair-em-ranking-de-corrupcao> . Acesso em: 20/06/2022.

MIOTELLO, Valdemir; BORGES, Rosângela Ferreira de Carvalho; RUFO; AllineDuarte; MORAIS; Flávia Cristina Gomes; COELHO; Francimeire Leme; TESSARIM, Gabriela; FREITAS, Monique Amaral de; AZARA, Thailini Juliana Agostinho de; FERREIRA,

Vanessa de Melo. **Na arena do riso. A linguagem restaurando a vida.** São Carlos: Pedro e João Editores, 2013.

MOURA, Edite Marques de. **Leitura em Bakhtin e Paulo Freire-Palavras e mundos.** São Carlos: Pedro e João Editores, 2019. 193 p.

OLIVEIRA, Marcelo; MELLO, Igor. **Saiba em que estados e cidades já foi decretado o lockdown no Brasil.** Disponível em <://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/05/09/saiba-onde-ja-foi-decretado-o-lockdown-no-brasil.htm?> Acesso em :30/06/2022.

OPAS-Organização Pan-Americana da Saúde. **OMS afirma que COVID-19 é agora caracterizada como pandemia.** <https://www.paho.org/pt/news/11-3-2020-who-characterizes-covid-19-pandemic> . Acesso em 30/06/2022.

PANCINI, Laura. **Lockdown funciona? O que diz a ciência sobre as medidas de distanciamento social?** Disponível em: <https://exame.com/ciencia/lockdown-funciona-o-que-diz-a-ciencia-sobre-as-medidas-de-distanciamento-social/>. Acesso: 30/07/2022.

PAULA, Luciane de. **Círculo de Bakhtin:uma Análise Dialógica de Discurso.** Rev. Est. Ling., Belo Horizonte, v. 21, n. 1, p. 239-258, jan./jun. 2013.

PAJEÚ, Hélio Márcio. **A estética da cultura popular na folia de momo do Recife: questões de alteridade, corporeidade e transgressão.** Tese de doutorado. São Carlos: UFScar,2015.

PAJEÚ, Hélio Márcio; MIOTELLO, Valdemir. **A compreensão da cultura pelo ato responsável pela alteridade da palavra dialógica nos estudos bakhtinianos-** Cad. Est. Ling., Campinas, v.60 n.3 p. 775-794 - set./dez. 2018

PODER 360. **Salles sugere ‘ir passando a boiada’ para mudar regras durante pandemia.** Disponível em: <https://www.poder360.com.br/governo/salles-sugere-ir-passando-a-boiada-para-mudar-regras-durante-pandemia/> Acesso em: 20/04/2022.

RAQUEL, Martha. **Roraima tem maior índice de mortes por covid-19 para cada 100 mil habitantes do país.** Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/07/23/roraima-tem-maior-indice-de-mortes-por-covid-19-para-cada-100-mil-habitantes-do-pais>. Acesso em: 30/05/2022.

RATHSAM, Luciana. **Negacionismo na pandemia: a virulência da ignorância.** Disponível em:<https://www.unicamp.br/unicamp/noticias/2021/04/14/negacionismo-na-pandemia-virulencia-da-ignorancia> . Acesso em 30/07/2022.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais** / Tomaz Tadeu da Silva (org.). Stuart Hall, Kathryn Woodward. 15. ed. -Petrópolis, RJ: Vozes,2014.

SOBRAL, Adail; GIACOMELLI, Karina. **Observações didáticas sobre a análise dialógica do discurso – ADD**. Revista eletrônica Domínios de Lingu@gem | Uberlândia | vol. 10 n.3 | jul./set. 2016

SOUZA, Marcelle. **Brasil deveria liberar a posse e o porte de armas? Especialistas explicam**. UOL, São Paulo, 09 de março de 2021. Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2021/03/09/brasil-deveria-liberar-a-posse-de-armas-especialistas-explicam-a-questao.htm>. Acesso em 30/05/2022.

NOTÍCIAS UOL. **Sem provas, Bolsonaro volta a culpar índios; Salles nega desmatamento**. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/meio-ambiente/ultimas-noticias/redacao/2020/09/24/sem-provas-bolsonaro-volta-a-culpar-indios-por-fogo-salles-ve-perseguido.htm>. Acesso em: 20/04/2022

WWF. **Amazônia, desmatamento e queimadas: um novo desastre em 2020**. Disponível em:https://www.wwf.org.br/natureza_brasileira/areas_prioritarias/amazonia1/amazonia_desmatamento_e_queimadas_uma_nova_tragedia_em_2020/. Acesso em: 30/07/2022.